

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA**

**THIAGO REISDORFER**

**Universidade vivenciada na cidade:  
estudantes da Unioeste em Marechal Cândido Rondon/PR (1994-2009)**

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON**

**2011**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**  
**CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA**

**THIAGO REISDORFER**

Universidade vivenciada na cidade:  
estudantes da Unioeste em Marechal Cândido Rondon/PR (1994-2009)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em História como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História, Poder e Práticas Sociais. Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Campus de Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Orientação do Prof. Dr. Robson Laverdi.

Marechal Cândido Rondon

2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

R375u Reisdorfer, Thiago  
Universidade vivenciada na cidade: estudantes da Unioeste em Marechal Cândido Ronon/PR )1994-2009) / Thiago Residorfer. - Marechal Cândido Rondon, 2011.  
139 p.

Orientador: Prof. Dr. Robson Laverdi

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2011.

1. Marechal Cândido Rondon - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Vivências de Jovens. 2. Jovens universitários - Memórias. 3. Marechal Cândido Rondon - Vivências interculturais. 4. Sociologia urbana. I. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II. Título.

CDD 21.ed. 378.103

302

CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini Leitzke CRB-9/539

**Àqueles que, de diversas formas, contribuíram para a realização deste trabalho.**

**A você, leitor.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Mario e Hulda, pelo incondicional apoio e suporte durante toda a minha trajetória. Pelos exemplos de garra e superação constantes em suas vidas. Sua dedicação a mim jamais será esquecida.

À Diná, companheira de caminhada nos últimos quase dois anos. Com votos de que sejam muitos mais.

Ao Robson, mais do que professor e orientador, um amigo para a vida toda. Agradeço-lhe profundamente pela confiança em mim depositada. Agradeço também pelos conselhos, puxões de orelha, risadas e brincadeiras. Enfim, ao companheirismo construído nessa caminhada.

À Loici, Rita e Anderson, mais do que irmãos, companheiros de todas as horas. Ao Carlito, Felipe e Leandro, cujas companhias tanto aprecio.

À Evani e Dolores que, apesar de mais distantes, estiveram sempre carinhosamente em meus pensamentos.

Ao Rapha, Aninha, Jorge e Vini, amigos fiéis, praticamente uma segunda família.

À professora Geni, por sua imprescindível contribuição, sem a qual este trabalho seria inviável.

Às professoras Yonissa, Méri e Sonia Mendonça, que muito contribuíram para o meu crescimento intelectual.

Ao Cristian (Leite), Ozzy, Kleber, Astor, Jacky, Gilson e Danusa pelo apoio em diversos momentos de meu caminho.

Aos colegas das cinco repúblicas pelas quais passei nesses dois anos e meio.

À PTI C&T/FPTI-BR pelo apoio logístico e financeiro.

Aos entrevistados, que me concederam um voto de confiança ao narrarem suas trajetórias.

## RESUMO

Universidade vivenciada na cidade:  
estudantes da Unioeste em Marechal Cândido Rondon/PR (1994-2009)

Esta pesquisa problematiza vivências de jovens estudantes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, *campus* de Marechal Cândido Rondon/PR, na fronteira entre Brasil e Paraguai, tendo como recorte temporal o período entre os anos de 1994 e 2009. A universidade, comumente idealizada enquanto espaço de desejos, neste trabalho foi tomada como lugar de múltiplas tensões, conflitos, trocas e diálogos, sendo valorizadas as significações que o ingresso nesta circunstância da vida social assume nas narrativas de estudantes provenientes de vários espaços dessa região e do país. Tanto como a universidade, a cidade de Marechal Cândido Rondon foi problematizada como lugar de vivências interculturais, buscando não perder de vista a ideia de que este espaço é, na maioria das vezes, e concomitantemente, um espaço social também desejado. Nesse sentido, a universidade é vivenciada *na* e *através* da cidade, sendo que este imbricamento de questões pode evidenciar problemáticas específicas relativas à historicidade de suas vivências. Nesta trama de questões, atenta-se principalmente para múltiplas e complexas relações entre universitários provenientes de outras localidades, que estabelecem moradia neste espaço urbano com diferentes grupos sociais nele constituídos. Em termos metodológicos, enfatiza-se o uso de fontes orais, problematizando memórias de jovens universitários a partir de contribuições teórico-metodológicas da história oral. Estas discussões aparecem no texto de maneira dialógica e aprofundadas em três pontos. Primeiramente, problematiza-se a multiplicidade de caminhos e expectativas que levaram os jovens à Unioeste e a Marechal Cândido Rondon. Depois foi dada atenção às vivências interculturais na relação cidade/universidade. E por último, analisadas experiências limiares acerca do momento de conclusão do ensino superior.

**Palavras-chave:** Juventude; Subjetividade; Cidade.

## ABSTRACT

The University experienced in the city:  
Unioeste Students from Marechal Cândido Rondon/PR (1994-2009)

This search discusses youth experiences of students from Universidade Estadual do Oeste do Paraná (West Paraná State University), Unioeste, *campus* of Marechal Cândido Rondon/PR, on the Brazil and Paraguay border, analyzing the temporal clipping from 1994 to 2009. The University, commonly conceived as an desire field, it is assumed, however, in this work, as a place of multiple conflicts, tensions, exchanges and dialogues, evaluating the meanings that the joining in this social life circumstances assumes in the students narratives from many places of this region and country. The University and the Marechal Cândido Rondon town were reported as a place of intercultural experiences, trying not losing the idea that this space is usually and concomitantly a social space as well as desired. This way, the University is experienced *in* and *through* the city, and this problematic can highlight specific issues concerning the historicity of those experiences. About these issues, it is paid more attention to the multiple and complex relationships between the university students coming from other cities to live there with different social groups in the city. The methodology terms are emphasized in the use of oral sources, discussing memories of young university students from the theoretical-methodological contributions of the Oral History. These discussions are shown in this research in a dialogic way and mainly concerned on three points: first, to discuss the multiple paths and expectations that led youths to Unioeste and Marechal Cândido Rondon; then, it is given special attention to intercultural experiences in the relationship between the city and University; and, at last, it is analyzed verge experiences about the moment of the graduation conclusion.

**Keywords:** Youth; Subjectivity; City.

## LISTA DE ABREVIATURAS

UNIOESTE: Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

FACIMAR: Faculdade de Ciências Humanas de Marechal Cândido Rondon.

FACISA: Faculdade de Ciências Sociais de Foz do Iguaçu

FECIVEL: Faculdade de Ciências e Letras de Cascavel

FACITOL: Faculdade de Ciências Humanas de Toledo.

Colonizadora Maripá: Madeireira e Colonizadora Rio Paraná

IES: Instituição de Ensino Superior

PROUNI: Programa Universidade Para Todos

Fies: Fundo de Financiamento do Ensino Superior

Fasul: Faculdade Sul Brasil

MSN: Microsoft Service Network

AABB: Associação Atlética do Banco do Brasil

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1: Mapa do Paraná com destaque para a região Oeste .....</b>	<b>12</b>
<b>Figura 2: Mapa com a distribuição das IES no Paraná .....</b>	<b>15</b>

## SUMÁRIO

<b>Apresentação.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo I – Uma Universidade, Várias Trajetórias.....</b>	<b>29</b>
<b>Capítulo II – Viveres Universitários na Cidade.....</b>	<b>71</b>
<b>Capítulo III – Experiências de Egresso.....</b>	<b>100</b>
<b>Considerações Finais. ....</b>	<b>131</b>
<b>Referências.....</b>	<b>135</b>
<b>Fontes .....</b>	<b>137</b>

## **Apresentação<sup>1</sup>**

O objetivo deste trabalho é compreender historicamente múltiplas experiências de jovens estudantes universitários da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, doravante Unioeste, *campus* de Marechal Cândido Rondon, vivenciadas na e a partir de sua sede nesta cidade. Tomo como recorte temporal o período que se prolonga do reconhecimento da Unioeste enquanto instituição de ensino superior pública e gratuita em 1994 até o ano de 2009, momento em que inicio a pesquisa. As experiências dos universitários problematizadas nesta pesquisa são aquelas relativas aos que se deslocaram de outras localidades, de diferentes procedências, para Marechal Cândido Rondon, no intuito de cursarem o ensino superior, no *campus* da instituição na cidade.

O ensino superior em Marechal Cândido Rondon surgiu em 1980, com a fundação da Faculdade de Ciências Humanas de Marechal Cândido Rondon - FACIMAR. Nesse momento, foram implantados três cursos: História, Letras e Ciências Contábeis. Em 1983, a FACIMAR foi ampliada com a inclusão dos cursos de Administração e Educação Física. Em 1994 ocorreu o processo de reconhecimento da UNIOESTE, a partir de um movimento de junção de quatro faculdades fundacionais da região, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cascavel - FECIVEL, a Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Foz do Iguaçu - FACISA, a Faculdade de Ciências Humanas de Toledo - FACITOL e a FACIMAR. A partir de então, a UNIOESTE continuou a se expandir no plano regional e estadual, assim como na própria cidade de Marechal Cândido Rondon. Nesse movimento, foi fundado, em 1995, o curso de Agronomia. Em 1997 o curso de Geografia; em 1999, o curso de Zootecnia e, finalmente, em 2002, o curso de Direito. Totalizando assim, nove cursos de graduação, sendo que o curso de Letras passa em 2003 por uma reestruturação dividindo-se em três habilitações: Letras Português/Alemão, Letras Português/Espanhol e Letras Português/Inglês. Além desses cursos, conta com quatro programas de pós-graduação em nível de Mestrado já implantados, nas áreas de Agronomia, Zootecnia, Geografia e História. Há ainda o programa de doutorado em Agronomia, além de diversos programas de pós-graduações *lato sensu*.

---

<sup>1</sup> Este trabalho contou com financiamento, através de bolsa, da PTI C&T/FPTI-BR.

Vivenciar a cidade de Marechal Cândido Rondon, enquanto universitário, é uma experiência marcada por especificidades que incluem pertenças a esse grupo social constituído na cidade. Problematizar múltiplas experiências de universitários que nela vivem, a partir de uma perspectiva que leve em conta o processo de construção de suas identificações, bem como a reelaboração cultural nesse viver urbano é uma perspectiva da pesquisa. Essa dissertação dialoga com minha própria experiência enquanto estudante universitário entre 2004 e 2007, e enquanto sujeito que via na cidade um local de desejos e de realizações de expectativas.

Residi durante grande parte da vida, pelo menos até os 17 anos, no meio rural do município de Mercedes, que se emancipou do município de Marechal Cândido Rondon no início da década de 1990. Durante esse tempo, residia em uma pequena propriedade rural, que se localizava a cerca de dois quilômetros da “vila” mais próxima: Três Irmãs. Essa localidade tinha aproximadamente 500 habitantes, mas possuía igreja, bares, escola e casas comerciais, constituindo-se, dessa forma, num importante ponto de encontro para a população daquelas cercanias. Já aos 17 anos, tendo ingressado na Unioeste, no curso de História, mudei-me, juntamente com a família, para Mercedes, onde trabalhei numa fábrica de confecções por quase três anos. Foi em 2007, momento em que eu estava no 4º ano do curso, que me mudei para Marechal Cândido Rondon, vindo a morar, a partir de então, em residências compartilhadas com outros estudantes.

Trabalhar com a categoria sócio-histórica “cidade” tem sido, além de uma grata surpresa, um desafio assumido por mim no Programa de Mestrado em História. A cidade nunca foi para mim apenas um lugar de moradia, mas sim, um lugar desejado, onde poderia encontrar minha “liberdade”, ter acesso a espaços de entretenimento diversos, empregos de melhor qualidade, sociabilidades múltiplas, entre outras coisas. Com essas expectativas passei a morar em Marechal Cândido Rondon. No entanto, a realidade da vida cidadina com a qual me deparei se mostrou diferente da esperada. Desejava encontrar diferentes e diversos espaços de entretenimento, entretanto houve a decepção pela ausência, por exemplo, de cinemas, livrarias, boates. Imaginava conseguir emprego de qualidade, no entanto, minhas atividades profissionais entre os anos de 2007 a 2009 restringiram-se a empregos informais como garçom, atividade essa só interrompida com o recebimento de uma bolsa de estudos. Assim, ao invés da cidade desejada e idealizada, encontro uma cidade diferente, com múltiplas possibilidades, mas com iguais limitações.



Esta cidade se constituiu numa área de fronteira, margeada pelo Lago de Itaipu, situando-se enquanto polo microrregional, principalmente no âmbito dos municípios que se emanciparam em meados da década de 1990, sendo eles: Mercedes, Entre Rios, Quatro Pontes e Pato Bragado. Formou-se a partir da década de 1950, com a Madeireira e Colonizadora Rio Paraná - Maripá<sup>3</sup>. Sua população era formada basicamente por migrantes, em sua maioria vinda do Sul do país, sendo a ascendência alemã comum entre os mesmos. Emancipou-se politicamente em 1960. Em 1982, com a formação do Lago de Itaipu, teve coberta pelas águas uma área total de 5.604 hectares de terras, o que gerou um impacto econômico e social significativo, visto que a produção agrícola era o principal sustentáculo da economia local. Ainda hoje se constitui como um importante centro urbano da região, importância essa devido tanto à centralidade econômica em relação aos municípios que se emanciparam, bem como, à infraestrutura urbana apresentada pela mesma como, hospitais, supermercados, indústrias geradoras de empregos, etc. Em 2010 contava, segundo dados do IBGE<sup>4</sup>, com 46.528 habitantes. Sua economia, como se pode ver na tabela 1, é fortemente baseada na agricultura. Esse dado vale tanto para Marechal Cândido Rondon quanto para a microrregião de Toledo, na qual a cidade está incluída na tabela:

Tabela 1: Produto Interno Bruto a Preços Básicos por Setores de Atividades, Segundo Unidades Territoriais do Paraná- 1997-2004.

UNIDADE TERRITORIAL	VARIÁVEL	ANOS							
		1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Estado do Paraná	PIB - Total (R\$ 1.000,00)	50.244.276	54.323.171	58.278.345	61.141.123	67.707.130	77.467.163	94.040.268	102.494.505
	PIB - Agropecuária (%)	14,04	14,00	14,11	13,66	13,03	16,21	19,67	18,39
	PIB - Indústria (%)	38,13	37,49	39,71	41,27	43,81	40,79	39,94	39,97
	PIB - Serviços (%)	47,83	48,50	46,18	45,07	43,17	43,00	40,39	41,65
MRG de Toledo	PIB - Total (R\$ 1.000,00)	2.005.822	2.080.955	2.309.828	2.293.110	2.584.696	3.287.684	4.583.566	4.435.764
	PIB - Agropecuária (%)	34,10	33,23	35,88	33,96	33,45	38,22	43,16	39,06
	PIB - Indústria (%)	23,26	23,79	23,25	25,55	27,37	25,28	25,26	25,31
	PIB - Serviços (%)	42,64	42,99	40,87	40,49	39,18	36,50	31,58	35,63
Mun. Marechal Cândido Rondon	PIB - Total (R\$ 1.000,00)	249.984	263.506	295.342	300.004	342.157	411.627	588.013	560.509
	PIB - Agropecuária (%)	23,85	25,14	24,61	26,53	24,52	26,69	30,75	28,37
	PIB - Indústria (%)	28,90	28,35	28,39	29,89	32,30	31,49	34,41	32,98
	PIB - Serviços (%)	47,25	46,51	47,00	43,57	43,18	41,82	34,84	38,65

<sup>3</sup>A Colonizadora Maripá era a proprietária das terras e responsável pela ocupação do território de Marechal Cândido Rondon.

<sup>4</sup> IBGE. Dados Populacionais (2010). Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/censo2010/dados\\_divulgados/index.php?uf=41](http://www.ibge.gov.br/censo2010/dados_divulgados/index.php?uf=41). Acesso em 1º de dezembro de 2010.

Como é possível visualizar, o peso da agricultura na economia, tanto no município de Marechal Cândido Rondon, quanto da microrregião de Toledo, é relativamente elevado na comparação com o restante do Estado, constituindo-se numa especificidade do município. Tal situação econômica foi amplamente utilizada como justificativa para a implantação dos cursos de Agronomia e Zootecnia no campus da Unioeste, sob a alegação de que estes cursos viriam a atender demandas locais e regionais.

O Paraná conta com uma rede de Universidades públicas estaduais espalhadas pelo interior do Estado. Diferentemente de outros Estados do país, conta com apenas duas instituições de ensino superior federais, a Universidade Federal do Paraná e a Universidade Federal Fronteira Sul, que possui *campi* nos três Estados da região Sul do país. Entretanto, em 2005, o governo federal aprovou a transformação do CEFET-PR em Universidade Tecnológica do Paraná, que conta hoje com 12 *campi*. Já a Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná, transformada em 2008 em Instituto Tecnológico Federal do Paraná, conta com 14 *campi*, por todo o Estado. Desde a década de 1960 houve um movimento de implantação de faculdades e universidades espalhadas pelo interior do Estado. Hoje, o Paraná conta com sete universidades estaduais espalhadas por todo o seu território, como pode ser visualizado no mapa 2:

Mapa 2: Mapa com a distribuição das IES no Paraná<sup>5</sup>

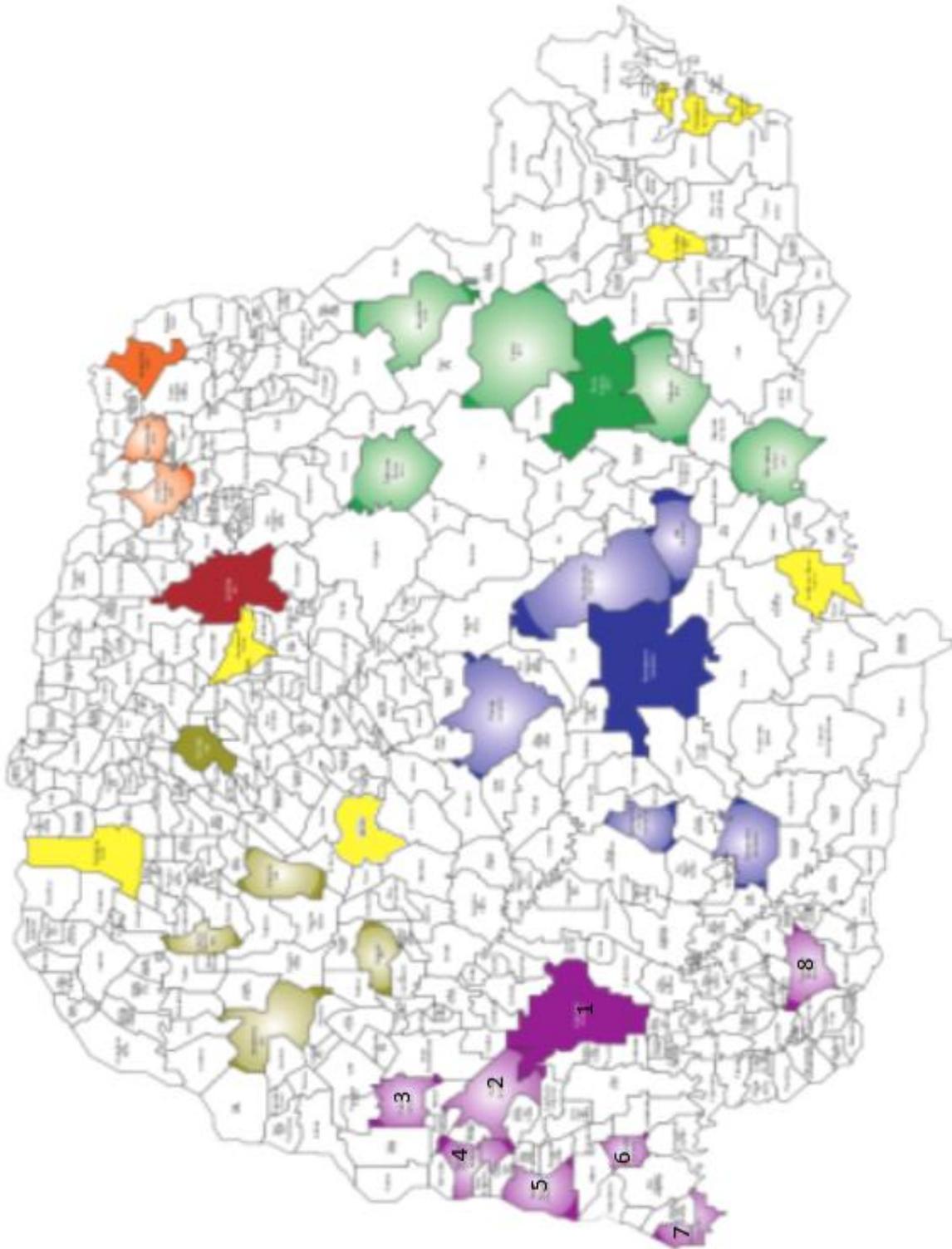


Figura 31) Lilás: Unioeste; Bege: UEM; Verde: UEPG; Vermelho: UEL; Azul: Unicentro; Laranja: UENP; Amarelo: Universidade Estadual do Paraná. Municípios: 1: Cascavel; 2: Toledo; 3: Palotina; 4: Marechal Cândido Rondon; 5: Santa Helena; 6: Medianeira; 7: Foz do Iguaçu; 8: Palotina.

<sup>5</sup> SETI. Mapa com a distribuição das IES no Paraná. Disponível em: <http://www.seti.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=51> Acesso em: 13/06/2011.

A presença destas instituições possibilita que a população de regiões afastadas dos grandes centros populacionais do Estado ou do país tenham acesso à instituições de ensino superior próximo a seus locais de origem.

A expansão do ensino superior no Paraná não é um evento isolado quando pensamos a situação do ensino superior no Brasil nas últimas três ou quatro décadas. Como podemos ver na tabela a seguir houve um forte aumento no número de vagas nas instituições de ensino superior brasileiras:

Tabela 2<sup>6</sup>: Evolução do número de matrículas no ensino superior brasileiro:

1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
1.377.286	1.386.792	1.407.987	1.438.992	1.399.539	1.367.609	1.418.196
1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993
1.470.555	1.503.555	1.518.904	1.540.080	1.565.056	1.535.788	1.594.668
1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
1.661.034	1.759.703	1.868.529	1.535.788	1.594.668	2.369.245	2.694.245
2001	2002	2003	2004	2005	2006	
3.030.754	3.479.913	3.887.022	4.163.733	4.453.156	4.676.646	

Nesta tabela é possível visualizar que em menos de 30 anos o número de vagas no ensino superior no Brasil mais do que triplicou. Tal feito foi possível tanto pela expansão do ensino superior público, quanto pela expansão do ensino superior privado. Se em 1992 o ensino superior privado abrangia 59% das vagas, tal percentual chega a 70% em 2002<sup>7</sup>. Tal expansão não ficou restrita aos grandes centros. Em Marechal Cândido Rondon, em 2001, foi criada a sua primeira faculdade privada, a ISEPE - Rondon, que oferecia o curso de Administração com ênfase em Comércio Exterior. Já em 2002 foi criada a Falurb – Faculdade Luterana Rui Barbosa, que oferecia os cursos de Administração com ênfase em Empreendedorismo e Administração com ênfase em Gestão Ambiental. No caso da Unioeste, essa expansão fica bastante clara na tabela 3:

<sup>6</sup> INEP: Censo da Educação Superior. Dados disponíveis em: <http://portal.inep.gov.br/web/centso-da-educacao-superior/evolucao-1980-a-2007> Acesso em: 13/06/2011.

<sup>7</sup> Dados disponíveis em: [http://www.portaldeensino.com.br/index.php?pag=pruni.php&pubnoticias\\_do=artigo&pubnoticias\\_artigo=110&pubnoticias\\_pg=0](http://www.portaldeensino.com.br/index.php?pag=pruni.php&pubnoticias_do=artigo&pubnoticias_artigo=110&pubnoticias_pg=0). Acesso em: 13/06/2011.

Tabela 3<sup>8</sup>: Evolução do número de alunos da Unioeste campus de Marechal Cândido Rondon.

<b>1980</b>	<b>1981</b>	<b>1982</b>	<b>1983</b>	<b>1984</b>	<b>1985</b>	<b>1986</b>	<b>1987</b>	<b>1988</b>
<i>150</i>	<i>225</i>	<i>248</i>	<i>352</i>	<i>562</i>	<i>679</i>	<i>750</i>	<i>876</i>	<i>913</i>
<b>1989</b>	<b>1990</b>	<b>1991</b>	<b>1992</b>	<b>1993</b>	<b>1994</b>	<b>1995</b>	<b>1996</b>	<b>1997</b>
<i>1.075</i>	<i>1.007</i>	<i>1.001</i>	<i>942</i>	<i>932</i>	<i>978</i>	<i>1.039</i>	<i>1.055</i>	<i>1.110</i>
<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>
<i>1.176</i>	<i>1.313</i>	<i>1.468</i>	<i>1.483</i>	<i>*</i>	<i>1.568</i>	<i>1.684</i>	<i>1.790</i>	<i>1.806</i>
<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>					
<i>1.819</i>	<i>1.837</i>	<i>1.768</i>	<i>1.677</i>					

A presença da universidade na cidade não é algo que pode ser visto como “natural”, apesar de poder, num primeiro e superficial olhar, parecer algo sem conflitos. Ao falar da Unioeste em Marechal Cândido Rondon é necessário ressaltar que a mesma não deve ser tomada apenas enquanto uma instituição, mas também enquanto lugar articulador de anseios, desejos, conflitos, disputas e trocas socioculturais. Pensá-la apenas como uma instituição impediria que percebêssemos a historicidade das trajetórias de sujeitos que a compõem, constroem, vivenciam, disputam. A Unioeste aglutina em torno de si interesses de diversos grupos sociais, empresários locais, políticos das diversas esferas, profissionais ligados ao campo acadêmico, professores, técnicos administrativos, pesquisadores, bem como estudantes das mais variadas procedências e vinculações sociais. Nesse sentido, é interessante problematizar como os estudantes universitários têm constituído historicamente suas vivências calcadas na experiência cidadina e na historicidade da presença da instituição neste local e no espaço regional, nos quais e a partir dos quais este conjunto de experiências pode ser compreendido.

Os universitários, cujas narrativas são objetos de estudo neste trabalho, ingressaram num momento específico das universidades brasileiras. Além da forte expansão ocorrida nos últimos 30 anos, como pode ser visualizado na tabela 2, a primeira década deste século foi marcada por uma série de debates acerca do ensino superior. Neste período foram debatidas e instituídas as cotas raciais nas universidades, sendo que diversas instituições as adotaram, o que não foi o caso da Unioeste, a não ser no caso de indígenas. Posteriormente, este debate se deslocou para a possibilidade de criação de cotas “sociais”, ou seja, a possibilidade de cotas para estudantes de baixa

<sup>8</sup> Dados fornecidos pela secretaria acadêmica da Unioeste.

renda oriundos da escola pública. Já no vestibular de 2009 a Unioeste aderiu a tal sistema reservando 40% de suas vagas para estudantes que tenham frequentado apenas escolas públicas, ou escolas particulares com bolsa integral. Paralelo a esse processo, no âmbito federal, houve a criação e o desenvolvimento do Programa Universidade para Todos - Prouni, que concede bolsas de estudos em instituições de ensino superior privadas. Estas bolsas podem ser de dois tipos, integral ou parcial. A bolsa integral paga toda a mensalidade do curso, enquanto a bolsa parcial a metade dos custos. Esta bolsa, ao contrário do Fies – Programa de Financiamento Estudantil – não necessita de devolução após a conclusão do curso.

No ano de 2010, a Unioeste, *campus* de Marechal Cândido Rondon, tinha 1.677 alunos matriculados, segundo informações fornecidas pela Secretaria Acadêmica. Esse número corresponde a 3,6% da população total do município. Desses estudantes, muitos são originários de outras localidades, migrando para Marechal Cândido Rondon no intuito de cursar o ensino superior. Outros, ainda, residem nas mesmas, dirigindo-se diariamente para a universidade.

Compreendendo a multiplicidade dos estudantes que cursam ou cursaram algum curso superior na Unioeste desta cidade, opto aqui por trabalhar com universitários que se deslocaram de outras localidades, passando a residir em Marechal Cândido Rondon, no intuito de cursar o ensino superior. Sendo assim, problematizarei experiências de sujeitos que, provenientes de outras localidades, urbanas ou rurais, passaram a residir na cidade.

A cidade é aqui entendida como um espaço múltiplo e diverso, marcado e formado por trocas, diálogos, conflitos e tensões. Sua formação e composição social e histórica não são entendidas como algo uniforme e fechado. A cidade é um processo em constante construção, nunca completado. Está em constante negociação com o espaço que a circunda, seja o campo, sejam outros espaços urbanos. Nesse sentido, é interessante o diálogo com a noção de cidade de Marcel Roncayolo:

Por um lado, a cidade não pode ser entendida unicamente no interior dos seus limites: ela está em relação mais ou menos estreita com o espaço que a circunda, com outras cidades e, eventualmente, com outros espaços mais distantes, e apresenta-se, pois, a níveis diferentes, como o centro de um controle territorial. Assim se desenvolvem as noções de “rede urbana” e de “estrutura urbana”.

Por outro lado, a cidade não pode reduzir-se nem a um conjunto de objetos urbanos nem a uma combinação de funções: agrupa uma população caracterizada por certa composição demográfica, étnica, ou

social; é uma forma de comunidade (em certos casos, de coexistência de comunidades) ou de coletividade; é, por princípio, essencialmente política.<sup>9</sup>

Pensar a cidade nessa perspectiva é problematizá-la enquanto uma construção histórica, como amálgama de significados, desejos, discursos. A noção de cidade proposta por Roncayolo possibilita pensá-la em diálogo com seu meio, não de forma essencializada, mas a percebendo numa perspectiva relacional. Nessa perspectiva, a cidade não é fruto apenas de uma determinada função ou localização geográfica privilegiada, apesar de poder se constituir também dessa forma. A cidade é uma trama de relações sócio-históricas, se constituindo como o ponto nodal a partir do qual diversos sujeitos vivem e experimentam as realidades urbanas a partir de diálogos, tensões, trocas e conflitos.

Entendo as cidades não apenas como espaços homogêneos de experimentação cotidiana, mas como lugares a partir dos quais sujeitos reconstruem, recompõem e ressignificam suas identidades e memórias. A cidade é ao mesmo tempo aproximação e distanciamento, pois se aproxima de práticas sociais da urbe e se distancia de práticas espacializadas em outras historicidades, como o campo. Nesse sentido, torna-se interessante perceber o olhar para uma cidade múltipla construída na percepção de Antonio Augusto Arantes Neto:

Situo esta narrativa no que denomino paisagem urbana, este objeto que se mostra ao mesmo tempo múltiplo em sua argamassa histórica formadora, apreensível, nas configurações e fragmentos resultantes da disjunção que se produz na economia global, e ampliado, seja devido às possibilidades de relacionamento social a distância, seja em decorrência das novas contiguidades produzidas pelos deslocamentos e realocações de pessoas. Na verdade, trato de algo que a um só tempo é paisagem e passagem, pois, nas configurações espaciais e recomposições de identidade sobre as quais escrevo, aninham-se os trânsitos e deslocamentos por onde se infiltram cenas futuras e pelos quais, na frase benjaminiana, a dialética escava, revolve e traz novamente à superfície os monumentos de uma existência que se consumou.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> RONCAYOLO, Marcel. **Cidade**. In: Enciclopédia Einaudi, vol. 8. Lisboa, Casa da Moeda, 1986, p. 396-487.

<sup>10</sup> NETO, Antonio Augusto Arantes. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público**. Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, p. 14.

A cidade é problematizada não só como o ambiente no qual sua história, e dos sujeitos que a compõem, se desenvolvem. Mas, passa a ser um dos determinantes que proporcionam condições para as histórias dos sujeitos. Os universitários, ao dialogarem com a cidade de Marechal Cândido Rondon, a encontram num processo de contínua construção. A cidade não pode ser entendida apenas enquanto concreto e asfalto, mas como o conjunto de subjetividades que a constroem e a atravessam, ao mesmo tempo em que são por ela construídas e atravessadas. Nessa perspectiva, a cidade que os universitários encontram está, a partir desse lugar, fazendo-se, numa relação dialética com múltiplos grupos sociais que a vivenciam. Dessa forma não pode ser tomada como uma categoria estática, idealizada, mas como um processo de contínuo fazer-se.

Para problematizarmos a cidade é preciso perceber ainda que a mesma é também imaginada, idealizada. A ela se articulou durante séculos uma imagem de “modernidade”. No intuito de problematizá-la em seus múltiplos aspectos, não apenas materiais, mas também subjetivos, imaginados, dialogo com a ideia de que:

Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vidas fundamentais, remonta à antiguidade clássica.<sup>11</sup>

Como se pode depreender do fragmento, Raymond Williams não problematizou a cidade em sua construção histórica como oposição ao campo. Nessa oposição, a cidade passou a ser associada ao “moderno”, ao lugar das “luzes”, enquanto o campo passou a ser identificado como o lugar do “atraso”, da “ignorância”. Tal problemática ressurge nas narrativas de universitários, tal como veremos no primeiro e no segundo capítulos, entre jovens provenientes de espaços rurais.

Os diversos meios de comunicação apresentam, de uma maneira geral, à sociedade uma determinada idealização do viver na cidade. Ao mesmo tempo em que procuram apresentar as cenas de violência cotidiana, que contribuem para dar a ela uma

---

<sup>11</sup> WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade:** na História e na Literatura. São Paulo, Cia das Letras. 1989, p. 11.

aura de constante violência, apresentam, em seus diversos canais, a cidade como o lugar por excelência do desenvolvimento humano. É na cidade que os meios de comunicação apresentam a possibilidade de diversão, de emprego, de estudos, silenciando possibilidades apresentadas por outros contextos. O campo é apresentado como um lugar idílico, marcado pelo sotaque caipira, pelo trabalho tranquilo, ou pelos grandes romances, tal como é apresentado pelas telenovelas. Exemplo dessa forma de representar o campo pode ser visto no *reality show* A Fazenda, apresentada pela rede Record de televisão, entre outros. Ao mesmo tempo, os meios de comunicação apresentam uma imagem do campo como o lugar do conflito pela terra, dos movimentos sociais, ofuscando a existência dos mesmos na cidade. Apesar de apresentarem tais visões, que a um primeiro e superficial olhar possam parecer imparciais, pois demonstram aspectos tanto da cidade como do campo, a forma como isso é apresentado ao público elabora e fortalece imagens construídas historicamente sobre essas duas espacializações onde se concentram as vidas humanas. Ao problematizar essas perspectivas, Williams faz a seguinte consideração:

A realidade histórica, porém, é surpreendentemente variada. A “forma de vida campestre” engloba as mais diversas práticas – de caçadores, pastores, fazendeiros e empresários agroindustriais –, e sua organização varia da tribo ao feudo, do camponês e pequeno arrendatário à comuna rural, dos latifúndios e *plantations* às grandes empresas agroindustriais capitalistas e fazendas estatais. Também a cidade aparece sob numerosas formas: capital do Estado, centro administrativo, centro religioso, centro comercial, porto e armazém, base militar, polo industrial. O que há em comum entre as cidades antigas e medievais e as metrópoles e conurbações modernas é o nome e, em parte, a função – mas não há em absoluto uma relação de identidade. Além disso, em nosso próprio mundo, entre os tradicionais extremos de campo e cidade existe uma ampla gama de concentrações humanas: subúrbio, cidade-dormitório, favela, complexo industrial. Mesmo o conceito de aldeia, aparentemente simples, revela ao longo da História uma grande diversificação – seja de tamanho e natureza, seja, internamente, quanto ao fato de as comunidades serem dispersas ou nucleadas, e isso tanto na Grã-Bretanha como em qualquer outro lugar.<sup>12</sup>

Essa perspectiva é complementar àquela apresentada no diálogo com Roncayolo. Tanto a cidade como o campo não podem ser tomados como categorias idealizadas, mas em diálogo constante entre o seu contexto sócio-histórico, local, regional e nacional.

---

<sup>12</sup>Idem, p.11-12.

Os universitários se inserem numa cidade que já convive com um conjunto de valores e significações e, a partir de suas subjetividades, reelaboram esse conjunto de questões, ao mesmo tempo em que têm, a partir dos diálogos na cidade, as suas subjetividades transformadas. Na fala de Portelli, a subjetividade é “o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso”<sup>13</sup>. Nesse sentido, a experiência do jovem enquanto universitário é significada pelo conjunto de experiências e vivências lidas e significadas a partir de suas subjetividades. Sendo tarefa do historiador:

Nossa tarefa não é, pois, a de exorcizá-la, mas (sobretudo quando constitui o argumento e a própria substância de nossas fontes) a de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais.<sup>14</sup>

Os sujeitos sociais aos quais lanço o olhar vivem um momento específico de suas vidas: são jovens. Entendo aqui que tal momento da vida é carregado de especificidades que devem ser levadas em consideração na construção do conhecimento. Dialogo com as discussões a respeito de juventudes que Juarez Dayrell versa em algumas de suas obras<sup>15</sup>. Percebo nas trajetórias estudantis analisadas uma perspectiva de que a juventude não é apenas um vir a ser, mas, também, um momento em si próprio. O que faz com que a juventude não seja apenas um momento de construção e preparação para a vida adulta, para a qual a universidade seria uma porta de entrada. A juventude é um momento de vivência plena do e no social, não podendo ser isolada, nem considerada uma ponte ou mais uma fase para a vida adulta. Acredito também que esse momento está imbricado com as trajetórias dos sujeitos vista na sua totalidade. Assim, a juventude não está desconectada da infância, nem das expectativas a respeito da vida adulta. Penso que:

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas, sim, como parte de um processo de crescimento mais

---

<sup>13</sup> PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, nº 2, 1996.

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 156.

totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa de preparação que será superada com o chegar da vida adulta. (...) existe uma sequência temporal no curso da vida, cuja maturação biológica faz emergir determinadas potencialidades.<sup>16</sup>

Entendo o jovem como sujeito social, como agente de sua própria trajetória. Entende-lo dessa forma é necessário para pensá-lo para além das determinações sociais que o cercam. É pensá-lo no diálogo específico que ele constrói com relação a essas determinações sociais. Para Dayrell:

Tomar os jovens como sujeitos não se reduz a uma opção teórica. Diz respeito a uma postura metodológica e ética, não apenas durante o processo de pesquisa, mas também em meu cotidiano como educador. A experiência da pesquisa mostrou-me que ver e lidar com o jovem como sujeito, capaz de refletir, de ter suas próprias posições e ações, é uma aprendizagem que exige um esforço de auto-reflexão, distanciamento e autocrítica.<sup>17</sup>

Assim articular uma compreensão do jovem enquanto sujeito social está para além de uma postura teórica, pois implica também um posicionamento metodológico.

Se a juventude é um momento específico, as diferentes épocas da vida são uma construção social, historicamente marcada. As definições e limites da infância, adolescência, adultez e velhice não são naturais. Elas são historicamente construídas. Nesse sentido, a concepção de juventude pensada por Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt contribui para que problematizemos a ideia de juventude como uma construção sócio-histórica:

Como as demais épocas da vida, quem sabe numa medida mais acentuada, também a juventude é uma construção social e cultural. Desse ponto de vista, a juventude se caracteriza por seu marcado caráter de *limite*. Com efeito, ela se situa no interior das margens móveis entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta, naquele período de pura mudança e de inquietude em que se realizam as promessas da adolescência, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder. Nesse sentido, nenhum limite fisiológico basta para identificar analiticamente uma fase da vida que se pode explicar melhor pela determinação cultural das sociedades humanas, segundo o modo pelo

---

<sup>16</sup>Idem, p. 157.

<sup>17</sup>Idem, p. 161.

qual tratam de identificar, de atribuir ordem e sentido a algo que parece tipicamente transitório, vale dizer caótico e desordenado.<sup>18</sup>

A juventude, como todas as classificações da vida em fases, é uma construção histórica. Os diferentes contextos contribuem para a construção das diferentes fases da vida, com diversas idealizações e imagens. As experiências dos universitários que problematizo neste trabalho estão em diálogo, através de trocas, tensões e conflitos, com imagens projetadas à juventude. Assim, o ingresso na universidade, como veremos, dialoga também com tais imagens, sem, no entanto, se pautar unicamente nas mesmas. No diálogo com as referências construídas em relação a uma historicidade para a juventude, os jovens reelaboram e ressignificam suas trajetórias, suas escolhas, marcando nelas sua subjetividade.

A história oral como campo de problematizações teóricas e metodológicas pautou o desenvolvimento da pesquisa. Nesse sentido, realizei 11 entrevistas com universitários e egressos da Unioeste que cursavam ou cursaram diferentes cursos, dentre as quais trabalho com nove. As entrevistas foram realizadas por mim, sendo que busquei problematizar questões que levavam aos objetivos deste trabalho. Foram privilegiados relatos de estudantes que residiram na cidade no período que constitui o recorte temporal da pesquisa, ou seja, de 1994 a 2009, buscando perceber como dialogaram com as disputas que atravessaram suas inserções na Unioeste e na cidade nos diferentes tempos em que as vivenciaram. Busquei ouvir os universitários a respeito das suas trajetórias de vida, da forma como as mesmas se articularam com o viver urbano, nas especificidades da cidade, assim como as representações construídas pelos estudantes a respeito da mesma, entre aquelas sentidas e vivenciadas pelos universitários em diálogo com os grupos que a compõem.

Para a realização das entrevistas foram escolhidos 11 universitários de diversos cursos. A seleção foi feita a partir de critérios não muito fixos. Algumas condições eram básicas: cursar ou ter cursado alguma curso na Unioeste, *campus* de Marechal Cândido Rondon; não ser morador da cidade no período que antecedeu o ingresso no ensino superior; ter, no máximo, 25 anos no momento do ingresso na Universidade. Se tais critérios eram relativamente fixos, também busquei privilegiar a diversidade de cursos entre os entrevistados, bem como uma diversidade de procedências sociais. As

---

<sup>18</sup>LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens: Da Antiguidade à Era Moderna.** São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

entrevistas foram conduzidas de modo aberto, para que os jovens pudessem pautar as questões que acreditassem ser pertinentes. Em todas as entrevistas, logo após ser solicitado os dados sobre os estudantes, pedi que falassem livremente sobre suas vidas. Foi a partir dessa fala que conduzi as perguntas subsequentes, sempre a partir de questões pautadas pelos jovens. Após o esgotamento de questões levantadas espontaneamente, realizei questões mais direcionadas à minha pesquisa. Esse direcionamento só aconteceu após a percepção da saturação das questões levantadas pelos universitários. O direcionamento tinha por objetivo abordar problemáticas que considerava pertinentes, mas que não haviam sido levantadas pelos universitários. Assim, essas questões alteraram-se a cada entrevista.

Em linhas gerais busquei construir as entrevistas de modo que três problemáticas principais pudessem ser comentadas pelos estudantes: a trajetória de vida anterior à universidade, suas experiências na universidade e suas vivências na cidade. Em todos os casos foi possibilitado aos universitários que falassem livremente sobre essas experiências.

Na realização das entrevistas foi privilegiada uma postura que possibilitasse a igualdade entre os sujeitos. Apesar de compreender que a entrevista sempre guarda diferentes posições sociais para os sujeitos envolvidos, a tentativa da igualdade é não só válida, como necessária para a construção de uma narrativa rica em problemáticas, sentidos e sentimentos. Nesse intuito, as discussões formuladas por Alessandro Portelli, em sua compreensão da entrevista como um momento de diálogo e de visão mútua foram significativas. Para o autor a entrevista é:

Uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida. O pesquisador de campo, entretanto, tem um objetivo amparado em igualdade, como condição para uma comunicação menos distorcida e um conjunto de informações menos tendenciosas.<sup>19</sup>

Busquei, assim, estabelecer uma relação de igualdade entre as partes constituintes na produção da entrevista, entre o sujeito entrevistado e o pesquisador. Esse procedimento foi facilitado pela minha proximidade com os entrevistados, visto

---

<sup>19</sup>PORTELLI, Alessandro. Forma e Significado na História Oral. A Pesquisa como um Experimento em Igualdade. **PROJETO HISTÓRIA**. São Paulo, p. 7-39. Fevereiro, 2007.

que enquanto estudante da Unioeste, por oito anos vi constituído, na cidade e região, uma trama social de contatos que facilitaram a realização das entrevistas. Problematizo neste processo a influência de minha situação específica, que por ser reconhecido como universitário gerou pressuposições de conhecimentos vividos em comum, além de outras cumplicidades que foram problematizadas no âmbito da pesquisa. Essa problemática atravessou as análises, se não de maneira explícita no texto, de maneira implícita nas entrelinhas dos mesmos.

A opção por dialogar com o arcabouço teórico-metodológico da história oral passou, também, pela necessidade de lidar com as problemáticas relativas à memória. Há na historiografia uma profunda deficiência de textos que trabalhem com a questão dos jovens. Esta deficiência se aprofunda ao buscarmos referenciais que problematizem jovens na contemporaneidade. Já com relação a pesquisas que problematizem a juventude a partir da memória dos próprios jovens há um silêncio praticamente absoluto. Assim busquei problematizar a forma como as memórias dos jovens atuavam nas narrativas. Para tanto utilizei aportes de autores que discutem a história oral e a memória a partir de outros grupos sociais. Dentre esses aportes destaco a noção de Yara Aun Khoury, que afirma que a entrevista nos coloca numa posição privilegiada para pensarmos a memória, sua dimensão política e a forma como a memória atua e é atuada pelo social:

A interlocução com pessoas nos põe em contato mais direto com os trabalhos da consciência e da memória de cada um, estimulando nossa própria consciência da dimensão política desse diálogo intelectual. Isso requer mais do que um trato meramente factual das narrativas e de coleta e sistematização das ricas informações que trazem; demanda uma atenção especial à relação imbricada entre os fatos narrados e significações construídas que vão muito além das próprias entrevistas. Eles se forjam nas relações sociais vividas e também incidem sobre elas.<sup>20</sup>

Nesse sentido, busquei problematizar o conjunto de relações de alteridade pesquisador/pesquisado que dão corpo às entrevistas, pois as mesmas foram sempre marcadas por relações entre diferentes lugares sociais ocupados pelos sujeitos que nela são/estão envolvidos. A relação entrevistado/pesquisador é uma dinâmica de alteridade pautada por representações que se estabelecem mutuamente, sendo a tentativa de

---

<sup>20</sup>KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004, p. 122.

construção de uma igualdade, tal como nos alerta Portelli, um dos caminhos de uma entrevista mais construtiva. Como assegura esse autor, somente dessa forma nos aproximamos mais do processo de construção das memórias, identidades e representações com as quais as entrevistas se constituem.

No primeiro capítulo intitulado “Uma Universidade, Várias Trajetórias” discuto diferentes caminhos trilhados por quatro universitários até chegar à universidade e conseqüentemente à cidade de Marechal Cândido Rondon. Este capítulo é dedicado a problematizar o conjunto de significações construídas por universitários a respeito de suas histórias de vida que, em diferentes momentos, e por diversas questões, os levaram à universidade e à cidade. Nesse momento do texto abordo, também, expectativas, desejos, medos, anseios e tensões construídas e vivenciadas a respeito do ingresso na universidade e do deslocamento à cidade. O capítulo problematiza questões trazidas à tona nas narrativas pelos universitários a respeito de seus caminhos possíveis entre outros plausíveis. Essas questões desconstruem a ideia de que a universidade e o conhecimento são encarados pelos jovens como um fim em si mesmo. O texto problematiza como os universitários construíram um caminho específico, marcado pelas especificidades de sua subjetividade e da historicidade de seu meio social.

No segundo capítulo intitulado “Viveres Universitários na Cidade”, problematizo experiências de diferentes estudantes universitários constituídas na trama cidade/universidade. Discuto sentidos compartilhados e específicos narrados a respeito das vivências de universitários da Unioeste em Marechal Cândido Rondon. Nesse momento do texto, abordo ressignificações culturais tratadas pelos universitários a partir do contato com a universidade e com a cidade. Essas reelaborações ocorrem a partir de tensões, conflitos, trocas e negociações vivenciadas pelos estudantes a partir do momento do ingresso na universidade. Problematizo também os conflitos sentidos e narrados entre os universitários e os cidadãos. Para tanto utilizo narrativas de diferentes jovens estudantes, a fim de perceber como construíram múltiplos valores e sentimentos para suas trajetórias e vivências na cidade.

No terceiro capítulo problematizo experiências de egresso. Nesse sentido busco pensar os sentidos construídos a respeito do momento de término da faculdade. Entendo que esse momento não tem um tempo fixo, mas sim é demarcado subjetivamente de acordo com a especificidade da trajetória de cada sujeito. Assim, os estudantes constroem sentidos a respeito desse momento a partir de sua própria trajetória, bem como a partir da especificidade do espaço em que o vivenciam. A cidade novamente

aparece como espaço privilegiado em suas narrativas. Para problematizar essa questão utilizo entrevistas realizadas com estudantes universitários, a fim de perceber esse conjunto de sentidos construídos e narrados por eles.

## **Capítulo I**

### **Uma Universidade, Várias Trajetórias**

O objetivo deste capítulo é problematizar múltiplos caminhos traçados por jovens universitários até chegarem à universidade. Com esse intuito, trabalho com narrativas de quatro estudantes: Cristian, formado em Zootecnia; Nicheli, universitária de História; Marina, estudante de Direito e Fernando Olavo, aluno do curso de Zootecnia.

Optar por trabalhar com essas narrativas e não com outras foi um processo difícil e complexo. Todas as entrevistas realizadas por mim compõem um riquíssimo material para a discussão que proponho. Entretanto, o trabalho do historiador exige a realização de recortes. O mais difícil foi, certamente, a opção por quais entrevistas analisar e quais deixar de fora nessa parte do trabalho.

O objetivo ao lidar com a problemática da pesquisa a partir de entrevistas com universitários é possibilitar a visualização de sentidos compartilhados e/ou específicos presentes, que permitam compreender vivências de estudantes na cidade de Marechal Cândido Rondon. Nesse sentido, é importante apontar que os lugares de onde os jovens narram suas trajetórias são compartilhados entre eles: a universidade e a cidade. Deste modo, por mais que construam para si trajetórias específicas, compartilham uma experiência, qual seja, a experiência universitária nesta espacialidade e temporalidade. Tal experiência compartilhada ressignifica os sentidos construídos para sua trajetória anterior à universidade.

Para que os recortes aqui construídos se concretizassem, vários caminhos foram pensados. O primeiro deles, elaborado logo quando o capítulo foi projetado, era problematizar narrativas de sujeitos provenientes de todos os cursos oferecidos pela Unioeste *campus* de Marechal Cândido Rondon. Tal opção logo foi descartada não apenas pela grande quantidade de material que seria necessário levantar, o que seria inviabilizado pelas possibilidades oferecidas a uma pesquisa de mestrado, como também pela sua inviabilidade textual.

Num segundo momento foi pensado outro caminho: problematizar narrativas de estudantes de diferentes cursos. Tal caminho possibilitaria que fossem trabalhadas diferentes formas de ver a universidade a partir de diferentes lugares sociais. As duas hipóteses de trabalho pensadas até então incorriam no mesmo erro. Pensava que dando conta de trajetórias de estudantes de vários cursos poderia ter uma amostragem

representativa dos universitários. Essa alternativa foi desconstruída ao perceber a incrível diversidade de questões que as narrativas traziam. Sendo assim, as questões que apareceriam em uma entrevista não necessariamente seriam representativas das questões vivenciadas pelos demais universitários desse ou daquele curso.

Foi só a partir do amadurecimento do trabalho ocorrido na própria escrita, bem como no diálogo com o processo da pesquisa, que ficou claro que o estudo não era sobre as experiências *dos* universitários, mas sim a respeito de experiências *de* universitários. Há, nessa operação, uma diferença significativa. Enquanto que uma perspectiva fazia pensar num grupo social homogêneo, ou pelo menos com significativas semelhanças entre si, a outra perspectiva possibilitava pensar justamente a diversidade constituinte de tal grupo social como processo ilustrativo que envolvia as redes sociais em que participavam.

A opção pela problematização das entrevistas da forma que segue foi construída a partir da convicção de que o objetivo não é construir uma História da forma como os universitários chegam à universidade. Mas de perceber e problematizar diferentes caminhos percorridos por jovens que de maneira planejada ou não os levaram até ela.

Já a opção pelas questões temáticas trabalhadas foi feita na intersecção de duas perspectivas: por um lado as problemáticas que eu, a partir de minha própria subjetividade e trajetória pessoal e acadêmica, acredito serem importantes para entender os viveres dos sujeitos com quem dialogo. Por outro lado, as questões que estes jovens entendem, objetiva e/ou subjetivamente, como as mais importantes em suas trajetórias. Assim, o olhar lançado para as entrevistas é historicamente marcado por tais traços.

A primeira trajetória que problematizo é a de Cristian Jonas Lüdke. Ele tinha, em 2010, momento da entrevista, 25 anos. Residiu em Marechal Cândido Rondon durante todo o período em que esteve no ensino superior, entre os anos de 2003 e 2007. Após o término de sua graduação continuou a residir na cidade. Optei por trabalhar com sua narrativa pela especificidade de temas que marcam sua trama de sentidos; pela quantidade expressiva de questões abordadas densamente; e pela qualidade narrativa. Dentre os temas apresentados por ele, alguns foram convergentes a outras narrativas, como, por exemplo: a centralidade da família na construção de sua trajetória; a tensão entre as relações de trabalho e de estudo; a universidade como espaço desejado, entre outras questões. Outras temáticas foram específicas, especialmente a intrincada relação cidade/campo vivenciada e narrada por ele.

Conheci Cristian em 2008, quando fomos contratados para trabalhar como garçons em uma festa de casamento. Na ocasião, tanto Cristian como eu dependíamos desse e outros trabalhos dessa natureza para continuar estudando na universidade. Enquanto dava meus primeiros passos como garçom, ele já demonstrava desenvoltura e experiência naquela atividade. Não nos tornamos amigos, apenas conhecidos. Éramos colegas de trabalho. Entre nós havia apenas uma relação formal. Conversei com Cristian novamente apenas em 2010 quando, sentado no bar Capelinha, tradicional ponto de encontro de estudantes nas imediações do *campus*, comentava com amigos sobre minha pesquisa e a necessidade de fontes para a mesma. Ao ser solicitado a conceder a entrevista, ele prontamente se dispôs.

A entrevista com Cristian foi realizada nas dependências do *campus*. Apesar do ambiente mais formal, em nenhum momento demonstrou desconforto. Pelo contrário, manifestava ansiedade para começarmos. Após um breve bate-papo e eu lhe explicar que a entrevista era algo bastante informal e que, portanto, poderia se expressar à vontade, sem restrições, iniciamos.

Antes de prosseguir, gostaria de levantar algumas questões que permeiam a análise dessa narrativa. Para problematizar a entrevista de Cristian foram pensadas diferentes formas até que adotasse a que segue. Pensei, num primeiro momento, em problematizar a sua entrevista a partir da própria sequência na qual ela se construiu, visto que sua narrativa é bastante estruturada. Num segundo momento, pensei em fazê-lo a partir de temáticas centrais, sendo elas trabalho, família, universidade, sociabilidades, relação campo/cidade. Optei pela última forma. Assim, buscarei problematizar sua trajetória tematicamente, considerando os momentos e a forma como cada tema apareceu narrado.

De início solicitei que informasse alguns dados, como nome completo, idade, etc. Cristian me respondeu da seguinte maneira:

Cristian Jonas Lüdke de Marechal Cândido Rondon, nascido em Nova Santa Rosa. A partir de lá a gente veio pra Marechal Cândido Rondon. Moramos 18 anos em São Cristovão, interior de Marechal Cândido Rondon. Trabalhamos sempre com agricultura e pecuária leiteira durante esses 18 anos. Por isso mesmo que eu decidi fazer Zootecnia, cursar Zootecnia. Atualmente a gente tem uma parte de terra ainda, meus pais moram em São Roque. Tenho dois irmãos, um é de seis aninhos, o outro tem 23 anos e trabalha em Brusque, Santa Catarina, na linha de metalúrgica, só eu que vim pra cidade de Marechal Cândido Rondon mesmo. Fiquei aqui e por enquanto estamos aí, mas

a intenção não é morar... Talvez morar em cidade, mas trabalhar no interior.<sup>21</sup>

Já nesse breve resumo de sua vida Cristian apresenta interessantes questões a serem trabalhadas, como por exemplo, a motivação que teve por cursar Zootecnia e a intrincada relação campo e cidade, que forma um dos fios principais de seu enredo narrativo. Apego-me neste momento a alguns outros detalhes de sua fala. Como já dito, ele tinha na ocasião 25 anos, residiu durante toda sua vida anterior à universidade no meio rural. De família pequena, cinco membros, sendo ele o segundo de três irmãos, o único que cursou o ensino superior. Seu irmão mais velho trabalhava numa metalúrgica em Brusque, Santa Catarina, e seu outro irmão, de apenas seis anos, é portador de Síndrome de Down. Seus pais tinham por volta de 50 anos de idade. Sua família pode ser considerada de baixa renda. Quando morava na casa dos pais, eram pequenos agricultores, se tornando, posteriormente, pequenos comerciantes na localidade de São Roque, vilarejo no meio rural de Marechal Cândido Rondon.

Estudante de escola pública durante toda a sua trajetória escolar, ingressou na universidade apenas a partir da terceira tentativa no vestibular. Logo que saiu do colégio tentou cursar Ciências Contábeis, não sendo aprovado. A tentativa no ano seguinte foi pelo curso de Economia, quando foi reprovado pela segunda vez. Finalmente, na terceira tentativa foi bem sucedido e garantiu seu ingresso no curso de Zootecnia na Unioeste, *campus* de Marechal Cândido Rondon. Os cursos pelos quais optou na hora de tentar o vestibular foram marcados regionalmente. Enquanto os cursos de Zootecnia e Ciências Contábeis estão localizados no campus local da Unioeste, o curso de Economia está sediado na cidade de Toledo, que fica próxima a Marechal Cândido Rondon. Desse modo suas opções foram feitas também a partir das possibilidades apresentadas historicamente na região onde vive. Outra problemática que podemos perceber a partir de suas opções para os vestibulares prestados foi a exclusão de qualquer tentativa em faculdades ou universidades privadas da cidade ou da região. Dessa forma, suas opções não foram apenas dentro de um específico contexto histórico e regional, mas também a partir de suas condições materiais de existência. Como já referido, a família de Cristian é de baixa renda, não tendo, portanto, condições de financiar seus estudos numa instituição de ensino superior particular. É importante relembrar que, diferentemente de outros municípios da região de Marechal Cândido

---

<sup>21</sup> LÜDKE, Cristian Jonas. Entrevista concedida à Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon - PR, março de 2010.

Rondon, não disponibiliza recursos para o financiamento de cursos em faculdades particulares. Além disso, na época de suas tentativas no vestibular, programas como o Prouni ainda não existiam, ou não estavam popularizados, havendo apenas alternativas como o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior - Fies, que exige ressarcimento posterior.

Cristian narrou sua relação familiar como de muita proximidade. Tais laços assumiram um lugar central na leitura de sua trajetória em toda a narrativa. O diálogo com as questões familiares foi uma constante, sendo que muitas das escolhas construídas dialogaram com as necessidades e as possibilidades que tais relações apresentavam. Seu pai foi um trabalhador rural, sua mãe dona de casa que auxiliava no trabalho rural. Ela, inclusive, estudou com Cristian durante o ensino médio. A aproximação subjetiva dele com a família pode ser visualizada em sua fala. Ao narrar a respeito do momento em que ingressou no mestrado em Zootecnia e das dificuldades financeiras encontradas, se expressou:

E realmente tava uma situação um pouco mais complicada agora, comércio e coisa. Tem toda uma disputa onde que *eu* moro. No final de 2008, estavam numa vila de 1.000 habitantes, de 800 a 1.000 habitantes, com cinco comércios na mesma linha que *eu*, tanto que três fecharam, só tem *eu* e mais um. Então é muito, era muita concorrência e querendo ou não o *meu* movimento caiu um pouco também. (grifo nosso).<sup>22</sup>

Ao narrar suas dificuldades financeiras as relacionou aos problemas enfrentados no comércio de seus pais. Se observarmos a forma como se refere ao pequeno comércio, veremos que ele se coloca na condição de proprietário e gerenciador do mesmo. Sabe-se, através dele, que em nenhum momento havia retornado a morar com os pais. Assim, o lugar onde “eu moro”, na verdade é a residência de seu pai; o comércio não é dele, mas de seus pais. O que ocorre aqui não é a construção de uma mentira, ou meia verdade, mas sim uma identificação tão profunda com sua família, que seus assuntos passam a ser identificados com os assuntos de Cristian. A identificação é marcante, pois é lida a partir de um sentido de unidade social. Tal construção é visível na forma como se refere aos negócios da família. Ele deixa de lado a possibilidade de pensar tais assuntos na primeira pessoa do plural, “nosso negócio”, “nós moramos”, ou mesmo de maneira impessoal, “seu negócio”, “eles moram”, pensando na primeira pessoa do singular, “meu”, “eu”. Essa maneira de se expressar denota a profundidade da

---

<sup>22</sup> Idem.

identificação construída nas relações familiares. Com isso, não afirmo que a relação de Cristian com sua família seja pacífica e desprovida de tensões. O que é possível dizer é que essa relação foi narrada de forma não-conflituosa, harmônica. Deste modo, transparece na fala dele seu desejo de contar ao entrevistador a noção de que seu relacionamento com sua família é harmônico, ocupando a família uma posição importante nas decisões e caminhos escolhidos na vida acadêmica e fora dela.

Logo no início da entrevista, pedi a Cristian que falasse sobre sua trajetória antes de ingressar na universidade. O intuito era perceber quais questões apontaria espontaneamente a respeito do período. Ele construiu a narrativa por dois caminhos. Cada um desses fios condutores, a família e o trabalho, apesar de sempre estarem entremeados, aparecem com mais força em um momento específico.

Durante cerca de 15 minutos sua argumentação foi regida a partir das experiências de trabalho. Foi a partir de sua experiência como trabalhador que Cristian relatou sua trajetória. Em determinado momento afirmou: “esse é um relato simples e breve da minha vida”<sup>23</sup>. Entretanto, sem nenhuma pausa ou solicitação, recomeçou a narrar sua trajetória a partir de suas relações familiares. Justificando-se, afirmou que havia esquecido de alguns detalhes a respeito de sua vida, como por exemplo, o fato de seus pais cuidarem de seus avós, problemas de saúde envolvendo vários membros da família, entre outros. Essa parte do relato culminou na narração dos problemas de saúde do irmão, momento de forte emoção que ganhou destaque em sua fala.

Enquanto narrou os aspectos mais gerais de sua vida, descrevendo o local onde morava, o nível de educação dos pais e o fato da mãe ter estudado com ele, Cristian lembrou o apoio recebido dos pais para que estudasse:

Então, a questão da educação foi uma coisa que meus pais sempre, sempre deram mais apoio pros dois filhos até agora, os mais velhos. Então obviamente o meu irmãozinho também vai ter esse apoio. Meu irmão [mais velho] não quis.<sup>24</sup>

Apesar dos pais não terem estudado quando jovens, apoiaram os filhos para que o fizessem. Além de terem recebido o apoio, que seu irmão mais velho não quisera, Cristian espera que o irmão mais novo também o tenha. Esse é um dos poucos momentos que o irmão mais velho aparece em sua fala. Se o irmão mais novo, portador de Síndrome de Down, aparece em vários momentos na narrativa, o mesmo não

---

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Idem.

acontece com o mais velho, que aparece apenas em referências pontuais. Tal situação mostra uma assimetria nas relações familiares construídas e vivenciadas por Cristian. Tal assimetria é construída num espaço, a família, que foi narrado, como uma unidade em si mesma. Assim, a relação específica com seu irmão permite questionar até que ponto tal unidade sem conflitos existiria. Se tal questionamento deve ser feito, devemos lembrar que a forma como foram narradas as relações familiares foi como uma unidade. A família, enquanto categoria e conjunto de relações sociais não deve ser pensada de maneira automática a partir de seus membros formais, pais e filhos, mas sim, é preciso lembrar que os sentimentos de pertença ou não a uma família são construídos sócio e historicamente e não dados naturalmente. Deste modo, nada impede que seja narrado um sentimento de unidade com sua família, seus pais e seu irmão mais novo, e se construa através da narrativa um lugar específico para o irmão mais velho. Importante nessa análise é perceber o sentido dessa construção para sua entrada na universidade.

Cristian estudou durante toda a vida escolar em uma única escola, um colégio público de Margarida, distrito de Marechal Cândido Rondon. Deste período, rememorou como importante o seu relacionamento com antigos professores. Sua vida escolar foi rememorada a partir das relações de sociabilidade construídas em torno dela. Apesar desse momento ter sido narrado de forma fugaz, é significativo abordar a maneira como o fez:

Também uma coisa que me chamou muito a atenção foi que na época, quando a gente estudava em Margarida, eu estudei num colégio em Margarida. Não se tinham praticamente acadêmicos de lá, estudantes de lá que vinham pra faculdade. Um ano antes de eu me formar no segundo grau, quando nós nos formamos, a cobrança dos professores a partir da oitava série já começava a ser muito diferente: - ah o que você vai fazer depois que se formar? Eu lembro muito bem da professora Eleonora, do professor Miguel, são pessoas assim que eu tenho um respeito muito grande. Até hoje eu passo na rua o pessoal me cumprimenta: - Lembra o que conversamos? Sempre agradeço a eles também. Acredito que se não fosse eles eu estaria ainda arrancando mandioca. Eles e meus pais. Mas eles como professores sempre apoiaram muito.<sup>25</sup>

Cristian chama atenção ao fato de que antes dele não havia muitos acadêmicos na Unioeste provenientes deste colégio. Deste fato viria a cobrança dos professores para que mais de seus alunos ingressassem na universidade. A cobrança foi rememorada, junto com o apoio de seus pais, como o incentivo fundamental para que houvesse uma

---

<sup>25</sup> Idem.

mudança em sua vida. Sem tais apoios Cristian acreditava que “estaria ainda arrancando mandioca”<sup>26</sup>. Ou seja, continuaria vivendo no campo e não teria constituído a ruptura para que pudesse dar a guinada que o levou a construir outros meios de sobrevivência, que não o trabalho rural. A ruptura teria se dado com a entrada na universidade, local onde, como veremos, segundo ele, adquiriu o saber legitimado necessário para exercer outra profissão que não a de trabalhador rural braçal. Deste modo, a escola foi importante na decisão de ingressar no ensino superior, tanto que narrou o agradecimento aos seus ex-professores ginasiais. O fato de se referir especificamente aos professores, lembrando de citá-los pelos nomes próprios, remete à força que essas pessoas e seus papéis assumiram em sua memória, à centralidade delas em sua constituição como sujeito.

Há um elemento na parte final da fala de Cristian que acredito deva ser melhor problematizado. Ao se referir ao fato de que se não tivesse contado com o apoio de pais e professores ainda estaria arrancando mandioca, ele não se refere apenas a uma profissão, mas a todo um valor simbólico que utiliza para narrar e justificar suas escolhas, entre as quais a da universidade. Para entender a questão é preciso problematizar a forma como o entrevistado apresentou sua relação com o trabalho. Como explanado desde o início, pedi que falasse livremente sobre sua vida antes da universidade. Sua narrativa iniciou da seguinte forma:

A vida de interior sabe que é sempre dura, trabalho pesado. A gente trabalhava de 14 a 18 horas por dia muitas vezes. Lógico que não é todo o ano. Mas é uma vida bem mais difícil. Hoje, por exemplo, minha vida é um pouco mais fácil. É aquela coisa, tem uma hora que você decide trabalhar com a cabeça ou trabalhar com as mãos. Eu prefiro trabalhar com a cabeça então. Naquela época, quando eu morava bem no interior mesmo, a gente trabalhava muito pesado. Trabalhava, eu lembro, começava às 6 horas da manhã, 6 e meia no máximo e aí vai, até a hora que você terminar o serviço do dia, não parava antes. Trabalhava muito em casa.<sup>27</sup>

De início sua fala ressalta a dificuldade com o trabalho rural. Apesar de não se dar por todo o ano, uma jornada de trabalho de “14 a 18 horas” é pesada para qualquer pessoa, ainda mais para um jovem adolescente. É interessante notar a forma como isso aparece em sua narrativa. A fala foi o início da resposta a uma pergunta que tinha por objetivo perceber quais memórias surgiriam voluntariamente. Ou seja, sem maiores

---

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> Idem.

interferências do entrevistador, a respeito do período anterior ao ingresso na universidade. Deste modo é significativo perceber que as duras condições de trabalho foram o fio condutor da primeira parte de sua resposta. A maior parte do tempo de sua fala foi ocupada pela narrativa das relações e condições de trabalho por ele encontradas. Narrou com esse intento toda sua trajetória de trabalhador, desde o momento em que residia no campo, passando por suas ocupações profissionais em Marechal Cândido Rondon e Pato Bragado, este município vizinho àquele, até o seu emprego posterior como zootecnista em uma empresa da região. E, por último, sua atuação como bolsista num programa de extensão da Unioeste, intitulado Universidade Sem Fronteiras.

Significativo ainda a respeito de sua fala é a diferenciação que construiu entre as condições de trabalho atuais e aquelas anteriores: “Hoje, por exemplo, minha vida é um pouco mais fácil”<sup>28</sup>. Assim, o curso superior apareceu como um momento de ruptura, de melhora das condições de vida. Dessa forma, legitimou com sentidos positivados a vida no e depois do ensino superior.

Às melhoras percebidas nas atuais condições de trabalho foram ligadas a opção que realizou: “Tem uma hora que você decide trabalhar com a cabeça ou trabalhar com as mãos, eu prefiro trabalhar com a cabeça”<sup>29</sup>. A opção narrada permeou grande parte da entrevista. Trabalhar com as mãos está ligado, simbolicamente, ao ato anteriormente referido de arrancar mandioca, atividade laboral pesada. Ao manifestar o agradecimento aos pais e professores, remeteu a opção que faz em sua vida de trabalhar com a “cabeça”. Nesse sentido, trabalhar com as mãos está ligado aos trabalhos que realizava no campo, ou seja, às atividades braçais. Enquanto isso, trabalhar com a cabeça se refere às possibilidades construídas e vivenciadas a partir de suas experiências na universidade.

O ingresso no ensino superior foi narrado como uma ruptura na trajetória de Cristian: “Bah cara! Entrar na faculdade foi uma... Foi ali que tudo mudou”<sup>30</sup>. Não é apenas uma ruptura narrada, mas uma drástica mudança sentida, vivenciada. É importante destacar que a rememoração do ingresso foi feita a partir de um conjunto de experiências vivenciadas durante e após o ensino superior. Desta forma, não se refere especificamente ao momento de passagem no vestibular, mas ao conjunto de

---

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Idem.

experiências vivenciadas, a partir da qual o vestibular foi simbolizado como um momento de ruptura.

Na construção discursiva de Cristian é possível apreender a importância de ter passado no vestibular. Ele apresentou também dois lugares diferentes com que identificou esse momento. Por um lado, o campo, lugar onde estava no momento da notícia. Por outro lado a universidade em que ingressou. Na primeira parte de sua fala:

Bah cara! Entrar na faculdade foi uma... Foi ali que mudou tudo. O dia em que eu... No dia em que a minha mãe... Eu tava juntando silagem, era finalzinho de tarde, quer dizer, antes do meio dia. E aí a minha mãe... Ah não, era final de tarde. Eu nunca juntava silagem de manhã. Ajuntando silagem pra alimentar os animais, o nosso rebanho de vacas lá. Aí quando eu vejo assim, minha mãe correndo: - Cristian você passou, você passou no vestibular, você tá na faculdade! Cara eu chorei que nem uma criança aquele dia, que eu não acreditava. Aí no outro dia eu liguei pra faculdade, e verifiquei se eu realmente tinha passado. Aí eu acreditei.<sup>31</sup>

Cristian se encontrava no sítio trabalhando com o que mais gostava, manejo de gado de leiteiro. Sua mãe recebeu a notícia pelo rádio de que ele havia passado no vestibular e o comunicou. Cristian chorou. Recompuesto de sua emoção Cristian ligou para a faculdade em busca da confirmação da notícia. Ao tê-la, acredita. Dificilmente poderei passar ao texto a força emocional do relato. Talvez ao saber que narrou a sequência de eventos com um largo sorriso no rosto, o leitor possa ter uma ideia melhor do que significou para ele essa cadeia de eventos. A intensa felicidade a que sua fala remete diz muito a respeito do quanto desejava entrar na faculdade. Ou, pelo menos, essa é a construção que ele produz hoje, com o curso universitário concluído. Ele havia tentado dois outros vestibulares: Ciências Contábeis e Economia respectivamente. Após duas reprovações e uma mudança na área de estudos, de Ciências Sociais Aplicadas para Ciências Agrárias, finalmente conseguiu entrar no desejado ensino superior. Esse evento foi tão carregado de sentidos positivados que afirmou em tom religioso: “Deus está olhando por nós e tem vezes que eu acho que ele quer que você faça alguma coisa que é certo”<sup>32</sup>. Cristian credita e agradece a Deus por não ter passado em outro vestibular e sim no de Zootecnia, podendo fazer o que realmente gosta. Mais uma vez a leitura foi feita a partir do presente. Significar o curso de Zootecnia como seu desejo

---

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> Idem.

maior é dialogar com as experiências, não apenas acadêmicas, construídas em anos posteriores ao seu ingresso no ensino superior.

Logo após o término da narração se moveu, narrativamente, do campo para a cidade, mais especificamente para a frente do prédio da Unioeste. Ele se moveu entre diferentes lugares sociais, apresentados em sua fala como muito diferentes, sem ao menos necessitar de uma frase ou expressão de introdução. Imediatamente após a fala da citação anterior, separados apenas por um ponto (.) segue a continuação do relato:

Mas assim... Foi nossa, aquela hora assim: eu tremia na base mesmo. Eu tremi que nem vara verde, de cima embaixo, só de eu... Só de chegar ali na frente da Unioeste. Naquela época eu tinha medo de dar um passo pra frente, tudo aquele prédio, tudo aquela gente, aqueles caras... Era, eu digo assim, uma mentalidade de piá. Eu tinha 18 pra 19, não, eu tinha 19 anos naquela época. Todos aqueles caras de *Ray Ban*, aquelas caras de bravos e sabe, você entrar... (risos) Aquela mentalidade de criança, chegava a dar medo. Mas foi um susto. Eu não sabia se eu estava preparado ou não pra passar no vestibular, mas passei. Aí eu vi que eu tava preparado mesmo.<sup>33</sup>

A intensa carga emotiva continuou fazendo parte do relato, mas a emoção que foi lembrada se refere a outro lugar, apesar de o evento ser o mesmo. Antes um detalhe: normalmente os vestibulares da Unioeste ocorrem em meados de dezembro. A divulgação do resultado ocorria, na época em que Cristian entrou no vestibular em meados de janeiro, já a matrícula em meados de fevereiro. Assim, silenciou um mês de tempo corrido em função da importância subjetiva do ingresso na universidade. Em nenhum momento Cristian se referiu a esse período entre o vestibular e o ingresso na universidade. Quem atuou no período foi seu pai que pensava, em seu lugar, em questões como moradia e dinheiro para se manter fazendo o curso.

A carga emocional lembrada se desloca da notícia e de seu compartilhamento com a família para o diálogo com as negociações estabelecidas ao se entranhar em outro espaço social. Interessante notar que no momento em que foi para a entrevista comigo, ele se vestia da mesma forma como os rapazes em frente ao prédio da Unioeste que antes havia narrado: óculos escuros, calça jeans, tênis e camiseta. Dialoga, dessa forma, com lugares sociais que foram apropriados por ele. A postura que o fizera se sentir com uma “mentalidade de criança” em sua memória foi o código de vestimenta

---

<sup>33</sup> Idem.

posteriormente adotado por ele. Esse código foi primeiro admirado, desejado, depois apropriado e agora ressignificado e positivado em sua narrativa.

Para que esses eventos assumissem importância foi necessário que Cristian tivesse constituído uma série de expectativas a respeito da universidade. Foi preciso que a universidade fosse desejada. No momento em que foi incitado a falar sobre as expectativas ele se colocou da seguinte maneira: “Bom as expectativas assim... As expectativas eram as melhores naquela época. Falei, vou estudar, aprender, vou aproveitar o máximo e depois vou arrumar um emprego”<sup>34</sup>. Assim, vemos trabalhadas duas, talvez três expectativas principais, quais sejam: estudar, aprender e conseguir um emprego. A universidade foi vista, nesse sentido, como o lugar onde adquiriria saberes e a legitimidade necessária para trabalhar com o que gostaria da forma que gostaria. Ao mesmo tempo em que foi lembrada como o lugar a partir do qual tomaria contato com um grupo social admirado, qual seja, o dos rapazes que usavam *Ray Ban* e calça jeans. Seu objetivo laboral era trabalhar com pecuária leiteira e sua opção foi a de não trabalhar em serviços braçais. Assim, a partir da universidade poderia trabalhar, como já fazia no momento da entrevista, com assistência técnica.

As expectativas alimentadas a respeito do ensino superior foram construídas no âmbito de suas relações de sociabilidade. Assim, o apoio dos pais, a cobrança dos professores, pontos de referência admirados por ele, revestiram a universidade como um lugar de desejo. Primeiro pela ânsia de realização profissional que passava pela aquisição de saberes legitimados, ou seja, acadêmicos. Mas, também, ansiada pela admiração e o desejo de se inserir e se tornar parte constituinte desse universo de pertença.

A trajetória de Nicheli Rodriguez dos Santos, que passo a problematizar a partir de agora, apresenta aproximações e distanciamentos com relação à trajetória de Cristian. Enquanto ele era proveniente do meio rural do município de Marechal Cândido Rondon, Nicheli cresceu no município de Primavera do Leste, Mato Grosso, o qual dista 1.163 Km de Marechal Cândido Rondon.<sup>35</sup> Ela tinha, no momento da entrevista, 20 anos e cursava o terceiro ano de História noturno. Enquanto seus pais continuavam a residir na área agrícola do município de Primavera do Leste, ela se mudou para a cidade de

---

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> In: <http://maps.google.com.br/> Acesso em: 13/06/2011.

Toledo<sup>36</sup>, onde cursou o último ano do ensino médio em uma escola pública, no período noturno. Após concorrer ao vestibular em Jornalismo na Fasul, faculdade particular localizada em Toledo, ingressou no curso de História da Unioeste *campus* de Marechal Cândido Rondon em 2007, tendo concluído o mesmo em 2010, um ano após a realização da entrevista. Em 2011 ingressou no Programa de Pós-Graduação, em nível de Mestrado em Poder e Práticas Sociais da Unioeste. Sua família é formada por outras três pessoas além dela, o pai, a mãe e um irmão mais jovem.

A opção de entrevistar Nicheli veio de uma sugestão do orientador, que na época havia sido seu professor. Após algumas conversas na tentativa de encontrar o dia ideal para os dois, finalmente marcamos a entrevista. Ao chegar à moradia deparei-me com um conjunto de outras quitinetes, onde vivia sozinha numa delas. Quando cheguei, logo percebi que estava ocupada com afazeres domésticos. Apesar disso, realizamos a entrevista. Deparar-me com ela em seus afazeres domésticos não chegou a ser uma surpresa, mas me fez repensar a ideia de que o universitário, especialmente os bolsistas, apenas estudam. Ela, tal como os demais entrevistados, era responsável pelos seus afazeres domésticos, tendo, portanto, uma dupla jornada de trabalho, qual seja, estudar e cuidar da casa.

Para discutir a narrativa de Nicheli foram necessários caminhos interpretativos diferentes daqueles percorridos na análise da trajetória de Cristian. Na entrevista com ela, pude perceber que instâncias como escola e sociabilidades foram alçados aos papéis centrais na trajetória que a trouxe à universidade, enquanto que as relações familiares, assim como na narrativa de Cristian, assumiram papel central na sua narrativa. É possível perceber que apesar de Nicheli também construir sua vida anterior à universidade no campo, sua relação com esse meio é diferente, bem como as questões levantadas foram distintas. Assim, apesar de utilizar de método semelhante para pensar a trajetória de Cristian, as questões percebidas foram diferentes. Continuei problematizando a narrativa a partir de questões que primeiro surgiram em sua vida, não tendo, necessariamente, correspondência direta com o momento em que apareceram em sua fala. No entanto, a forma com que ela apresentou tais questões foram pensadas na análise.

---

<sup>36</sup> Toledo, cidade com 119.913 mil habitantes, localiza-se a 41 Km de Marechal Cândido Rondon. IBGE. Informação populacional. In: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=412770> Acesso em: 13/06/2010. Informação geográfica in: <http://maps.google.com.br/> Acesso em: 13/06/2011.

Ainda antes de ingressarmos na análise de sua entrevista, é importante apontar uma questão para a compreensão de sua fala. Tal dimensão foi silenciada em sua narrativa. Em nenhum momento foi citada nem diretamente, nem como referência vaga. Nicheli é uma jovem estudante negra. Um rápido caminhar pelo *campus* da Unioeste de Marechal Cândido Rondon, nos diferentes momentos em que há trânsito de alunos, professores e funcionários, traz a dimensão da presença pouco significativa, numericamente, de negros nesse espaço. É importante lembrar que, como já foi citado na apresentação a Unioeste, em nenhum momento, aderiu ao sistema de cotas raciais, reservando vagas apenas para indígenas e, posteriormente, inserindo cotas para estudantes de baixa renda egressos do ensino público. Em nenhum momento de sua entrevista essa especificidade foi narrada ou apontada. Há um completo silêncio a respeito de sua origem afrodescendente e da forma como isso interferiu, bem ou mal, em sua inserção na universidade e na cidade. Sendo assim, ocorre uma dificuldade presente nos estudos de história oral, a dificuldade em trabalhar os silêncios. Entretanto tal questão não pode ser negligenciada e deve ser levada em conta quando pensamos a trajetória de Nicheli, embora ela não faça referência a isso.

Nicheli, como dito, veio de Primavera do Leste, onde seus pais ainda residiam até o momento da entrevista. Seu irmão mais jovem reside junto aos pais. Ao contar as andanças que a fizeram chegar a Primavera do Leste, ela construiu a seguinte narrativa:

Assim: a gente, meus pais sempre moraram... Meus pais eram daqui do Paraná. Quando casaram mudaram pro Mato Grosso e sempre moraram em fazenda. Quando eu fiz minha primeira série, minha mãe, eu e meu irmão, a gente mudou pra cidade porque não tinha colégio na fazenda. Mas meu pai continuou trabalhando na fazenda. A gente morou um tempo lá, oito meses. Não, um ano e pouco. Aí nisso a gente veio pro Paraná. Aí meu pai não trabalhou na fazenda nesse tempo de colégio. Aí sim a gente ficou oito meses aqui no Paraná. Meu pai trabalhava com bar, não deu certo. E aí depois desses oito meses a gente voltou pra lá, e desde então... (...) Eu tinha de oito pra nove, não tenho certeza, mas eu tinha de oito pra nove anos. E aí a gente, até a minha mudança sozinha aqui pro Paraná, a gente sempre morou na fazenda lá.<sup>37</sup>

A trajetória que foi contada logo após o lapso de tempo transcorrido desde o casamento de seus pais, tempo esse desconhecido, esteve ligada às migrações de sua família. As mudanças aparecem no coletivo, pensadas na família como um bloco, algo

---

<sup>37</sup> SANTOS, Nicheli Rodriguez. Entrevista concedida à Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, novembro de 2009.

que se desfaz no momento de se referir às diferentes funções exercidas pelo pai, sua mãe e ela. O irmão não foi muito mencionado. Os pais surgem como uma referência constante, sendo que essa relação foi narrada como de bastante proximidade, marcada pela sua dependência. É necessário destacar que antes de chegar à universidade, ela morou um ano em Toledo na casa de familiares. Assim, ela construiu sentidos específicos para a relação de distanciamento dos pais. Se, em outras narrativas, como a de Cristian, as ressignificações decorrentes do afastamento da casa dos pais aparecem ligadas ao momento de ingresso na universidade, no caso de Nicheli isso foi antecipado. É necessário ter em vista essa questão ao problematizar a forma e os caminhos pelo qual ingressou na universidade. Para que seja possível matizar tal perspectiva, é interessante perceber como ela se expressou ao se referir às dificuldades vivenciadas ainda ao chegar a Toledo:

Primeiro, porque não só porque era nova. Era muito dependente. Morávamos na fazenda, então quando ia pra cidade, tinha sempre minha mãe pra fazer pra mim, ou comigo, sempre. Quando eu vim pra cá o primeiro choque foi isso. Mesmo em Toledo, quando eu tava com a minha família primeiro, isso já foi difícil. Porque tinha horas, eu sabia que tinha eles pra me ajudar. Mas tinha certas decisões que eu tinha que tomar sozinha, coisa que eu nunca fazia lá em casa sem consultar o meu pai ou a minha mãe.<sup>38</sup>

Ao narrar a trajetória por esta direção Nicheli se colocou como dependente dos pais, pelo menos no momento da mudança. A dificuldade encontrada para morar sozinha, longe de casa, principalmente nos momentos em que foi necessário que tomasse decisões, ajuda a pensar as relações de dependência de Nicheli com relação aos pais. Várias situações que envolvem essas decisões consideradas importantes, em especial o ingresso na universidade, foram debatidas no núcleo familiar. Não apenas quanto ao ingresso no ensino superior, mas também quando pensou em desistir do curso, ainda no primeiro ano. Foi com sua mãe que conversou e foi ela quem a dissuadiu de tal decisão.

A narrativa de Nicheli sobre os pais se relaciona com a forma como ainda estão presentes em sua vida. São eles que subsidiam parte de sua estadia na cidade. Sem tal apoio dificilmente poderia continuar estudando. Ainda nesse sentido, a família, quando pensada de maneira mais ampla, envolvendo também parentes de segundo grau, deu a ela suporte material e psicológico. Foram seus tios e avós que a abrigaram em Toledo,

---

<sup>38</sup> Idem.

possibilitando que concluísse o ensino médio para que ingressasse na universidade no curso que optou. É interessante perceber o lugar social que Nicheli narrou para si a partir do momento em que ingressou no ensino superior, no interior de sua família:

Na minha família, eu acho que eu e mais dois primos, um que está tentando entrar na faculdade de Medicina, e o outro que faz não sei o que lá de florestal, acho que engenharia, Engenharia Ambiental. Não. É engenharia, não sei, alguma coisa ambiental. A gente é os primeiros que está conseguindo fazer ensino superior. Nossa família é uma família de classe baixa. Hoje a maioria é de classe média, mas todo mundo com muita dificuldade e coisa e tal. Alguns dá pra dizer que é de classe média, outros não. Mas e aí assim, era muito novo pra gente lá em casa. Porque a gente é os primeiros que está conseguindo fazer um curso superior, tanto é que nós somos os bajulados. (*risos*).<sup>39</sup>

Nicheli, ao pensar na família de maneira mais ampla, se percebe ocupando um lugar social privilegiado no interior dessas relações. Ela faz parte de um grupo familiar que, segundo ela, se situa entre a “classe média” e a “classe baixa”, onde cursar o ensino superior ainda é motivo de “bajulação” e de reconhecimento social. Este lugar privilegiado é parte constituinte dos sentidos que são construídos para sua trajetória. Os privilégios – bajulação – advindos de sua posição como universitária contribuíram para que significasse positivamente esse lugar de pertença. A trajetória acadêmica foi positivada e transformada em instância central, mesmo quando narrada a partir de relações de sociabilidade, como a família e os amigos.

Pensar na forma como marcou seu tempo de vida oferece elementos sobre a importância que a carreira acadêmica toma em sua narrativa:

E aí quando eu voltei, eu tava... Na terceira série?... Não. Na quarta série. Eu lembro muito pouco das coisas de quando eu era criança, muito pouco. (*risos*). É eu voltei na quarta série e aí já tinha colégio lá [Primavera do Leste]. Era um colégio pequeno, sempre foi pequeno, só municipal. Aí eu comecei, estudei quarta, quinta, sexta, sétima, oitava, primeiro e segundo ano.<sup>40</sup>

O que é possível perceber em sua fala é que a marcação simbólica para eventos importantes em sua vida é feita a partir das séries escolares em que Nicheli cursava no momento em que aconteceram. Nesse caso específico, a mudança de cidade foi situada no momento em que estudava na quarta série. Assim, não a migração, mas a trajetória escolar foi que serviu de ponto de referência em sua memória. Os eventos ocorridos

---

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> Idem.

foram narrados a partir da escola, denotando a centralidade de sua vida acadêmica na ressignificação de suas memórias. Optar por marcar o tempo dessa forma, ao invés de inúmeras outras possíveis, não pode ser visto como algo desprovido de sentido ou remetido ao puro acaso. É necessário pensar o sentido dessa escolha. Penso que marcar o tempo de suas experiências a partir da escola põe em causa o fato de que sua trajetória acadêmica marcou a construção de sua fala ressignificando sua experiência e reelaborando memórias. Foi a escola que marcou a linha temporal utilizada para guiar sua narrativa. Tal forma de narrar é bastante específica. Diferentemente dela, Cristian narrou sua trajetória a partir do trabalho. A própria opção pela universidade é uma opção marcada pela escolha entre “trabalhar com as mãos, ou trabalhar com a cabeça”. Os caminhos específicos utilizados pelos universitários para marcar a temporalidade de suas experiências não são apenas opções narrativas, mas um conjunto de sentidos construídos para subjetivar suas experiências na memória.

A migração de Primavera do Leste para Toledo foi narrada logo no início de sua fala. Solicitei que me falasse quando foi que chegou a Toledo. Apesar da pergunta ter um cunho objetivo, fui deslocado da direção da entrevista por ela. Ao invés de responder minha pergunta de maneira objetiva, Nicheli tomou as rédeas e construiu sua fala a partir das questões que a mesma considerou pertinentes. Ela se expressou então:

Eu vim um ano antes de prestar o vestibular, por causa das questões do colégio lá mesmo. Porque a gente tinha uma extensão de um colégio estadual na fazenda. Porque a gente sempre morou na fazenda. E aí a sede do nosso colégio entrou em reforma e a gente ia começar a estudar por volta de abril, e me atrapalhava bastante a questão de ver conteúdos do 3º ano pra poder fazer vestibular e tal. E já era uma coisa que eu tava querendo fazer há tempos, que era vir embora pro Paraná, Porque meus tios moram aqui, praticamente toda a família do meu pai e da minha mãe, e seria um lugar onde o custo de vida seria mais barato. Aí eu optei por vir um ano antes de prestar vestibular, exatamente por causa de me atrapalhar lá no colégio por causa das reformas. Aí eu vim pra morar em Toledo.<sup>41</sup>

Nicheli apontou problemas enfrentados em razão da precária infraestrutura do colégio que estudara. Logo em seguida aventou outras questões que a levaram a se mudar, principalmente a presença da família, no caso os tios, que residiam em Toledo. Outra foi o baixo custo de vida que esperava encontrar. O que vemos sendo narrado é um conjunto de sentidos articulados no próprio momento da fala em busca de uma explicação para a mudança. Interessante notar que se refere à migração como “vir

---

<sup>41</sup> Idem.

embora para o Paraná”. Destaco que ela já havia residido no Paraná por algum tempo durante a infância. Ao se referir à migração como “vir embora” transformava o Paraná em sua casa e a cidade de Primavera do Leste num lugar distante. Há um deslocamento de sentido a respeito do processo migratório. Por mais que tivesse vivido a maior parte da vida em Primavera do Leste, tal lugar foi significado *a posteriori*, como o lugar para onde migrou. Assim, a partir do presente construiu a sua casa como sendo o Paraná e Primavera do Leste como sendo o lugar para onde migrou. Ainda com relação a essa questão, sua casa é o Paraná, não Toledo ou Marechal Cândido Rondon. Sua identificação não remete apenas a uma cidade, mas a um lugar que vemos narrado como o Estado. Assim, sua vivência nas cidades de Toledo e Marechal Cândido Rondon acabam por construir sentidos para todo o Paraná.

Se o motivo central para a mudança foi a escola, tal só foi possível de considerar a partir da convergência de outros fatores, como o desejo de vir para o Paraná, a presença de parentes de seus pais em Toledo e o baixo custo de vida que ali encontraria. A vinda para Toledo não foi “às cegas”, pois havia construído um conjunto de percepções a respeito dessa cidade, o que não a livrou de estranhamentos:

Eu tinha um pouquinho de conhecimento sobre Toledo porque eu sempre visitei. Desde pequena que minha mãe traz a gente pra cá. Tanto eu quanto o meu irmão. Então eu não acho que tive um estranhamento muito grande com relação à cidade, mudar pra Toledo. Mas é complicado. Número um: uma coisa que eu não fazia era andar de bicicleta (risos). Lá na fazenda tanto na cidade lá em Primavera é tudo plano, e aqui é assim tinha um monte de morro e eu odiava de andar de bicicleta. E foi uma coisa que eu tive de fazer porque eu ia trabalhar de bicicleta. No primeiro serviço era uma farmácia de manipulação de remédios. Daí eu fazia entregas, ia de bicicleta a tarde inteira, aquele sol quente, e aí aquela coisa, Toledo é grande, então tipo, é... Semáforo, essas coisas (risos). Eu lembro que eu era correta no trânsito, depois me desviei. Eu lembro que eu ficava com a minha biccletinha no sinal, esperando o sinal abrir assim. Às vezes nem ia virar carro pra onde eu tinha que ir e eu ficava esperando o sinal abrir (risos constantes). Aí depois de um tempo eu acordei pra vida, que dependia onde eu tava não precisava ficar esperando... Mas, enfim, eu acho que tem aquele choque. Tudo calminho na fazenda; pra dormir aquele silêncio absoluto e na cidade tipo carro passando a noite inteira. E meu quarto era virado pra rua, uma descidona, era carro passando a noite inteira naquilo. Meu Deus, até eu acostumar a dormir, eu era muito medrosa. Eu sempre fui muito medrosa. Outra coisa, na fazenda eu sempre dormia com uma luz ligada, tipo num cômodo da casa. Não pagava a luz mesmo, não pagava luz, não pagava água e na cidade paga. E eu sempre me ferro nessas coisas, porque eu continuo dormindo com a luz de um cômodo da casa ligada (risos). E tipo quando eu morava na casa da minha tia eu sempre

falava, eu ajudo a pagar a luz, porque eu não vou dormir com a luz apagada.<sup>42</sup>

Os estranhamentos que apareceram em sua fala foram ligados às situações cotidianas, podendo ser para alguns até considerados banais. Entretanto, o sentido de banalidade é desconstruído pelo fato de que foram estranhamentos percebidos enquanto tal. Portanto, constituíram uma marca profunda de sua experiência. Nesse caso, os estranhamentos foram construídos na relação campo/cidade. A diferença entre o trânsito de Primavera do Leste e Toledo, a maior movimentação de carros à noite em Toledo, comparada com a fazenda. Tais situações geraram um conjunto de incertezas com o novo espaço que vivenciava. Enquanto que quando se refere ao fato de deixar a luz ligada no campo por não ter de pagar a conta de luz, na cidade esta decisão se deu por insegurança. Ora, deixar a luz ligada no campo está também ligada a uma insegurança, seja por superstição ou medo de assombros de violência, tal qual na cidade. Entretanto, não foi significado dessa forma. Assim, o exemplo da luz acesa é mais um artifício para marcar estranhamentos sentidos do que uma forma diferente de encarar o problema. A narração marca o desconforto com o novo espaço.

Se os estranhamentos foram pontuais se vistos isoladamente, quando tomados no conjunto deram visibilidade às dificuldades encontradas ao sair do campo. Os estranhamentos foram negociados, novas táticas, práticas e posturas foram construídas. Assim passou a “desobedecer” as regras do trânsito, o que a fez ter maior facilidade de locomoção na cidade. Apesar das dificuldades financeiras a lâmpada continuaria ligada até o momento da entrevista.

Se para Cristian o deslocamento para a cidade e o ingresso no ensino superior ainda possibilitava a convivência com o campo e com as relações construídas a partir dele, em especial a família, para Nicheli tal situação foi diferente. Seus pais vivem a muitos quilômetros de Toledo e de Marechal Cândido Rondon, impossibilitando visitas rotineiras. Além do deslocamento campo/cidade, há um distanciamento de relações construídas nessa articulação, e o quase rompimento de outras, como as amizades. Apesar dessa relação não ter o mesmo sentido para Nicheli que teve para Cristian, foi narrada também a partir de uma noção de desconforto.

O agito da cidade também foi desejado, assim como o distanciamento dos pais, relação essa complexa e ambígua a partir da qual Nicheli versou:

---

<sup>42</sup> Idem.

E outra coisa, quando eu saí de casa achava: - Ah, eu vou aproveitar, vou em tudo que é baile que tiver naquele lugar, eu vou sair todo dia. E quando eu mudei pra cá, nada a ver sabe. Número um que o meu pai fazia o meu tio cuidar de mim nas rédeas curtas. Se eu queria ir para um baile depois que eu fiz amizade, o que não demorou muito tempo, no colégio, porque, tipo: depois do terceiro mês da escola, a gente era em oito dentro da sala, em oito meninas, e a gente apavorava.(...) É shopping também, era essas coisas assim, ir no lago e tal. Tudo eu tinha que pedir pro meu tio, pra minha tia, pra quem fosse. Se meu tio não tava em casa, porque ele era caminhoneiro, eu tinha que ligar na tia que morava mais pra baixo pra pedir pra ela se eu podia ir. Aí então nisso eu digo que eu me encerrei lá em casa, literalmente curti (risos). Eu não saí metade do que eu achei que ia sair.<sup>43</sup>

A cidade e suas supostas opções de entretenimento eram, além de desejadas, idealizadas. Nicheli via naquele momento uma oportunidade de se libertar dos laços familiares e ser mais independente. Ao vir para Toledo, estava implícito o ingresso no ensino superior. Assim, a vinda para a cidade e o ingresso na universidade constroem um amálgama de significados. Deste modo, o desejo pelo entretenimento possibilitado pela cidade de Toledo só pôde ser concretizado para ela a partir da noção de que iria ingressar no ensino superior. Nicheli só veio para Toledo pela necessidade de cursar o 3º ano do ensino médio num bom colégio, condição tida como imprescindível para ingressar em um curso de graduação. Sendo assim, vir para Toledo, para a cidade, só tem sentido em sua narrativa quando visualizado a partir de suas perspectivas acadêmicas. O ato de vir para a cidade e o vir para a universidade estão identificados e intrinsecamente ligados.

A decisão pelo ingresso na universidade apareceu quase naturalizada na fala de Nicheli. Se Cristian narrou a opção a partir da dualidade do trabalho no campo ou da inserção na universidade, ela em nenhum momento colocou outra possibilidade que não o ensino superior para sua vida. Esta opção não é problematizada em sua narrativa. Nesse sentido, é importante destacar novamente a historicidade do momento vivido por ela.

Como já trabalhado, os últimos 30 anos foram marcados por uma forte expansão no ensino superior no Brasil, transformando a universidade de algo inacessível às camadas populares, em algo almejado, e até mesmo naturalizado pelos jovens de baixa renda, como é o caso de Nicheli. É necessário lembrar, entretanto, que ela e outros entrevistados são parte do grupo que ingressou no ensino superior. Assim, a

---

<sup>43</sup> Idem.

naturalização da universidade como o caminho de vida foi feita a partir da própria vida na universidade.

Se o ingresso no ensino superior não foi problematizado, a opção pelo curso assumiu ares de decisão mais complexa e articulada à vivência em Toledo:

Olha que rolo. Eu queria fazer Artes Cênicas. Meu pai nunca deu muita moral e a minha mãe ela falava assim que era melhor fazer outra faculdade primeiro pra depois fazer Artes Cênicas. Número um: porque é bem difícil. Número dois: porque, que nem aqui no Paraná só tem em Curitiba e Londrina, então teria que morar num lugar onde eu não conhecia ninguém. E eu saí de casa nova, tinha 16 pra 17 anos, Então meus pais não queriam de jeito nenhum. Então optar por não fazer Jornalismo não foi tão difícil. Número um: porque eu sabia que não era boa a qualidade do ensino ali em Toledo, do curso, e porque eu não, realmente não era minha ideia fazer um curso particular.(...) Aí eu vim também porque eu achava que aqui tinha Jornalismo. A minha intenção era prestar vestibular pra fazer Jornalismo. Aí eu prestei no final do ano na Fasul lá de Toledo e passei. Só que era um absurdo de caro, 580 reais, mais todo o gasto que eu tinha com aluguel, essas coisas assim. Aí no mesmo ano eu prestei pra História. Mas assim, foi na lata assim, não tinha muito... Não sabia muito o que fazer a não ser Jornalismo, porque já tava na minha cabeça há muito tempo. E aí eu prestei vestibular pra História, porque fui selecionando: - Ah, Geografia não por causa disso, Letras não por causa disso. Na verdade, eu pensei muito em Letras, mas eu pensava que não ia passar, porque o que eu sabia de inglês era muito pouco e eu não sabia nada de espanhol. Então eu desisti, eram 20 vagas: - Ah eu não passo nunca pra segunda etapa. E aí foi por eliminatória assim. Aí em último caso olhei pra História, sempre tive boas notas no colégio e tal, aí eu falei: - Que tal eu prestar vestibular pra História. Mas eu achava que não ia passar. Passei e entrei.<sup>44</sup>

Nicheli desejava entrar na universidade no curso de Artes Cênicas. Tal desejo sofreu pressão de seus pais para que não fosse realizado. Enquanto a mãe sugeria que cursasse outra faculdade antes de Artes Cênicas, seu pai a desestimulava de tal intento. Deste modo, se Jornalismo se tornava uma opção possível, os altos custos que tal curso acarretaria acabaram por fazê-la desistir. Com a negativa de fazer Jornalismo, abriram-se possibilidades. Tais possibilidades foram restritas aos cursos disponíveis na Uniãoeste. A opção pelo curso foi também determinada pelas possibilidades apresentadas regionalmente. Assim como Cristian, Nicheli teve como opções viáveis cursos localizados num estreito conjunto de universidades na região. Há em sua narrativa da desistência do curso de Artes Cênicas mais espaço para as dificuldades acarretadas pela distância do que para a negativa de seus pais. Se todos os cursos elencados, com

---

<sup>44</sup> Idem.

exceção de Jornalismo, acarretariam um novo deslocamento, visto que não estavam disponíveis no *campus* da Unioeste de Toledo os mesmos se situavam em cidades vizinhas à mesma. Dos quatro cursos que apresentou, a opção já limitada geograficamente por História foi feita por eliminatória: “Hmmm! Quando eu comecei a fazer, eu acho que tipo, eu vim meio perdida... Deixa eu te explicar, eu vim meio perdida assim, porque eu nunca tinha pensado em fazer História”<sup>45</sup>. Aqui, suas expectativas a respeito do curso se revelaram a partir de sua trajetória escolar. Ela justificou tal visão pelo fato de ter entrado de “gaiata” no curso de História. Ela não havia planejado e a opção ocorria conforme os impedimentos encontrados para ingressar no curso idealizado, Artes Cênicas. O curso de História só foi desejado quando suas primeiras opções foram inviabilizadas por diferentes motivos, desde a localização geográfica, passando pela falta de recursos até o não domínio de outra língua, conhecimento esse necessário para ingressar no curso de Letras. Entretanto se o seu objetivo de realizar determinado curso foi inviabilizado, o outro objetivo, ingressar no ensino superior, foi alcançado, mesmo que não tenha sido possível pela porta idealizada.

A opção por entrevistar Marina, minha terceira selecionada se deu, basicamente, devido ao lugar específico ocupado por ela na Universidade. Certo dia, estando na Unioeste, duas angústias acompanhavam-me no desenvolvimento da pesquisa: o desejo de entrevistar universitários do sexo feminino, bem como de entrevistar pessoas de cursos como Direito, Administração e Ciências Contábeis. Ao chegar num dos colegiados me deparei com Marina, a quem já conhecia superficialmente a partir de amigos em comum e dos “corredores” do *campus*. Após um breve bate-papo, pedi a ela se não poderia me conceder uma entrevista. Depois de algumas perguntas sobre o caráter da mesma ela concordou. A partir daí a dificuldade estava em encontrar um horário em que os dois tivessem disponibilidade. A maior dificuldade ficava por conta de que Marina estudava no período matutino e, à tarde e à noite, trabalhava, tendo assim pouco ou nenhuma disponibilidade de tempo durante a semana. Além disso, nos finais de semana Marina ia para a casa dos pais, em Cascavel. Mais uma vez esbarrava na dupla, ou no caso de Marina, tripla jornada de trabalho - estudos, emprego como estagiária e afazeres domésticos.

---

<sup>45</sup> Idem.

Se fosse possível utilizar uma palavra para qualificar a entrevista com Marina, esta seria caótica. Diferentemente de outras entrevistas onde, voluntariamente ou involuntariamente, um determinado padrão e organização se fez notar, no caso de Marina isso esteve totalmente ausente. Os assuntos se entrecruzam, aparecem e somem numa trama desprovida de qualquer linearidade. A entrevista parece não ser pensada, organizada, mas sim sentida e construída a partir do momento. Enquanto os demais entrevistados construía, dialogicamente, algum tipo de organização temporal ou temática, Marina pareceu se deixar levar pela própria argumentação. Deste modo, em sua narrativa confundem-se pausas para (re)pensar respostas e argumentos, com falas e expressões interrompidas. É em meio a esse “caos”, um turbilhão de palavras e sentimentos, que tento perceber os caminhos percorridos por ela até a universidade.

Marina tinha 20 anos quando entrevistada. Nascida em Cascavel, ingressou no curso de Direito em 2008. Seus pais são casados, sua mãe é profissional liberal, trabalha como representante comercial. Seu pai foi aposentado por invalidez após um acidente automobilístico que o deixou tetraplégico. Sua família é relativamente pequena, formada apenas pelo pai, mãe e a irmã mais velha, que cursava Medicina em Buenos Aires. Ao contrário de Cristian e Nicheli, que passaram por toda a sua trajetória escolar em colégios da rede pública, Marina estudou, em diferentes momentos, em colégios públicos e particulares.

Como em outras narrativas solicitei que falasse livremente a respeito de si e de sua vida. Marina construiu a seguinte fala:

Como eu falei, sou de Cascavel. Eu vim pra cá... No começo... No primeiro semestre da minha faculdade eu vinha de van todos os dias. A partir de 2008 eu comecei a morar aqui. Eu comecei a morar com uma amiga minha lá de Cascavel mesmo, que fazia, que faz Zootecnia... Resolvi morar aqui porque é muito cansativo vir de van. Nossa, não dá! É estressante e tudo mais. Faço Direito, como eu já falei. Não gosto do meu curso (risos), nem um pouquinho. Tenho esperança que mude ainda mesmo eu estando no final do terceiro ano já... Assim como também não quero atuar na área, obviamente. Mas eu penso assim em fazer concurso, sei lá, pra polícia talvez, alguma coisa assim, mas atuar como advogada, essas coisas assim, não (risos), não, muito obrigada. Hmmm. Eu trabalho no colegiado de História, desde 2008, desde junho de 2008. Inclusive o meu contrato acaba agora em agosto, tô procurando emprego (risos). Ah não sei, o que mais que...<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup>ABRONDAVI, Marina. Entrevista concedida à Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

No início, Marina construiu uma temporalidade específica a partir da qual elaborou a fala. Tal temporalidade é um presente que compreende o momento do ingresso na universidade, não o do vestibular, mas o do início das aulas até o momento da entrevista. O presente narrado por Marina compreende, em suma, o período do ensino superior. Assim, momentos que ainda iriam acontecer, como se formar na graduação, estiveram inseridos nele. Uma das pistas para elaborar tal argumento está no fato de que sua narrativa, quando não foi marcada temporalmente pelo entrevistador, se apegou ao referido período de tempo. Além da marcação de uma temporalidade específica, outras questões foram levantadas em sua fala inicial: sua origem, a mudança para Marechal Cândido Rondon, seu curso e a relação específica que com ele mantém o seu trabalho.

Marina veio de Cascavel (PR), cidade de 286.205 habitantes<sup>47</sup> que se localiza a 86 km<sup>48</sup> de Marechal Cândido Rondon, onde se situa o curso de Direito da Unioeste. Naquela cidade residiu até por volta dos 18 anos, morando na casa dos pais. Tal informação apareceu em meio a um turbilhão de outras, quando solicitei que falasse sobre a vida antes da universidade. Marina assim narrou:

Eu morava com meus pais. Tenho uma irmã, inclusive nós duas... Meus pais falam que esvaziou o ninho de uma vez só, porque ela foi embora em janeiro e eu fui embora em fevereiro de 2008. Ela foi pra Buenos Aires fazer Medicina e eu vim pra cá. Nós somos evangélicos, então a gente vai um monte na igreja, não sai muito (risos). Assim eu trabalhei desde os 13 anos, que eu fiz de tudo nessa vida também... Aí, como a minha faculdade, o nosso calendário é invertido, o nosso início do ano é em agosto, é em julho ou agosto, então assim... Esse primeiro semestre, antes de começar as nossas aulas, eu trabalhei com a minha mãe de promotora repositora, de mercado, que ela é representante comercial.<sup>49</sup>

A forma narrativa bastante truncada denota uma dificuldade, ou talvez um desejo de não se aprofundar. Outro motivo pode ser o fato de tais questões aparecerem logo no início da entrevista, momento no qual ainda estava pouco à vontade. Mesmo assim foi possível perceber algumas questões. Marina narrou sua trajetória a partir da família. A casa dos pais foi utilizada para narrar sua vida. Foi também a partir da família que

---

<sup>47</sup>IBGE. Informação Populacional: In: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=410480> Acesso em: 13/06/2011.

<sup>48</sup>GOOGLE MAPS. Informação geográfica. In: <http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl&q=go> Acesso em: 13/06/2011.

<sup>49</sup>ABRONDAVI, Marina. Entrevista concedida à Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

ocorreu o ingresso em outros espaços sociais como na religião, no trabalho e, de forma determinante, na universidade. Assim, se faz necessário problematizar as relações familiares e de sociabilidade de Marina, para que possamos compreender sua chegada à universidade. Na referência à religião construiu uma unidade identitária com a família, pois ao se referir ao fato de que sua família era evangélica falou “somos evangélicos”, conjugando assim a expressão a partir do nós, extensão identitária do eu. Tal ligação que aqui apareceu próxima e sem fissuras assumiu aspectos assimétricos noutros momentos. Quando solicitei que falasse de sua relação com a família, expressou:

Não é das melhores (risos). Não assim, a gente se dá super bem, não tem briga à toa. Só que assim, mesmo os meus pais sempre dando, assim nossa, total liberdade, tanto pra minha irmã quanto pra mim, pra gente chegar, conversar sobre o que for, e a gente sabendo que pode realmente chegar e conversar e tal, mas não tem essa relação de amizade, sabe, essa confiança. Assim, eu confio muito mais no meu pai, do que na minha mãe, pra chegar e conversar sobre qualquer coisa. Agora, já com a minha irmã não, nossa, minha melhor amiga assim. Claro, tempo de adolescente assim não... Que é a fase mais complicada mesmo, que é difícil. Depois assim a gente cresceu, nossa, a gente é muito inseparável. Ela é dois anos mais velha que eu. Eu acho que é isso.<sup>50</sup>

A relação com sua família foi apresentada em dessimetria apenas nas formas como a vê. A própria temporalidade pensada remete a outros tipos de relações familiares. Assim, quando adolescente, não era próxima da irmã, relação essa que foi transformada no decorrer do tempo. Nessa direção, é possível perceber que os sentidos construídos a respeito das relações familiares, não apenas os de Marina, mas também nos casos de Cristian e Nicheli, foram temporalmente marcados. As relações familiares são históricas, transformando-se com o decorrer do tempo. Ao se transformarem, ressignificam também outras relações nas quais se veem incluídas, inclusive as perspectivas de universidade. Nesse sentido interessante lembrar o caso de Nicheli, em que seus pais foram fundamentais no apoio financeiro concedido para cursar História. Um rearranjo nas relações e condições familiares, como no momento em que seu pai perdeu o emprego forçou adequações na vida de Nicheli, forçando-a a buscar emprego em Marechal Cândido Rondon.

Diferentemente de Nicheli e Cristian, que narram suas relações familiares como harmônicas, Marina as narrou a partir do conflito. Entretanto, de modo interessante, o

---

<sup>50</sup> Idem.

papel dessas relações no caminho percorrido até a universidade é mais evidente. Essa relação complexa, carregada de sentimentos e tensões, volúvel temporalmente, se tornou central para a reflexão, pois é nessa contraditória trama de relações que se gestou seu ingresso na universidade. Vários foram as razões que a levaram a escolher o curso de Direito. É possível visualizar ainda, como os seus amigos, suas perspectivas de trabalho no futuro e, até mesmo, experiências construídas na universidade a fizeram lembrar e significar a escolha. Portanto, interessa o papel de sua mãe. Perguntei a ela o que a influenciou em sua escolha por cursar Direito:

Minha mãe! O sonho da minha mãe era que eu fizesse Direito. E assim, como realmente eu não sabia que rumo tomar, daí eu pensei, pesei bem as coisas e tudo mais e optei por Direito, por ser um curso bom também.<sup>51</sup>

O desejo da mãe acabou sendo o fiel da balança que a fez escolher Direito, lançando sua família no centro da opção. Se no caso de Nicheli a família constituiu um impedimento para que cursasse Artes Cênicas, no caso de Marina a participação da mãe esteve ligada à escolha do curso de forma mais direta. A importância atribuída à mãe na escolha pareceu contradizer a falta de confiança narrada anteriormente. Entretanto, tal contradição articula-se na complexidade subjetiva das relações familiares. O “caos” narrativo talvez seja uma pista para compreender esse aspecto de sua subjetividade. Marina construiu esse sentido não linearmente, mas numa trama complexa, marcada por rupturas e continuidades, relações contraditórias, trocas, diálogos. Nessa complexidade a família apareceu como um dos fios condutores.

Em sua, fala a noção de que o curso de Direito é “um curso bom também”<sup>52</sup> aparece em segundo plano em relação aos desejos da mãe. O próprio tom utilizado para expressar tal opinião, difícil de ser transcrito aqui, é de relativo desdém. A opção subordinada aos desejos da mãe não diminui a qualidade imaginada do curso, mas a coloca em segundo plano. Importante lembrar que Marina não gostava do curso. Articulada a essa questão está o fato de que a memória trabalha no presente. Assim, seu desdém pela qualidade do curso e a ênfase na opinião da mãe estão também relacionadas a uma decepção com Direito. A memória não reconstrói sentidos e possibilidades exatas atuantes nos momentos das decisões, mas sim, sentidos e possibilidades lembradas no presente, marcados por suas questões. Desse modo,

---

<sup>51</sup> Idem.

<sup>52</sup> Idem.

ênfatizar o papel da mãe em detrimento do seu, pode ter sido uma estratégia para lidar com a decisão que não lhe trouxe os benefícios imaginados.

Tal como Nicheli, Marina não questionou em momento algum a opção pelo ingresso na universidade. O que foi questionado foi a forma pela qual ingressou. Tal feito deve-se, ao menos em parte, à sua trajetória escolar, bem como ao momento histórico de expansão da universidade no Brasil, questão já apresentada anteriormente.

O caminho escola/universidade foi sentido como um desdobramento “natural” de sua vida. É difícil perceber o momento em que esse caminho foi naturalizado. Podemos aqui identificar duas possibilidades principais. A primeira remete à trajetória escolar. Como vimos, principalmente na fala de Cristian, o colégio foi um dos lugares onde jovens vivenciaram pressões sociais visando o ingresso na universidade. No caso de Marina há uma especificidade no processo. O ensino médio foi realizado num colégio privado – ALFA, de Cascavel - que tem como objeto de propaganda<sup>53</sup> justamente o alto índice de aprovação em vestibulares. Importa destacar também que por ser um colégio particular, o público que o frequenta é específico. É este público de alta renda que tradicionalmente ingressa em maior número nas universidades públicas. Assim sendo, a expectativa naturalizada de ingresso na universidade é, também, fruto do meio social por ela frequentado. Sendo assim, Marina pode vivenciar um meio social nesse colégio de fortes pressões para o ingresso no ensino superior. Tais pressões podem ser tomadas em diversas direções. Marina não narrou pressões advindas de professores, entretanto evidenciou pressões vindas de algo que ela define como todo mundo: “Todo mundo falou: - Nossa Marina, Direito é a tua cara! Então eu falei: - Tá bom, vou fazer Direito”<sup>54</sup>. A fala ainda será melhor trabalhada. Aqui interessa perceber que o “todo mundo” remete ao conjunto de sociabilidades vivenciadas. Os grupos sociais com os quais convivia e que foram narrados são de amigos da igreja e da escola. O incentivo, sentido por ela mais como pressão, partia dos seus amigos. Sendo que no colégio grande parte dos colegas objetivavam a universidade, tal direção pode ter sido naturalizada nesse momento a partir das pressões exercidas na convivência. Um segundo momento em que o ingresso na universidade pode ter sido naturalizado em sua subjetividade é a dimensão do presente. Marina falou de dentro desse lugar social, bem como para alguém que, igualmente, vem desse mesmo lugar social. Nesse sentido há a

---

<sup>53</sup> ALFA. Página Inicial. In: <http://www.alfaonline.com.br/index.php>. Acesso em: 13/06/2011.

<sup>54</sup> ABRONDAVI, Marina. Entrevista concedida à Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

possibilidade de que Marina possa ter suprimido de sua narrativa qualquer possibilidade de questionamento ao ingresso na universidade, devido ao lugar que ocupava no momento da entrevista.

Nessa questão não há como encontrar a análise correta. Aqui é necessário deixar clara a opção do historiador. Opto aqui por pensar essa questão a partir de uma relação dialógica. As pressões sociais vivenciadas antes do ingresso na universidade, bem como o lugar social e histórico específico ocupado por ela e com o qual dialoga, não se excluem nessa construção. Pelo contrário, a trama subjetiva que Marina coloca em movimento utiliza esses dois momentos para se expressar.

Os caminhos subjetivos percorridos até a universidade passam também pelas relações de trabalho. Desde as primeiras falas isso esteve presente. Marina lembrou que necessitava procurar emprego, pois o seu contrato de estagiária com a Unioeste estava no fim. Sua trajetória de trabalho remonta aos 13 anos, momento em que começou a trabalhar:

Eu comecei com 13 anos cuidando de um casal de crianças, que eram meus vizinhos. Eu e minha irmã trabalhávamos juntas cuidando deles. Ele tinha seis meses e ela quatro anos, e eram uns fofos (risos). Aí depois eu saí de lá, fui trabalhar também como babá, da filha de uma ex-professora minha. Tudo assim, das cinco em diante. Ficava com eles a noite e tal, até porque os pais trabalhavam sempre. Aí... Depois disso... Ah, não lembro a ordem, mas eu já trabalhei em empresa de RH, selecionando currículo e tal, pra seleção! Já dei aula de inglês, já dei monitoria de inglês; já trabalhei como promotora, como repositora de mercado... Já vendi até sonho na rua, mas esse foi só um dia, então não conta (risos). Aí eu acho que foi só isso.<sup>55</sup>

O trabalho permeou toda sua adolescência, desde o trabalho informal, passageiro, venda de doces na rua, passando por outros, como babá ou acompanhante de idosos; trabalhos formais, selecionando currículos num setor de recursos humanos de uma empresa e como promotora de vendas; e trabalhos que requeriam um nível de preparo relativamente alto, como ser professora de inglês. Deste modo, paralelamente à condição de estudante, manteve relações de trabalho formais ou informais durante toda a adolescência.

A escolha pelo curso de Direito não fugiu da preocupação com o mercado de trabalho e da possibilidade de sobrevivência a partir do curso escolhido. Assim, o momento da escolha foi marcado pela indecisão acerca de qual curso escolheria. Marina

---

<sup>55</sup> Idem.

afirmou que sonhava em fazer dois outros cursos que não Direito: História e Artes Cênicas. A respeito dessa decisão Marina narrou:

Eu tenho dois cursos assim, que são meus sonhos desde sempre, que eu sempre falei: - Nem que eu tenha 60 anos de idade eu vou fazer. São Artes Cênicas e História. Só que assim, os dois cursos os meus pais ficam: - Você vai morrer de fome, você vai morrer de fome, não dá certo. (risos) Então assim, claro, sempre tem aquele: - Não, mas pode dar, você pode conseguir. Só que é um a cada 300, então... Só que mesmo assim é o que eu sempre quis fazer. Artes Cênicas, infelizmente assim, eu acho que eu já tô velha pra fazer, sabe? Porque querendo ou não, é um ramo que você tem de começar cedo. Então assim, claro, eu sei que, nossa eu vou terminar a minha faculdade, se tudo na minha vida der certo, com 22 anos... Isso 22, então assim, claro, dá tempo de fazer outra faculdade e tal. Só que pro que eu quero mais, que é Artes Cênicas, não sei se dá muito tempo.<sup>56</sup>

Tal qual nos casos de Cristian e Nicheli, o ingresso na universidade se deu a partir da opção possível e não da idealizada. Entretanto, se os demais entrevistados se identificavam com o curso, Marina foi a única que não deixou dúvidas de não gostar. Interessa agora juntar as pontas dos fios narrativos construídos para pensar seu ingresso na universidade e os sentidos sociais e históricos nela envolvidos. De início, vejamos como rememorou a situação:

Ai, eu não sei... Porque assim, antes de eu fazer vestibular eu pensei em fazer tudo que existia, porque eu... O meu defeito é que eu gosto de tudo, não é que eu não goste de nada, é que eu gosto de tudo. Então assim, eu fiquei entre milhares de cursos. Aí um dos... Um curso assim, que tem muitas áreas pra atuação e tal, e que todo mundo sempre falou: - Nossa Marina, Direito é a tua cara! Então eu falei: - Tá bom, vou fazer Direito. Aí, daí eu entrei e tal.<sup>57</sup>

A opção por cursar Direito foi socialmente construída. Sua indecisão entre diversos cursos deu margem para pressões sociais vindas, no caso dela, principalmente de sua família, mas atravessadas por outras relações, como as amigas. Diante da suscetibilidade acabou se apropriando do sonho da mãe. Tal movimento transformou o curso de Direito em um objetivo pessoal. A chegada à universidade por essa porta se tornou desejada. Entretanto, o encontro com as possibilidades oferecidas pelo curso desconstruiu as idealizações de Marina. É interessante perceber como o sonho da mãe,

---

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> Idem.

de ver a filha advogada, acabou perpassando as imagens construídas acerca da universidade e desse curso:

Ai, eu tinha uma boa expectativa sabe? Eu acho que ia dar certo e tudo mais, e... Da Unioeste inclusive, porque mesmo às vezes não, o pessoal metendo o pau, e falando: - Nossa, é uma universidade sucateada e não sei o que. Ela é uma universidade boa, não diria que ela é uma universidade 100%, assim. Ela tem um bom índice de aprovação na OAB e tudo mais. Só que eu acho que poderia ser melhor.<sup>58</sup>

A Unioeste, narrada como uma universidade vista socialmente como sucateada, foi significada como boa, pois teria um bom índice de aprovação na prova de admissão da OAB – Ordem dos Advogados do Brasil. A referida prova é o requisito básico e obrigatório para que os bachareis em Direito possam advogar. Assim, a avaliação da universidade está em diálogo com perspectivas profissionais, ou seja, se tornar advogada, como desejado pela mãe.

Sua trajetória permite muitas reflexões. Ressalto, no intuito de marcar tal perspectiva, uma visão até certo ponto “naturalizadora” da universidade apresentada por ela. Em sua narrativa o ensino superior apareceu como um caminho “natural” a ser seguido. A dúvida era o curso a ser feito, dúvida essa que não existe apenas para ela, mas que constitui o próprio sentido atribuído à universidade. A mesma situação foi recorrente nas falas de Cristian e Nicheli, que também apresentaram dúvidas a respeito do que deveriam fazer. O ensino superior foi marcado por Marina como porta de entrada para o mercado de trabalho, como a possibilidade de ascensão ou manutenção de determinado *status* social. Tal perspectiva foi frustrada pela vivência do curso, como pudemos ver.

Passo por fim a problematizar a trajetória de Fernando Olavo Martins Almeida, vulgo Paraíba. Ele ingressou no curso de Zootecnia em 2003, não tendo se formado até o ano de 2011. Entrevistá-lo foi um desejo que remonta o início da pesquisa no mestrado. Conheço-o superficialmente há alguns anos. Fomos apresentados por uma amiga em comum. Nunca fomos amigos, apenas conhecidos. Ambos frequentamos os corredores e os arredores da Unioeste, apesar de posicionados em lugares sociais diferentes. Enquanto eu ingressei na universidade em 2004, ele ingressou em 2003. Assim nos conhecíamos “de vista” há um bom tempo. Quando da entrevista, ele tinha 27 anos. cursava Zootecnia já pelo 8º ano. Bastante conhecido no meio universitário

---

<sup>58</sup> Idem.

devido a sua constante presença em festas, bares, churrascos de repúblicas, despertou meu interesse por entrevistá-lo. Acreditava que uma entrevista com ele poderia me fornecer importante material para compreender, principalmente, a vida social em torno da Unioeste. Ao entrevistá-lo vi ser construído narrativamente um sujeito que, ao contrário do que imaginava, não enaltecia seu período de graduação. Sua postura era extremamente crítica com seu passado. Buscava abrir meus olhos para uma questão que a entrevista com Marina já havia me alertado: a universidade assume diferentes sentidos, nem sempre positivos, dependendo da especificidade da trajetória de cada estudante.

A entrevista com Paraíba traz outras questões para essa discussão. A principal delas é a da migração. Não desejo aqui fazer uma longa discussão a respeito das migrações. Buscarei problematizar a forma como os constantes deslocamentos apareceram em sua narrativa, no intuito de compreender como tal fato se articulou na sua experiência universitária, revelando a vida dele e de tantos outros. Além dessa questão, problemáticas presentes em outras narrativas reaparecem aqui, em especial os laços familiares, assunto recorrente nas narrativas. Problemáticas como a escola e o trabalho, presentes em análises anteriores, aqui apareceram com bastante brevidade no período anterior ao ingresso desse estudante na universidade. Todos esses assuntos constituíram temporalidades entrelaçadas narrativamente, sua separação para a análise foi, tal qual outras narrativas pensadas, absolutamente metodológica.

Antes de adentrar na discussão de sua trajetória é importante destacar a forma como ele a ressignifica. Há na fala de Paraíba um intenso movimento de releitura e ressignificação de suas práticas. Seu passado apareceu muitas vezes como um mal a ser redimido. Tal perspectiva pode ser percebida na fala que segue:

Sou uma pessoa muito tranquila. Me considero uma pessoa muito tranquila por sinal. Na atualidade, eu falo brincando assim, eu tô pagando os meus pecados do passado, por falta de estudo quando eu entrei na faculdade. Pra mim era uma festa. Imagina a única vez que eu fiquei sozinho da minha mãe, era quando eu ia ajudar meu pai no trabalho. Ficava quase um mês... Na transição do terceiro ano pra universidade, que eu fiquei um ano parado. Não passei no primeiro vestibular, passei na segunda chamada. Então ficava em casa estudando ou no cursinho. Aí pra quem nunca ficou fora da casa da mãe, esse é outro tipo de choque. Porque vai muita coisa é novidade,

muita novidade. Tudo é bom, que nem meu pai fala, se você não fez isso você vai fazer, se você nunca namorou você vai namorar...<sup>59</sup>

Paraíba construiu uma relação específica com o passado. Em sua fala dialogam memórias a respeito de situações tidas como boas e outras ruins. Entretanto, há uma angústia a respeito do que considera seus “erros”. Ao ser confrontado com essa questão na entrevista, Paraíba expressou:

Eu faço isso muito pra lembrar dos erros, pra não repetir. Porque eu me conheço bem, todo mundo acho que sou a pessoa que mais... Acho que todo mundo se conhece bem. Então é aquela coisa, você... Aquela coisa assim, por exemplo, você tá roubando um carro, você sabe que é errado, mas mesmo assim você vai roubar o carro. Então eu penso assim comigo mesmo: Se eu não me policiar, lembrar, sou uma pessoa que sou muito fácil a errar. Assim no sentido de deixar de estudar... Eu perco a concentração fácil. Então eu procuro sempre lembrar do passado pra mim não errar. E saber que se eu errar não tem mais volta hoje, no futuro, no dia presente hoje, no tempo hoje, no caso. Não tem mais volta, se eu errar não tem mais volta. Então eu procuro sempre tá lembrando, mas não numa forma de martírio, numa forma de ficar me botando, eu mesmo me colocando a pessoa pra baixo. Mas numa forma positiva.<sup>60</sup>

A busca por aprender com seus erros legitima a angústia presente em sua fala que remete também ao fim de um período. Se antes (período indefinido que remete à juventude) Paraíba podia errar, agora, no presente (momento pós-juventude, algo que ele definiu como o momento em que está entrando na vida adulta) não pode mais. Os sentidos de suas ações se transformaram no tempo. Se “antes” era aceitável não estudar, “agora”, “no tempo hoje”, tal atitude é inadmissível devido aos possíveis prejuízos para o “futuro”. Tal imbricamento de temporalidades distintas, mas dialógicas, são sentidas e pensadas simultaneamente no momento da fala. E é na articulação dessas temporalidades que os sentidos são reelaborados. O momento da narrativa não remete apenas ao passado e ao presente, mas também ao futuro. A narrativa é também a forma como o sujeito pensa e deseja ser visto naquele momento, bem como no futuro. Ao narrar suas experiências universitárias, estes jovens dialogam também com expectativas de um futuro pós-universidade. É na tentativa de ressignificar a memória e a subjetividade para que deem conta do presente vivido por ele, que Paraíba narrou sua trajetória. Há o intuito de reconstruir seu lugar social que teria se deslocado durante o tempo da universidade. Nesse sentido buscou marcar um novo lugar social para si.

---

<sup>59</sup> ALMEIDA, Fernando Olavo Martins. Entrevista concedida à Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, maio de 2010.

<sup>60</sup> Idem.

A fala de Paraíba a respeito da trajetória anterior ao ingresso na universidade foi dividida em duas partes: a primeira, quando foi solicitado que falasse livremente sobre si, foi conduzida a partir das migrações; a segunda, provocada pelo entrevistador, foi conduzida a partir de suas relações familiares. Ambos os fios condutores apresentados foram ressignificados e deslocados para outros lugares quando a narrativa discorreu sobre o período da universidade. Assim, construiu uma rede de significação intrincada, no qual para que um aspecto fosse compreendido, mais do que nunca, o todo da entrevista teve que ser pensado para lidar com as questões específicas sobre as quais aqui se debruça o pensamento.

Começamos a análise de sua trajetória a partir das migrações constantes vivenciadas por ele. Tais migrações foram ocasionadas “devido ao emprego do meu pai e da minha mãe”<sup>61</sup>. Tanto seu pai quanto sua mãe eram bancários já aposentados. Seu pai, quando jovem, residiu no campo, tendo mantido uma propriedade rural como atividade paralela à de bancário, mesmo morando na cidade, até a sua ida para Francisco Beltrão (PR), em 1996.

Quando solicitei que falasse sobre si livremente, sem nenhuma temática específica ele construiu a seguinte fala:

Bem então, assim, vou fazer um resumo. Nasci em Campina Grande, na Paraíba, no ano de 1983. Residi dos meus um ano de idade até os meus três em Barra de Santa Rosa, interior da Paraíba. Depois subi pra... Fui pra Bahia, onde morei em Mucugê, Chapada Diamantina e depois, logo em seguida, Abaíra, também na Bahia. Depois dali fui pra Rio Grande do Norte, em Touros, no litoral, onde morei lá até os meus 13 anos de idade. De lá viemos para o Paraná, aqui no caso. Na época a gente tinha a predisposição pra escolher entre Brasília, São Paulo capital, Cascavel, São José do Rio Preto e mais outra cidade que eu não lembro direito. Mas pelo fato de a gente até o momento ter morado em cidades pequenas... Até o momento a cidade maior que eu tinha morado seria Touros, com seus dez mil habitantes que tinha na época... A cidade escolhida foi Francisco Beltrão, pelo tamanho da cidade na verdade. Não foi pelo, por infraestrutura nem nada, na verdade pelo tamanho. E também ela tem uma infraestrutura boa, ótima na verdade, pra época, com seus quase 50 mil, no ano de [19]96. Daí fomos pra lá: - Já que a gente não conhecia nada do Sul, vamos conhecer o Sul. E na base assim, a gente, a vontade era só morar seis anos na verdade, a início. Só que não foi bem assim a história. Fomos ficando, ficando, ficando e estamos ali até hoje. No caso, inicialmente em Francisco Beltrão, como eu falei, e depois de [19]96 até 2000, acho que é até 2002. Quando o meu pai e minha mãe foram transferidos para Salto do Lontra, no Sudoeste. E eu morei só um ano em Salto do Lontra, eu e minhas irmãs, eu e a Flávia a início.

---

<sup>61</sup> Idem.

Fabrcia morou mais, a irmã mais nova. No caso depois aí passamos no vestibular, eu e minha irmã do meio, a Flávia, e viemos para residir em Marechal Cândido Rondon, onde minha irmã cursava Educação Física e eu estou cursando até hoje Zootecnia.<sup>62</sup>

Nesse momento, Paraíba reconstruiu sua história, tendo por fio narrativo as migrações. De início foi narrado com bastante objetividade as diversas andanças. Entretanto, as migrações não apenas definiram sua narrativa a respeito do passado. O futuro, seus planos a respeito do período posterior à universidade entraram igualmente nessa lógica:

Não me formo esse ano ainda. Vou me formar no limite, que é oito anos. Vou usar todo o tempo disponível para se cursar, não jubilando, assim espero, no fim. E depois só Deus sabe. Mas se fosse querer onde morar no final seria mais, ou a Bahia, mais precisamente em Luís Eduardo Magalhães, onde reside um tio meu, ou Mato Grosso, para trabalhar com gado de corte que é um grande sonho meu. Esse é o meu resumo.<sup>63</sup>

A migração assumiu a dupla função de fio condutor da memória narrada e de desejo construído para o futuro enquanto possibilidade de trabalho, onde o deslocamento para Marechal Cândido Rondon foi mais uma etapa do processo. Deste modo, a migração tal como apareceu foi a forma a partir da qual articulou sua trajetória. Há ainda alguns outros aspectos da fala que é necessário discutir. Todas as cidades em que Paraíba residiu no Nordeste do Brasil são relativamente pequenas, a maior seria Touros (RN), que tinha cerca de dez mil habitantes. Quando foi apresentada a seus pais a possibilidade de se transferirem para outras cidades, o motivo determinante da escolha foi o tamanho da cidade: “A cidade escolhida foi Francisco Beltrão, pelo tamanho da cidade na verdade”<sup>64</sup>. Apesar de o responsável pela decisão não ser apresentado, é possível presumir que sejam seus pais, visto que Paraíba, o mais velho de três irmãos, era ainda muito jovem. A opção por cidades de pequeno porte foi apropriada subjetivamente por Paraíba, pois no momento em que foi colocado diante da possibilidade de ida para a universidade, foi Marechal Cândido Rondon a escolhida. Zootecnia existia em outras universidades do Paraná, como Maringá e Londrina. Com isso não quero dizer que a cidade e seu tamanho sejam os únicos elementos que permeariam tal decisão, mas sim, que aí encontramos pistas importantes.

---

<sup>62</sup> Idem.

<sup>63</sup> Idem.

<sup>64</sup> Idem.

Ao ser estimulado a avaliar o processo de migração pelo qual passou, Paraíba se utilizou de uma metáfora comum, mas que assume importantes sentidos: “Tem os dois lados da moeda”<sup>65</sup>. Tal expressão pode ser sentida em toda sua narrativa, pois a todo o momento avaliou sua trajetória como tendo aspectos bons e ruins. Com relação aos deslocamentos, Paraíba se expressou:

Tem os dois lados da moeda. Tem o lado bom, que eu considero melhor ainda, você já vai entender o porquê, e o lado ruim. Bem, o lado ruim ele é assim: você chega num lugar, você reside cinco anos em média num lugar, você cria raízes, amigos, meios, laços e numa hora pra outra você se vê obrigado a literalmente se desfazer disso tudo, apesar de toda a, como eu posso dizer assim, mais... Toda a tecnologia, internet, MSN, celular, mensagem, todos esses meios, não... No começo é fácil, você tá ali no MSN direto conversando com seus antigos amigos e tal, só que depois vira uma rotina e você cai no esquecimento com as outras pessoas. Então, é uma vez ou outra que a gente se comunica. Porque a gente tem outras atividades, novos trabalhos. A gente não pode se ligar com o passado, porque senão a gente não sai do canto nunca. Então, essa é a parte chata desse processo de mudanças que eu tive em todo o decorrer da minha existência. Porque são vários, vários, vários, vários, vários, vários amigos que a gente deixa pra trás.<sup>66</sup>

A perda de contatos com amigos foi o que marcou mais profundamente suas memórias de migrações. As novas tecnologias de comunicação não dariam conta de suprir as necessidades afetivas geradas pelo distanciamento. Tal perspectiva não o impediu de se mudar para Marechal Cândido Rondon, abandonando por conta própria os amigos que possivelmente fizera em Salto do Lontra (PR) antes de ingressar na universidade. Assim, articula o desejo de manter os amigos com a necessidade de não “se ligar ao passado porque senão a gente não sai do canto nunca”. Logo após ter elencado o contínuo rompimento de amizades como um sentido negativo, Paraíba se utiliza dessas relações para construir o sentido positivado para as migrações:

O lado bom que eu posso dizer assim, que eu considero, é as novas pessoas que você tá, que tá entrando pro seu círculo de amizades, suas interações, culturas, histórias novas, tudo esses negócios assim você aprende. Aprende muito, meu Deus do céu. Novos lugares, que nem já conheci, fora o Norte do Brasil, Amazonas, Acre tudo ali, o resto eu conheço de cabo a rabo, desde, que nem eu falo, de cabo a rabo literalmente. Rio Grande do Sul até Touros, que é onde eu morava antigamente: 4.600 km, acredito, não é bem isso, de extensão em linha reta. É muita coisa, muita coisa mesmo. Mas é isso, são as culturas

---

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> Idem.

novas. Que nem eu nunca, chimarrão eu conheci a primeira vez quando eu assisti o Globo Rural, quando eu vi, não sabia nem o que era. Chegando aqui foi um baita choque cultural em 96 porque eu já conhecia frio lá no Nordeste.<sup>67</sup>

O fato de poder conhecer novas pessoas foi positivado. Deste modo, construiu uma dualidade, perder amigos/conhecer novas pessoas, dialógica que compõe sentidos atribuídos às migrações. Assim, se distanciar de antigos amigos somente foi possível porque iria imediatamente conhecer novos. A essa possibilidade adicionou o desejo de conhecer “culturas, histórias novas”. Buscando, deste modo, ampliar horizontes culturais e sociais. No intuito de justificar isso destacou que, com exceção da região Norte, conhece praticamente todo o restante do país. Tal colocação tem uma conotação legitimadora do processo de migração. Se, por um lado, fez com que ele se distanciasse de amigos, por outro lado, possibilitou que conhecesse novas pessoas e culturas. Dessa maneira, Paraíba legitimou subjetivamente o processo em que foi inserido involuntariamente através das necessidades profissionais de seus pais. Entretanto, num segundo momento, isso foi assumido por Paraíba, pois se deslocou para Marechal Cândido Rondon para fazer Zootecnia e de onde projetou novos deslocamentos e horizontes profissionais para si.

A migração apareceu diretamente conectada às necessidades econômicas de sua família que, sempre possuiu casa e carro próprios, bem como um padrão de vida relativamente alto, mas para manter tal status as migrações teriam sido necessárias. Tal necessidade foi imbricada à fala de Paraíba, pois foi por uma necessidade de trabalho que projetou um possível futuro deslocamento para Luis Eduardo Magalhães (BA). A partir de necessidades laborais construiu uma trajetória de constantes andanças. Para legitimá-la utilizou, subjetivamente, a necessidade de se desligar do passado, novos amigos que aprecia conhecer e “culturas e histórias novas”. O deslocamento para Marechal Cândido Rondon foi marcado por essas expectativas:

Se você vai assim, pra mim, agrárias, do meu jeito. Claro que eu não tenho mais essa, porque isso era uma ficção de moleque. Um moleque que entrou com 20 anos na faculdade e tal, isso era ideia de moleque. Hoje isso não combina mais comigo. Como eu vinha pra uma agrária, pra uma faculdade de agrárias, eu penso em encontrar mais o meu meio, o meu mundo. No sentido assim, um pessoal mais do meu jeito, com os mesmos pensamentos. No entanto, encontrei pouquíssimas pessoas que... Pra você ver, os meus amigos, quem são os meus amigos hoje, como é que eu posso definir meus amigos na época:

---

<sup>67</sup> Idem.

Matias, um roqueiro, roqueiro, fazia agrárias também, mas nada a ver, gostando do Bob Marley, tem uma tatuagem dele, enorme do Bob Marley nas costas; o Wagner, um catarinense e tal; o Iderson, uma pessoa mais velha, que já entrou com seus quase 30 anos na faculdade. Todos os opostos, todo o tipo de pessoal, que na época, com cabeça pequena, tinha um certo preconceito. Não que eu vou tratar mal, eu nunca tratei mal de ninguém porque você fuma droga, ou você não gosta do meu sertanejo e não sei o que. Mas com uma certa indiferença, não tem como ter convívio. Eu pensava que não tinha que ter convívio e o contrário, foram eles que vieram pro meu lado e os outros não.<sup>68</sup>

Paraíba se deslocou para Marechal Cândido Rondon não apenas em busca da universidade. Viera também em busca de um grupo social idealizado. Esperava encontrar pessoas que ouvissem música sertaneja, apreciassem rodeios, tivessem os mesmos gostos. Para sua surpresa, o que encontrou aqui foi uma multiplicidade de sujeitos com referências culturais diversas. E foi nessa diversidade que ele se abrigou e foi abrigado. Esperava construir amizades com iguais, com pessoas que gostassem das mesmas coisas que ele, o que não aconteceu. Foram seus “opostos” que se aproximaram. Ao definir Matias como “roqueiro, fazia agrárias, nada a ver”<sup>69</sup>, Paraíba revelou por exclusão um campo sociocultural idealizado que desejava encontrar. Seu desejo era se inserir num meio em que o “meu sertanejo” fosse predominante. Ao ter sua perspectiva frustrada, se articulou aos “opostos”.

O ato de aderir a um estilo como *meu* remete a uma apropriação identitária do referido estilo. Tal apropriação levou a um estilo bastante diverso em si mesmo e que apenas a partir da curta referência é impossível definir. Entretanto, aponta para uma disputa cultural e simbólica no interior da universidade, algo a ser discutido com mais afinco adiante. A opção pelo “sertanejo” realizada por Paraíba remete a raízes profundas ligadas à forma como se relaciona com sua família, em especial seus pais e avô. É interessante perceber como a escolha por Zootecnia foi narrada nesse processo.

Foi através de sua família, mais precisamente da relação com o pai e o avô, que Paraíba explicou sua opção por Zootecnia e pelo estilo “sertanejo”. Quando perguntado sobre o tema, narrou:

Pelo fato de eu me identificar mais com agrária, animais de grande porte. Na verdade escolher Zootecnia, a influência maior foi do meu avô. Meu avô é meu tudo. Se eu sou assim, se eu ajo assim, se eu me visto assim é influência do meu avô. Meu pai sempre foi ligado à área

---

<sup>68</sup> Idem.

<sup>69</sup> Idem.

administrativa, bancos e tal, apesar de ter a granja de gado de leite. Mas era uma pessoa que sempre vestiu terno, nunca usou uma bota, apesar de ter trabalhado a vida inteira dele na roça, mas sempre sapatos, camisas. Nesse ponto eu acredito que eu puxei do meu pai, camisas pólo assim, mais pro meu pai. Mas a grande influência que eu posso falar é do meu avô. Ele que me fez criar o gosto pela coisa. (...) Na verdade eu nunca quis Zootecnia, eu quis sempre Veterinária, mas como eu nunca consegui... E também não havia desistido até o momento. Em um belo dia meu vizinho, o João, o João fala pra mim: – Porque você não tenta Zootecnia onde eu estudo. Ele estudava, no caso aqui, em Marechal. cursava Direito na época e eu morava no Salto do Lontra. Ele falou bem assim: – É parecido as coisas, é diferente poucas coisas, tenta, vai que você gosta. Tentei, gostei e hoje eu não troco pela Veterinária. Mas o motivo mesmo, direto, pra eu estar nessa área, é meu avô.<sup>70</sup>

Paraíba afirmou que se identificava com Ciências Agrárias, um campo que congrega uma área de estudos relativamente vasta. Dentro da área duas possibilidades foram postas: por um lado a Veterinária, que seria seu desejo, seu sonho, que não conseguiu concretizar; por outro lado Zootecnia, aconselhado por um amigo, no qual ingressou e que hoje não mais trocaria por Veterinária. Tal resignificação ocorreu dentro da universidade. Esse é um evento comum entre os universitários: Nicheli e Cristian haviam narrado esse processo. Se desejam um curso específico, idealizam uma determinada forma de ingresso na universidade, tal desejo tem de ser adaptado diante das possibilidades então apresentadas. Essas possibilidades foram, ainda, negociadas com as famílias, amigos e com os próprios desejos pessoais. Se os sujeitos pensados até agora desejavam outros cursos, todos, com exceção de Marina, afirmaram que se “apaixonaram” pelos seus cursos. E todos buscaram, de uma forma ou de outra, mostrar na narrativa que essa escolha foi acertada.

Mas, vejamos como Paraíba narrou a construção de seu desejo pela área de agrárias, a qual remete à influência do avô, visto que Zootecnia foi opção sentida como próxima da ideal. Para narrar como construiu seu gosto por Zootecnia, Paraíba se utilizou de diferenças de comportamento entre o pai e o avô:

Na verdade, pra fazer um rápido exemplo, assim, cronologicamente, eu lembro que com um ano... Flashes assim que eu lembro. Eu lembro que um dos primeiros presentes que eu ganhei foi da minha vó, foi uma galinha com pintinhos coloridos, como vendia nas feiras naquele tempo; do meu avô eu lembro que eu ganhei um bezerrinho; do meu pai eu ganhei uma coleção inteira de livros de leitura. Já começa por aí que os livros de leitura, de desenho, Ciranda Cirandinha e lá vai

---

<sup>70</sup> Idem.

pedrada, Pica-Pau, Bela Adormecida, A Bela e a Fera, esses contos de fada e tal. Eu lembro que mais pra frente eu, com seis anos, mais recente assim na época, eu lembro que eu ganhei do meu avô um bezerro mais adulto. No caso um garrote, um novilho. Meu pai simplesmente me deu um livro, um livro mais assim, mais interessante, não lembro o título. Mais pra frente assim com dez anos eu ganhei do meu avô uma espingarda, uma espingarda de pressão, que foi do meu tio e veio pra mim. Do meu pai, eu ganhei um violão. Mais pra frente, vai, vai, acho que lá pelos meus 13 anos de idade o meu vô me dá um conjunto de, acho que é... Não, voltando assim um pouquinho no tempo, eu ganhei um cavalo... Na mesma época, dos meus dez aos treze anos, eu ganhei um cavalo... Quer dizer antes, aos oito anos de idade mais ou menos eu ganhei um cavalo e meu vô começa a me treinar pra vaquejada, um esporte nordestino. E ali acho que começou o porquê de eu gostar do sertanejo, dessas coisas, bota, tudo que é ligado a esse meio.<sup>71</sup>

Paraíba narrou sua trajetória a partir dos presentes que ganhou do pai e do avô. Enquanto que o pai, na época bancário, presenteou-o com livros e um violão, o avô o presenteou com artefatos ligados à vida no campo, como animais. Além disso, o avô foi quem o ensinou vaquejadas. A rememoração está inserida num contexto narrativo específico. Paraíba tenta justificar o fato de seu avô ter criado nele o gosto por agrárias. Há uma ligação muito forte entre ele e os avós, tanto que a morte da avó foi narrada, em outro momento, como uma das experiências que mais o abalou. Assim, se seus pais deram a ele suporte financeiro e psicológico, coube aos avós, em especial o avô, o exemplo de vida. Tal inspiração não retirou do pai a centralidade em sua vida, mas deslocou o sentido de exemplo para a figura do avô. Ainda nesse sentido, é interessante notar que os presentes do avô foram contrapostos, não como antagônicos, mas como divergentes em relação aos presentes dos pais. Nesse sentido, serviram como ilustração de dois conjuntos de projetos e desejos diferentes para sua vida. Se, como podemos perceber, o pai desejou introduzi-lo nas “letras”, seu avô desejou introduzi-lo no modo de vida “sertanejo”. O que ocorreu com Paraíba foi a imbricação subjetiva de ambos os desejos. O caminho escolhido para a sua vida partiu desse conjunto de construções. Se, por um lado, o caminho escolhido foi as “letras”, a universidade, desejo de seu pai, a forma de trilhá-lo foi a partir do modo de vida “sertanejo”, com a Zootecnia. Os presentes lembrados ilustram essas posições diferentes, mas complementares. Sem dúvida, recebeu outros presentes, tanto do pai quanto do avô, entretanto foram rememorados estes, silenciando todos os outros possíveis. Os presentes ilustram também a representação construída por Paraíba a respeito dos desejos de seu pai e seu

---

<sup>71</sup> Idem.

avô sobre ele. Interessante foi que sua mãe desapareceu dessa sequência narrativa e sua avó apareceu apenas em uma referência à morte dela. Tal fato visibiliza uma intrincada rede de sentidos nas relações impossível de ser aprofundada neste momento. Entretanto, é necessário lembrar que foram os homens, pai e avô, os caminhos a serem seguidos, tornando invisíveis as respectivas mulheres.

É nessa rede de relações que o gosto pelo “sertanejo” e por “tudo que é ligado a esse meio” surgiu. Se foi no seio familiar que nasceu seu desejo pela universidade foi também nele que foi narrada “uma experiência maravilhosa”: o ingresso na universidade:

Mas, posso dizer assim, boa mesmo foi quando eu passei no vestibular, isso foi uma experiência maravilhosa, não tem preço, não tem nada que pague ver a felicidade dos meus pais assim na época.<sup>72</sup>

Foi no vestibular, experiência narrada como maravilhosa, que esse processo culminou. É interessante notar que o motivo da felicidade narrada foi a de seus pais. De forma interessante, ao ser perguntado sobre experiências marcantes, foi lembrado o vestibular, motivo de felicidade e o orgulho dos pais e não outros tantos.

O ingresso na universidade, no caso de Paraíba, esteve entremeado por uma complexa trama de relações. Paraíba passou por várias experiências, que culminaram no vestibular, mas em outros momentos e noutros lugares. Nesse sentido, a universidade apareceu num contexto de migrações, onde se colocou como mais um deslocamento necessário; também aparece como concretização dos desejos de seus pais expressados a contrapelo pela sua alegria com a passagem no vestibular. Aparece ainda como a universidade desejada, idealizada por Paraíba e, por último, foi uma universidade possível dentro da realidade vivida por ele, em que teve de negociar sua inserção não pela porta desejada, Veterinária, mas pela porta possível, Zootecnia; não no meio social idealizado, o “sertanejo”, mas no meio possível permeado pela multiplicidade de grupos sociais. Assim, o ingresso não assumiu um sentido único, homogêneo e linear, mas múltiplo, em diálogo com a perspectiva de onde partia a narrativa.

Nessa reflexão levantei questões que necessitam de uma articulação aqui. Cada uma das trajetórias trabalhadas trouxe questões específicas, bem como, sentidos gerais para a análise. Se há problemáticas gerais que atravessam as narrativas, o tratamento

---

<sup>72</sup> Idem.

dados por cada sujeito foi específico. Resta ao historiador se utilizar dos diversos fios narrativos para tecer uma trama de problematizações.

Há algumas dimensões comuns que atravessaram e foram problematizadas em várias narrativas, como por exemplo, relações familiares, a escola, sociabilidades diversas e as expectativas com relação à universidade. Há, também, questões específicas presentes como, por exemplo, as relações de trabalho, a migração e a relação campo/cidade. É importante ressaltar que as narrativas foram construídas a partir de duas relações de diálogo principais. A primeira é o diálogo com o historiador que possui determinadas questões. Algumas das problemáticas que apareceram nas entrevistas foram provocadas nesse diálogo. Outras surgiram espontaneamente, entretanto a própria entrevista não é espontânea, é provocada. Há, ainda, problemáticas que surgem nas entrevistas a partir de uma provocação do entrevistador. Todas as questões que aparecem nas narrativas o fazem a partir das memórias dos entrevistados. É necessário ressaltar que os entrevistados cursam ou já concluíram algum curso superior. Deste modo, as narrativas foram construídas a partir de memórias marcadas por esse lugar social e temporal.

Uma das discussões que atravessam as narrativas são as relações familiares, que foram narradas de maneiras diferentes. Na maior parte dos casos, tal discussão ocorreu espontaneamente a partir dos entrevistados. No único caso em que foi necessário provocar um aprofundamento a respeito desse tema foi o caso de Paraíba, cuja família já havia aparecido espontaneamente, mesmo que de forma secundária, enquanto narrava suas migrações.

É inviável pensar o viver de jovens universitários sem pensar em suas relações familiares. Se a família apareceu, os sentidos nem sempre foram semelhantes. A família apareceu basicamente como o lugar a partir do qual outras sociabilidades foram construídas. Foi a partir desse lugar que se deu o ingresso na escola, bem como em outras instâncias da vida social. Outro sentido que foi compartilhado com relação à família foi a forte carga afetiva que marcou as entrevistas quando se referiam às relações familiares. Outro momento em que a família apareceu narrada em todas as entrevistas, de formas diferentes, foi o momento do ingresso na universidade. A família foi determinante, tanto para o ingresso, quanto para a forma como tal ingresso ocorreu. No caso de Cristian e Paraíba, foi a partir da família que explicaram o surgimento da vontade pelo curso escolhido. Ambos conviveram em sua infância e adolescência, de uma forma ou de outra, com práticas socioculturais semelhantes às presentes no curso

escolhido. Tanto Paraíba, quanto Cristian, ao narrarem a opção por Zootecnia, o fizeram a partir de situações vivenciadas no âmbito familiar. Foi a partir da família também que foi narrada a felicidade de ingressar na universidade. Enquanto isso, Nicheli e Marina narraram como a família foi determinante para a escolha do curso pelo qual ingressaram no ensino superior. Se Nicheli e Marina gostariam de ingressar em outro curso, curiosamente o mesmo, Artes Cênicas, seus pais impediram a escolha. Deste modo foram “obrigadas” a ingressar em cursos que não eram suas primeiras opções. No caso de Nicheli, ingressar em História a fez “apaixonar-se” pelo curso. No caso de Marina, a mãe é determinante para a escolha pelo Direito, que não é visto de forma positiva pelo menos até o momento da entrevista.

As relações familiares desses estudantes foram narradas pela assimetria. Rememoraram diferentes sentidos para tais relações dependendo da temporalidade à qual estavam se remetendo. Nesse sentido, é interessante o exemplo de Paraíba e Marina. Em ambos os casos as relações com suas irmãs mudaram no decorrer do tempo: durante a adolescência elasteriam sido turbulentas, ocorrendo uma reaproximação posterior. Tal ressignificação remete ao fato de que as relações familiares são historicamente marcadas nas memórias desses sujeitos. Não há um sentido único construído a respeito de tais relações. Em diferentes tempos as relações assumem sentidos diferentes. Assim, as relações narradas nas entrevistas são historicamente e socialmente marcadas.

A escola é um dos assuntos tocados em todas as narrativas apresentadas. Em todos os casos foram colocadas relações de sociabilidades construídas a partir desse espaço. Assim, a escola apareceu como espaço mais de sociabilidades do que como espaço de aprendizado. Há, entretanto, uma sutileza com relação a essa questão. Se a escola enquanto instituição de ensino não apareceu com grande força, tal sentido está implícito em suas falas. Na narrativa de Cristian tal perspectiva se fez presente de forma mais clara. Ele lembrou que seus professores o incentivavam a ingressar no ensino superior. Por mais que seja o único a narrar tal fato, é preciso lembrar que os entrevistados foram aqueles que conseguiram passar no vestibular. Para tanto foi necessário um conjunto de saberes construídos na escola. O único momento em que tais conhecimentos apareceram foi no caso de Nicheli, em que o desconhecimento da língua inglesa a inibiu de tentar o vestibular no curso de Letras.

O vestibular e o ingresso na universidade apareceram naturalizados pelos entrevistados. Com exceção de Cristian, que narra uma possibilidade de vida diferente,

em nenhum momento questionaram a possibilidade de ingressarem ou não nesse meio. Os questionamentos se dirigiram à opção por um ou outro curso possível ou desejável. Para compreender tal questão destaque, novamente, que esses jovens estão, ou estiveram, na universidade, sendo, portanto membros do grupo dos que conseguiram tal feito. Assim, a universidade e não outros caminhos possíveis foram trilhados tornando o questionamento de tal opção inexistente nas narrativas.

A escola, como disse, foi narrada basicamente a partir das relações de sociabilidades construídas a partir dela. Esse conjunto de relações narradas, os amigos, ou silenciadas, possíveis desafetos que extrapolaram o espaço escolar, contribuiu de diferentes formas para o ingresso na universidade. É nesse sentido que vemos Marina remetendo a um genérico “todo mundo” que a incentivava a ingressar no curso de Direito. Em outros casos, como o de Paraíba, essa contribuição é mais sutil, sem ser menos importante. É através de um amigo, João, que tomara conhecimento sobre o curso de Zootecnia em Marechal Cândido Rondon, no qual ingressou.

As sociabilidades, entre elas as amizades, ocuparam longas e densas páginas das transcrições das entrevistas. Por diversas vezes os entrevistados se embrenharam na narração de suas amizades, em anedotas a respeito de seu passado. Apesar de não terem sido trabalhadas mais longamente, entendo que as amizades, os grupos sociais frequentados e queridos por esses estudantes, foram de fundamental importância na constituição de suas identidades. É também nas relações de sociabilidade que se assenta uma das maiores marcas de ruptura causadas pelas migrações necessárias na ida a uma específica universidade, a Unioeste *campus* de Marechal Cândido Rondon. Tal questão foi narrada com sentidos e a partir de lugares diferentes. A migração foi para cada um dos sujeitos analisados um movimento específico. Nicheli veio de uma fazenda no Mato Grosso para Toledo, de onde se dirigiu para Marechal Cândido Rondon; Cristian migrou do campo, do interior de Marechal Cândido Rondon, para a cidade; Paraíba praticamente construiu sua fala narrando as diferentes migrações vivenciadas por ele, e Marina vem para Marechal Cândido Rondon de uma cidade maior, no caso Cascavel, considerada a cidade polo da região. Assim, de uma forma ou de outra a migração faz parte de suas vidas.

Até aqui pudemos captar, a respeito da migração, muito de seu sentido de ruptura, afinal foi utilizado como recorte justamente este momento, o ingresso na universidade. Será necessário problematizarmos o movimento de chegada a Marechal Cândido Rondon para que possamos perceber o sentido mais amplo de tal movimento.

Afinal a migração não é apenas o movimento de partida, de saída de seu lugar, mas também um movimento de chegada a algum lugar. No presente caso não se chega apenas a uma cidade, mas também à universidade. Tal discussão será melhor problematizada no próximo capítulo. Entretanto, se faz necessário notar aqui que tal movimento assume grande importância na fala dos estudantes apresentados, não apenas nos que foram aqui trabalhados, mas também nas narrativas de diversos outros sujeitos entrevistados.

Foi no conjunto dessas questões levantadas que foi construída uma gama histórica de expectativas a respeito da universidade. As expectativas construídas não podem ser sistematizadas na sua totalidade. A única forma de sistematizá-las é justamente a partir de sua multiplicidade. E é exatamente na multiplicidade de expectativas, desejos e idealizações dos diferentes sujeitos que se assenta a ideia desse capítulo. Aqui, busquei problematizar, desde a escolha das fontes, a variedade e a riqueza de caminhos construídos, percorridos e narrados por esses jovens universitários em suas trajetórias. Até agora vimos esses caminhos culminarem e serem narrados na universidade. Agora, nos é colocada a tarefa de pensarmos de que forma tais desejos e expectativas se articularam à universidade, construindo múltiplos e específicos sentidos para a vivência da universidade na cidade.

## **Capítulo2:**

### **Viveres Universitários na Cidade**

No capítulo anterior busquei problematizar diferentes caminhos trilhados até a universidade por estudantes da Unioeste de Marechal Cândido Rondon. Paralelamente, busquei problematizar sentidos compartilhados e/ou específicos, construídos narrativamente a respeito de suas escolhas. Nesse capítulo, pretendo discutir as diversas formas como jovens universitários se inseriram na complexa trama de relações constituídas pelas suas vivências na universidade e na cidade.

Experiências dos jovens universitários são específicas, mas construídas em um contexto histórico e em um ambiente social compartilhado. Os universitários vivenciam imbricadamente a cidade de Marechal Cândido Rondon, bem como a universidade. Suas experiências são marcadas por tais espaços, produzindo identificações e tensões.

O ingresso no ensino superior apareceu nas narrativas como o momento em que se construiu uma ruptura entre um antes e um depois. Vários foram os sentidos construídos para essa ruptura, como expressa a fala de Cristian: “Bah cara! Foi ali que tudo mudou”<sup>73</sup>. Foi dessa forma que Cristian respondeu ao ser interrogado sobre os significados do momento em que ingressou na universidade. Esse momento de mudança apareceu quase como uma fronteira, um marco que divide dois momentos distintos da vida desses jovens.

Ingressar na universidade é também realizar uma série de deslocamentos. Assim, não é apenas o ingresso no ensino superior que é atravessado por esses sentidos. No caso dos jovens pesquisados para esse trabalho, o ingresso no ensino superior significou também o deslocamento de suas casas, geralmente a casa dos pais, em direção da cidade de Marechal Cândido Rondon. Deste modo, ao responderem sobre o momento do ingresso narraram também deslocamentos territoriais. Outro deslocamento ocorrido nesse momento, que já havíamos apontado na fala de Nicheli, foi o social. Para Nicheli, o ingresso na universidade foi um momento de ascensão social, de maior reconhecimento social em seu meio familiar.

Os deslocamentos geográficos e sociais sentidos e narrados pelos jovens estudantes produziram em suas memórias outra gama de deslocamentos: os de sentidos. Como a memória é significada e narrada a partir do presente, os sentidos atribuídos aos

---

<sup>73</sup>LÜDKE, Cristian Jonas. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

eventos passados são feitos a partir da especificidade histórica do presente. O presente enquanto temporalidade está marcado pelos deslocamentos vivenciados no passado, que acarretaram novas leituras a respeito de tais eventos. Essas novas leituras dão margem aos referidos deslocamentos de sentidos.

As trajetórias dos estudantes foram narradas tendo por base memórias constituídas a partir desses e outros deslocamentos. Dessa forma, na própria memória se constituiu uma série de rupturas, bem como de continuidades que poderemos visualizar nas falas desses estudantes. Há ainda outra problemática que marca tais narrativas. Como todos os sujeitos entrevistados residiram em diferentes momentos, por diferentes períodos de tempo, nesta cidade, suas memórias foram marcadas também por sentidos construídos a partir desse contato. Sentidos de universitários e sentidos da população da cidade se imbricaram e se tensionaram. Tal concepção advém da noção de intercultural desenvolvida por Canclini para pensar na multiplicidade de grupos sociais que formam a sociedade. As relações entre estudantes universitários e demais moradores da cidade não se dão a partir de oposições binárias. Esses grupos sociais estabeleceram entre si, de diversas formas, trocas, diálogos e disputas em todos os âmbitos da vida cidadina. É nesse sentido que penso aqui os aportes teóricos de Canclini:

De um mundo *multicultural* – justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação – passamos a outro, *intercultural* e globalizado. Sob concepções multiculturais, admite-se a *diversidade* de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação. Em contrapartida, a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Ambos os termos implicam dois modos de produção do social: *multiculturalidade* supõe aceitação do heterogêneo; *interculturalidade* implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos.<sup>74</sup>

A problematização a partir da noção de intercultural possibilita pensar grupos sociais e os diversos elementos que os distinguem e os complementam, não a partir de uma essencialização, que poderia resultar numa oposição maniqueísta e dicotômica, mas sim a partir de seus contatos e trocas. As narrativas dos universitários se constituíram também a partir desses contatos que produzem trocas e disputas. Assim, sentidos compartilhados por cidadãos ou por outros universitários foram lidos, relidos e

---

<sup>74</sup> CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007, p. 17.

imbricados com os significados construídos por eles próprios a respeito de suas vivências na trama de relações constituídas pela cidade e pela universidade.

Como viemos afirmando, o momento de ingresso no ensino superior foi marcado por mudanças importantes vividas nessa passagem. A principal delas foi a saída da casa dos pais em direção a uma nova e, em diversos casos, desconhecida cidade. Apenas três dos entrevistados, Cristian, Diego<sup>75</sup> e Nicheli, já haviam morado em outros lugares que não a casa dos pais. A maioria dos estudantes também não conhecia a cidade de Marechal Cândido Rondon, ou a conhecia de “ouvir falar”, ou mesmo através de visitas esporádicas.

Sair da casa dos pais para morar sozinho foi uma experiência recorrentemente narrada nas entrevistas. Essa recorrência advém tanto de minha preocupação com esse processo enquanto perspectiva central de meu estudo, quanto da força narrativa que tais memórias possuem. Assim, todos os entrevistados, provocados ou não, comentaram esse processo. Chama a atenção uma forma de abordar esse período de passagem em suas vidas que aparece nas narrativas. Diversos entrevistados narraram o processo construindo uma memória de acréscimo de novas responsabilidades assumidas com os deslocamentos. Sair da casa dos pais significou, para muitos, o aumento de responsabilidades, quando não o surgimento inédito de muitas outras delas. Nesse sentido Nicheli se expressou:

Primeiro, porque não só porque era nova. Era muito dependente. Morávamos na fazenda, então quando ia pra cidade, tinha sempre minha mãe pra fazer pra mim, ou comigo, sempre. Quando eu vim pra cá o primeiro choque foi isso. Mesmo em Toledo quando eu tava com a minha família primeiro, isso já foi difícil. Porque tinha horas, eu sabia que tinha eles pra me ajudar. Mas tinha certas decisões que eu tinha que tomar sozinha, coisa que eu nunca fazia lá em casa sem consultar o meu pai ou a minha mãe.<sup>76</sup>

A estudante define sua condição anterior à universidade a partir da noção de dependência. Mudar-se para uma cidade representou uma ruptura em sua trajetória, pois

---

<sup>75</sup> Diego Augusto Arollo Gamaro tinha 24 anos em 2009, momento da entrevista. Natural de Terra Roxa, cidade de cerca de 20 mil habitantes, localizada a cerca de 50 quilômetros de Marechal Cândido Rondon. Em 2009, cursava o quinto ano de Agronomia. Residia na cidade há cerca de seis anos, visto que havia se deslocado para a mesma no intuito de cursar o terceiro ano do ensino médio em dois colégios de Marechal Cândido Rondon. Diego cursou Agronomia na Uniãoeste de 2005 a 2009.

<sup>76</sup> SANTOS, Nicheli Rodriguez. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, novembro de 2009.

foi o momento a partir do qual teve de tomar certas decisões individualmente. Nicheli foi a única dos entrevistados que definiu a passagem a partir da noção de rompimento da dependência. Entretanto, a problemática do acréscimo de responsabilidades foi um sentido compartilhado pelos diversos jovens ouvidos. Nessa senda se filia a fala de Wagner da Silva<sup>77</sup>, que no momento da entrevista cursava o segundo ano do mestrado em Zootecnia:

Mudou assim, saindo da casa do pai e da mãe, essas coisas. Tendo mais responsabilidade, ter que administrar o dinheiro. Eu já tinha essas partes, porque assim: eu ganhava, ajudava meu pai e minha mãe, mas sempre tinha minhas coisas, comprava minhas coisas. Aí vim pra cá. Mas é um desafio porque a gente sai, vai pra uma cidade onde eu nem conhecia ninguém, não sabia onde ficava. Mas foi legal, mudou muito a minha vida, comecei a aprender a viver na realidade um pouquinho, sem a ajuda dos pais.<sup>78</sup>

Antes de pensarmos mais profundamente na fala de Wagner é necessário fazer um importante apontamento. Há uma diferença entre aqueles universitários que ingressaram no ensino superior logo após a conclusão do ensino médio, como Diego, Nicheli, entre outros, e os aqueles que demoraram algum tempo para ingressar na faculdade. Dentre os entrevistados, nenhum dos que ingressaram logo após o ensino médio, na faixa etária de 17 a 18 anos, haviam exercido algum tipo de atividade remunerada por longos períodos. A única exceção foi Marina que necessitou auxiliar nas despesas da casa após o acidente do pai. Já entre os jovens que ingressaram um ou mais anos após a conclusão do ensino médio, todos realizavam algum tipo de trabalho remunerado, formal ou não. Há essa diferença quando falamos no acréscimo de responsabilidades a esses jovens. Enquanto uns já trabalhavam, tinham responsabilidades financeiras e laborais relativamente definidas, outros não haviam desenvolvido essa forma de inserção social. Entretanto, para todos há uma diferença substancial: saíram da casa dos pais para morarem sozinhos em Marechal Cândido Rondon. Assim, mesmo para os que já haviam desenvolvido atividades laborais remuneradas, há a mudança nas responsabilidades.

---

<sup>77</sup> Wagner Tiago Mozart da Silva foi aluno do curso de Zootecnia da Unioeste. Natural da cidade de Xanxerê, Santa Catarina, mudou-se para Marechal Cândido Rondon em 2003, aos 21 anos de idade. Residia até 2010 na cidade, sendo casado e tendo dois filhos, nascidos durante o período da universidade. Ainda em 2010 mudou-se para a cidade de Cafelândia em busca de emprego. Cursou Zootecnia entre os anos de 2003 a 2007.

<sup>78</sup> SILVA, Wagner Tiago Mozart da. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

Wagner conduziu sua fala versando sobre as novas responsabilidades financeiras adquiridas em consequência da vinda para Marechal Cândido Rondon. A saída da casa dos pais foi identificada, tal como para Nicheli, com o acréscimo de responsabilidades. No caso de Wagner há, entretanto, um deslocamento de sentido. Se a ruptura ocorreu, a intensidade que a narrativa apresentou para ela é menor, pois enfatizou que já antes do ingresso na universidade lhe cabia uma série de responsabilidades, inclusive financeiras. Assim, o deslocamento e a entrada na universidade aprofundam responsabilidades que já possuía. Tal situação foi encarada como o momento onde passou a aprender a “viver na realidade”. Essa realidade foi identificada como uma diminuição da proteção oferecida pela casa dos pais, tanto subjetivamente pelo próprio senso de proteção, quanto materialmente. Assim, o ingresso na universidade significou também o ingresso no “mundo real”, esse por sua vez definido a partir de uma maior carga de responsabilidade. Já não seria possível contar com a presença constante dos pais, pois seria necessário aprender a viver sozinho.

Tal feito pode ser encarado como uma marca da ruptura entre a adolescência, identificada pela dependência da ajuda dos pais, e a vida adulta, identificada pelo ato de assumir diversas responsabilidades até então inexistentes. No caso de Wagner, que já contava com responsabilidades financeiras, a ruptura foi gradual, pois apenas o distanciamento material da casa dos pais foi que fechou, ao menos na narrativa, esse processo. O ingresso na vida adulta não foi identificado nem por Wagner, nem por outros estudantes apenas pela independência, ou menor dependência, financeira em relação aos pais. A ruptura narrada pelos jovens foi também marcada por outros deslocamentos já apontados. Na fala de Diego A. A. Gamaro a mesma questão repercute:

Quando eu vim fazer faculdade eu já tava assim, um tanto quanto acostumado com esse tipo de vida. Como eu tinha vindo fazer o terceiro, eu já tinha um lugar pra ficar, já tinha alguns amigos aqui. Claro que eles mudaram totalmente. Saí de um colégio particular, um público totalmente diferente, aí vim pra uma faculdade. Nem se compara o pessoal, os seus amigos, a convivência ali. Então eu já tinha um lugar pra ficar. Quando fui me mudar já tava tudo bem mais encaminhado.<sup>79</sup>

---

<sup>79</sup> GAMARO, Diego Augusto Arollo. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, maio de 2009.

Diego mudou-se para Marechal Cândido Rondon um ano antes de ingressar na universidade. Veio com o intuito de cursar o 3º ano do Ensino Médio em um dos colégios particulares. Na narrativa, desloca o momento de ruptura nas relações sociais para o período, sendo o ingresso na universidade um momento “bem mais encaminhado”. Entretanto, a vinda para Marechal Cândido Rondon foi narrada a partir de estranhamentos:

Mas a primeira vez que eu vim, quando eu vim fazer o terceirão pra cá, foi um tanto quanto, vamos dizer assim, turbulento. Porque da minha família eu fui o primeiro, vamos dizer dos netos da minha vó, dos meus primos que saiu de casa, que foi morar fora, sozinho. Sair de Terra Roxa, uma cidade de 20 mil, pra vir pra Rondon, uma cidade de 40 mil: - Bah, tô indo pra cidade grande. Aquele coloninho (risos). Aí vim pra Rondon. Mas eu não achei muitas dificuldades, achei um tanto assim bem tranquilo, a vinda pra cá, a adaptação. Claro, você sofre, a vida inteira morando em casa junto com a mãe e o pai, de repente você não tem mais a mãe e o pai do lado, acaba tomando aquele baque. Acaba tomando um choque de liberdade! Que muitas vezes você tem de manejar também, porque senão você acaba se perdendo nas curvas. Mas eu achei tranquilo, achei até que seria um pouco pior do que foi. Foi bem, bem tranquilo.<sup>80</sup>

Várias questões emergem para a análise nessa fala. A primeira delas é a convivência de uma espécie de contradição. Logo de início afirmou que o período em que veio para cursar o ensino superior foi um período turbulento. Mais adiante, ressaltou enfaticamente que esse período foi tranquilo. A narrativa é, antes de tudo, um movimento, um constante construir-se. Por mais que a fala seja elaborada, pensada, o momento de expressá-la é único, e impõe reelaborações, ressignificações. Assim, em muitos casos, como com Diego, emerge o contraditório que remete não apenas à superfície da fala, mas à sua profundidade subjetiva. Quando se referiu ao distanciamento com a família, narrou a turbulência, dificuldades. Quando o fio narrativo foi a chegada na cidade, a ênfase passou para a tranquilidade. É importante lembrar que no momento da entrevista Diego já estava há seis anos na cidade. Tempo considerável para um jovem de 22 anos. Junto ao fato de se deslocar para outra cidade está o fato de que foi o primeiro da sua geração familiar a fazer isso. Já vimos com Nicheli que tal feito trouxe benefícios sociais, no caso dela a bajulação familiar. Entretanto, no caso de Diego, tal feito foi narrado mais a partir do acréscimo de responsabilidades, pois o seu

---

<sup>80</sup> Idem.

desenvolver seria avaliado pelo restante da família. Assim, Diego encontra dificuldades, turbulências nas relações familiares, mas tem facilidade em se adaptar a nova cidade.

A então tranquilidade na adaptação está ligada ao fato de que vir para a cidade é algo positivado em sua fala. Quando diz: “Bah! Tô indo pra cidade grande”, seu tom de voz e sua expressão deixam transparecer o sentido que atribui para esse movimento. Ir para a “cidade grande” é talvez a possibilidade de desvencilhar-se do horizonte cultural do “coloninho”, sentido pejorativo que atribui a si mesmo, relativo ao período anterior a universidade, de cuja imagem busca se distanciar.

Marechal Cândido Rondon tem 46.819 habitantes<sup>81</sup> e Terra Roxa tem cerca de 16.759<sup>82</sup>. Apesar da primeira ter mais que o dobro da população a mudança não é para uma grande cidade, se pensarmos nos padrões demográficos das cidades brasileiras, onde existe São Paulo com quase 11.253.503 habitantes<sup>83</sup>. Na própria região Oeste do Paraná temos Toledo com 119.002<sup>84</sup> habitantes e Cascavel com 286.205 habitantes<sup>85</sup>, cidades significativamente maiores do que Marechal Cândido Rondon. Entretanto, ao se referir a ela como uma cidade grande, Diego não está pensando em padrões demográficos, mas sim num determinado sentido construído por ele a respeito de cidade. Ao mudar-se ingressou também no ensino superior. A presença da universidade, nesse caso, é mais importante do que a demografia da cidade. Através da universidade esperava deixar de ser um “coloninho”, objetivo alcançado narrativamente pelo próprio distanciamento dessa identidade.

Deslocar-se significa não apenas chegar a um novo lugar, mas se afastar de um conjunto de sociabilidades presentes na vida dos sujeitos em suas cidades de procedência. Diego apontou a questão da responsabilidade tal qual apresentado por Wagner e Nicheli, entretanto há uma especificidade sobre essa questão. Diego aponta o “choque de liberdade”. É na relação com o conjunto de liberdades adquiridas morando longe da casa dos pais, que a responsabilidade tem de se fazer presente “porque senão

---

<sup>81</sup> IBGE. Dados populacionais. In: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=411460> Acesso em: 13/06/2011.

<sup>82</sup> IBGE. Dados populacionais In: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=412740> Acesso em: 14/06/2011.

<sup>83</sup> IBGE. Dados populacionais In: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=sp> Acesso em: 14/06/2011.

<sup>84</sup> IBGE. Dados populacionais In: [http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados\\_divulgados/index.php?uf=41](http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=41) Acesso em: 14/06/2011.

<sup>85</sup> IBGE. Dados populacionais In: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=410480> Acesso em: 14/06/2011.

“você acaba se perdendo nas curvas.”. O que significa “perder-se nas curvas” é diferente para cada sujeito. Para Diego:

Cara! Choque de liberdade. Na minha cidade eu era acostumado a chegar onze horas da noite em casa, minha mãe falava: - Porra, você demorou na rua, tava onde? Agora aqui, você tem sua liberdade, você tem os seus deveres, você sabe que tem de cumprir os seus deveres. Agora, você pode sair, você pode, vamos dizer, se você quiser numa véspera de prova sair e ficar a noite inteira na rua, você pode. Você sabe que no outro dia não vai se sair bem, você vai acabar se arrebatando na faculdade. (...) Fui realmente viver esse choque de liberdade quando eu entrei na faculdade mesmo. Primeiro ano é sempre aquele ano mais tranquilo, você tem menos aula, você... É tudo novo, volta a ser tudo novo, você tem os amigos da região inteira, da época do cursinho, da época do terceirão...<sup>86</sup>

A problemática do choque de liberdade é lida a partir do presente. A própria noção construída na narrativa de choque de liberdade só foi possível de ser narrada porque o sujeito a vivenciou, a experimentou. Tal conhecimento foi construído no diálogo com o social, experimentado em sociedade e marca a subjetividade desse sujeito. Experimentar o “choque de liberdade” foi uma experiência social, narrar esse choque foi uma experiência individual em diálogo com o contexto da produção da narrativa. Esta só foi possível por terem entrado em disputa dois modos de viver, o experimentado em Terra Roxa, identificado com o adjetivo de “coloninho”, sob a supervisão dos pais; e o experimentado em Marechal Cândido Rondon, identificado com a “cidade grande”, marcado pela ausência de vigilância e o desenvolvimento de responsabilidades próprias.

Na fala de Diego é interessante perceber como ocorre uma relativização do tempo. Segundo o *site* do curso de Agronomia da Unioeste<sup>87</sup>, os anos do curso contam com 11 disciplinas em sua grade curricular. Entretanto, em sua fala, o mesmo afirma que no primeiro ano do curso há um menor número de horas-aulas. Tal relativização advém do fato de que é no 1º ano que é experimentado o “choque de liberdade”, assim tal período de tempo é identificado a partir de um maior tempo dedicado a outras atividades que não a universidade, identificada com os deveres a serem cumpridos.

Diego continua marcando sua posição com relação ao “choque de liberdade” sentido:

---

<sup>86</sup> GAMARO, Diego Augusto Arollo. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, maio de 2009.

<sup>87</sup> Disponível em: <http://www.unioeste.br/prg/> Acessado em: 25 de novembro de 2010.

Quando você vai pra faculdade, você começa a conhecer gente de varias regiões, do Brasil até, porque na minha sala tem muita gente de fora. Você acaba se enturmando, e aí sim você tem de tomar cuidado com o tal do choque de liberdade. Porque você vê muita gente que, vamos dizer assim, que se perdeu, que não consegue se formar nesses cinco anos, muitas meninas que engravidaram, muitos piás que agora têm filhos. Não vou dizer que isso é ruim, mas é de se pensar quando você tá fazendo uma faculdade. Muitos que desistiram do curso, muitos que tiveram que pegar transferência pra voltar pra casa deles pra ficar perto dos pais. Você vê muitas coisas assim, que eu acredito que seja por esse choque de estar entrando numa realidade totalmente diferente, saindo da barra da saia da mãe.<sup>88</sup>

A cidade não é apenas um momento de distanciamento das antigas relações sociais dos sujeitos. É também um momento de construção de novas sociabilidades. No caso de Diego, a cidade, mais do que um lugar de desencontros, de distanciamentos, é sentida como um lugar de encontros possíveis com pessoas de várias regiões. A cidade assume uma dimensão cosmopolita, onde diferentes culturas e pessoas se encontram. Tais encontros possibilitam diálogos e trocas interculturais, na perspectiva já apresentada de Canclini.

Entretanto, a imbricada relação universidade/cidade é para Diego o lugar do “choque de liberdade”. O estudante buscou marcar para si um distanciamento de práticas que percebeu como improdutivas ou contraproducentes. Para tal, dialogou com sentidos socialmente construídos. Assim, narrou um distanciamento de práticas que poderiam prejudicá-lo, como uma gravidez indesejada, ou, como apontou negativamente em outro momento, o uso de drogas. Na busca de uma identidade para si, se afastou de identificações pejorativas construídas no social. Assim, não deseja o rótulo de irresponsável por ter engravidado alguma garota, ou mesmo o rótulo de usuário de drogas. Utilizou-se de conceitos sociais para se definir identitariamente. Ao se distanciar do irresponsável, do usuário de drogas, construiu para si uma imagem de seriedade e sobriedade.

Na fala de Diego, o “choque de liberdade” apareceu marcado como oportunidades que surgem socialmente e que podem fazer com que jovens se distraiam das responsabilidades universitárias. Aceitar amplamente a liberdade causaria prejuízos, pois impossibilitaria que cumprissem compromissos referentes à universidade.

---

<sup>88</sup> GAMARO, Diego Augusto Arollo. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, maio de 2009.

O caso de Wagner inspira algumas problemáticas para lidar com a fala de Diego. Wagner teve dois filhos durante o período de sua graduação. Um deles é com sua namorada, que vive na cidade de Xanxerê (SC), cidade natal de Wagner e lugar onde mora sua família. As questões que Wagner apontou a respeito dessa situação divergem de certas colocações de Diego:

Cara, eu não posso reclamar, porque mudou a minha vida totalmente. Eu comecei a ter mais responsabilidade, não pensar só em mim, pensar no futuro dos meus filhos, como é que ia ser, o que eu ia ter de fazer, o que eu não ia ter de fazer, sabe. Então eu comecei, posso dizer assim, os filhos vieram pra me dar uma cabeça melhor, ou uma responsabilidade maior, e foi o que me ajudou a ir tão bem na faculdade quanto eu vou hoje. Na realidade começou a mudar no pensamento, não só mais em mim, já pensando neles e como que seria a vida com eles e pra dar uma qualidade de vida boa pra eles.<sup>89</sup>

Importa apontar aqui que nenhum dos casos pode ser generalizado. Wagner disse que os filhos, se lhe trouxeram maiores responsabilidades e dedicação aos estudos, também dificultaram sua vida. Ressalta a necessidade de ter de escolher entre o que podia continuar fazendo e o que não. Ao afirmar que o nascimento dos filhos o auxiliou a aperfeiçoar seu senso de responsabilidade, Wagner dialoga com sentidos sociais. Na fala anterior de Diego é possível visualizar como é visto o jovem que se torna pai ou mãe. Os sentidos estão na linha da irresponsabilidade. Wagner dialoga com esses sentidos, refutando-os e contrapondo aos mesmos sua experiência social. Sua narrativa não pode ser generalizada, afirmando que o nascimento de filhos aguça o senso de responsabilidade dos jovens, mas deve ser vista como uma tentativa individual de se afastar e se contrapor aos rótulos sociais impostos a esses jovens. Assim, o fato de ter um filho contribui para a sua graduação e não o prejudicou, como afirmava Diego.

O contraponto entre as falas é uma tentativa de problematizá-las sem excluir ou deslegitimar nenhuma. Ambas compartilham um sentido e uma noção, o aumento das responsabilidades que ocorreu com o ingresso na universidade. Ambos veem tal acréscimo como relativamente benéficos. Entretanto, enquanto Diego se relaciona com a questão excluindo ou se distanciando, pelo menos na narrativa, de atitudes que

---

<sup>89</sup> SILVA, Wagner Tiago Mozart da. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

considera prejudiciais à atividade universitária, Wagner se utilizou desse exemplo para contrapor preconceitos sociais vivenciados por ele.

Cristian migrou de uma pequena propriedade rural de São Cristovão, interior do município, para a cidade. Além do ingresso na universidade, deve ser pensada em sua narrativa a questão da migração do campo para a cidade. Tal processo não ocorreu apenas no caso dele, mas também nos casos de Nicheli e Tiago, a respeito do qual serão problematizadas algumas questões adiante. Durante e entrevista com Cristian solicitei a ele que falasse a respeito do período de “transição”, ou seja, o momento de chegada e experimentação na cidade, ele se apoderou do conceito incorporando o mesmo em sua narrativa:

Olha... Transição... É algo assim que foi... Que nem eu te falei antes, era... É chato você vir. Porque você tem um estilo de vida, você é meio que do mato e aí você tem a malandragem de lá, você sabe conviver com as pessoas de lá. Cumprimentar teu vizinho, você sabe conversar em alemão com ele, você conversa com essas pessoas de uma forma. Você tem um estilo de se vestir, um estilo de conviver, é tudo uma questão tradicionalista e você vem pra cidade e você encontra milhões de vícios. Você vem pra cá você tem um bar na tua esquina de casa, você tem um shopping, tudo leva você a gastar. Têm teus amigos tudo próximo, teus amigos tão ali a dois minutos de caminhada, ou moram contigo no mesmo prédio. Tudo é motivo pra festar, parece que isso tá no psicológico da pessoa. Quando o cara não tem conhecimento, o jeito mais fácil de se esconder do conhecimento é fazendo festa, ou dormindo, ou comendo. Então não foi legal. Não consegui, acho que até hoje, me acostumar totalmente com a cidade.<sup>90</sup>

A chegada de Cristian na cidade foi marcada pelo choque entre dois modos de vida tidos como diferentes. Seu deslocamento não implicava apenas o ingresso na universidade, mas na inserção social em uma cidade com sua historicidade própria. Nem sempre é possível construir trocas entre as subjetividades dos sujeitos que chegam à cidade e a historicidade dessa mesma. Assim, se estabeleceu, no caso de Cristian, um choque entre diferentes modos de vida. Em sua narrativa o estudante contrapôs seu modo de vida, identificado com o campo, e os modos de vida da cidade. Tal contraposição encontra uma problematização nas análises de Williams em *O Campo e a Cidade*<sup>91</sup>. O campo seria apresentado comumente como o lugar da integridade, da

---

<sup>90</sup> LÜDKE, Cristian Jonas. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

<sup>91</sup> WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade: na História e na Literatura.** São Paulo, Cia. das Letras. 1989.

solidariedade, enquanto a cidade seria o lugar dos “vícios”. Assim, contrapôs seu modo de conversar, de viver, de se vestir, com os modos de vida da cidade. Em tal contraposição construiu sentidos pejorativos para a cidade. Na urbe, viu facilitado o acesso a diversos “vícios”, que se não define, condena. Colocar a cidade como o lugar de acesso a tais vícios é reforçar narrativamente, de algum modo, sua visão do campo como lugar idílico e ideal para se viver.

Cristian se apropriou de uma noção desse entrevistador – transição – para construir sua fala a respeito de um período vivenciado. Evidenciou estranhamentos sentidos na sua relação com a cidade. Se antes, no campo, possuía os códigos de convivência necessários para se comunicar com os demais daquele meio social, agora os códigos eram estranhos a ele. Tendo dificuldade de lidar com a situação, a saída foi se esconder das possibilidades oferecidas pela cidade. Essas possibilidades, narradas como “vícios”, se inserem em lógicas com as quais não pode e não queria se envolver. De um lado a lógica do consumo a qual foi identificado o primeiro conjunto de vícios, o bar, o shopping. Cristian não pode se inserir nessa lógica pela ausência de recursos financeiros que devem ser direcionados para as necessidades estudantis. Nessa lógica, ele inseriu um espaço de consumo inexistente em Marechal Cândido Rondon, qual seja, o shopping center. Não há, nem nunca houve um shopping, mas Cristian apontou esse lugar como um dos “vícios” apresentados pela cidade. A imagem do shopping como símbolo da cidade e da modernidade foi marcada em sua fala, porque a cidade não é apenas o concreto e asfalto, não é apenas a cidade material, mas também é uma cidade imaginada. Ao se referir ao shopping, Cristian está identificando Marechal Cândido Rondon com uma ideia de cidade imaginada a partir de representações de outras, a cidade como o lugar do shopping, da modernidade, do consumo, do conhecimento. Ao transformar sua referência de Marechal Cândido Rondon em algo genérico, construiu uma oposição entre campo e cidade. Para isso contribuiu a própria expressão “transição” que remete a uma ideia processual de mudança entre dois lugares distintos. Tal leitura do social feita por Cristian está em consonância com as imagens construídas para o campo e a cidade descritas e problematizadas por Williams: “O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz”<sup>92</sup>. A cidade representou também a possibilidade de lidar com tais estranhamentos através do

---

<sup>92</sup> Idem, p. 11.

lazer. Foi narrado, de maneira impessoal – “quando o cara não tem conhecimento...” – a possibilidade de se esconder em festas, comida ou na cama. Tal impessoalidade remete a uma tentativa de marcar uma diferenciação entre seu lugar social, universitário, que implica certas responsabilidades, e o ócio representado pelas festas, pela comida ou pela cama. Nesse movimento narrativo de marcar seu lugar social, Cristian constrói uma imagem com a qual quer ser identificado. Tal imagem é semelhante à construída, mesmo que por outros caminhos, pelos outros universitários. Assim, tal como Diego e Wagner, Cristian reivindica para si a ideia de responsabilidade, de seriedade, em contraposição ao ócio.

Sua trajetória na cidade foi marcada por estranhamentos e aproximações, como podemos notar a seguir:

Sempre que tenho a chance tento ir pro interior e fugir um pouco da cidade, porque não me habituei totalmente a morar na cidade, não gosto de morar em cidade. Claro que facilita, você tem tudo na tua mão. Mas se eu pudesse morar no interior, ou trabalhar no interior mesmo, é o que eu quero, eu acho que eu me sentiria melhor, porque são... Particularmente assim: lá é o que eu gosto de fazer, é o que eu gosto de ver, é o que eu sei ver na verdade. Se eu olho pra cidade eu não sei estudar a cidade, mas se eu olho pro mato eu sei estudar uma planta, sei o que esse animal está sentindo e tal, então é uma coisa diferente.<sup>93</sup>

O que se depreende da fala de Cristian a respeito da ida para a cidade são os estranhamentos, a percepção e o embate subjetivo de dois modos de vida. Há dois conjuntos de estranhamentos principais: “Então, foi assim, em primeiro lugar, com certeza as pessoas, em segundo lugar a questão cultural”<sup>94</sup>. Ao ser indagado a respeito do momento de transição ressaltou a falta de conhecimento da “malandragem” necessária para viver de maneira tranquila. A “malandragem” referida por Cristian são os códigos sociais necessários para a comunicação e o entendimento em sociedade. Enquanto proveniente do campo, Cristian acredita já dominar a “malandragem”, os códigos de comportamentos rurais, como falar “alemão”. O mesmo não aconteceria no meio citadino. Assim, lidar com as pessoas se torna um problema:

Mas o mais difícil mesmo foi aprender a lidar com as pessoas. Porque a forma que eu tinha para me expressar era muito simples. O meu linguajar era muito caipirão, eu falava tudo errado, falava uns termos

---

<sup>93</sup> LÜDKE, Cristian Jonas. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

<sup>94</sup> Idem.

que a gente não... Não são coloquiais, o pessoal na cidade não utilizava.<sup>95</sup>

No trato com as pessoas da cidade a maior dificuldade ressaltada foi o desconhecimento dos códigos de expressão. A fala assume uma posição de referência que marca identitariamente o sujeito “da cidade” e o sujeito “do campo”. Dois modos de vida que, a primeira vista, foram apresentados por Cristian como distintos, dialogam interculturalmente.

Cristian apresentou o modo como teria lidado com a falta de conhecimento dos códigos de sociabilidade:

Mas é uma coisa assim: naquela época tudo era motivo pra mim dar um soco em alguém, sabe? Porque eu não tinha, eu não sabia me defender com as palavras. Aí o pessoal tava tirando com a minha cara: - Óh, vou te dar um murro véio! Para com isso senão eu te espanco! Naquela época muito bem eu poderia fazer isso com qualquer um, porque eu era... É consequência, trabalhava que nem um cavalo, então tinha força demais. Mas foi um tempo assim, até que eu me habituei assim a conhecer, a entender o que esse pessoal tava querendo dizer, aprender a malandragem assim, foi o mais, com certeza, foi o mais difícil.<sup>96</sup>

Como não conseguia se defender com palavras, Cristian optou pelo confronto físico, ou com a ameaça, como opção e possibilidade de defesa. Nesse momento, Cristian colocou em atuação um saber específico que atribuiu ao camponês: a força física. Detentor de grande força, resultado do trabalho braçal, Cristian pode se colocar em vantagem, mesmo que não a considere honrosa, no confronto “cabeça” versus “mãos”, tão caro para ele. Nesse momento, o enfrentamento com os estranhamentos chega ao seu ponto crítico. Na sequência foi amenizado. Cristian afirmou que esse momento foi passageiro em sua trajetória. No entanto, apesar de passageiro “foi o mais difícil”<sup>97</sup>. A partir de então outras questões foram apresentadas. Uma confrontação física que talvez possa ter acontecido foi silenciada.

Após esse momento de ápice do confronto com as pessoas da cidade, Cristian narrou outros estranhamentos e conciliações. Imediatamente na sequência, o que apareceu foi a relação tranquila com o comércio local. Não há elementos na fala que expliquem de maneira objetiva essa mudança de direção. O que é possível conjecturar a

---

<sup>95</sup> Idem.

<sup>96</sup> Idem.

<sup>97</sup> Idem.

partir das entrelinhas do relato é uma possível tentativa de tornar sua trajetória mais palatável e condizente com os valores que o mesmo acredita importantes depois de sua passagem ao urbano.

De qualquer modo Cristian narra uma segunda instância de estranhamentos:

Em segundo lugar veio aqueles laços culturais. Porque aí não adianta, lá as festas eram de um jeito e aqui era totalmente diferente. Aqui você tem boates, você tem outros tipos de atrações. Que foi assim, até certo momento complicado, até que depois eu fui começar a entender que o mundo não é só música gauchesca e sertaneja. Aí você acaba aprendendo que você pode assistir uma ópera, você pode muito bem assistir uma banda de *rock and roll* tocar que também tem uma letra e essa letra conta uma história que pode fazer parte do seu país, da pátria que você defende. Então, hoje assim, eu não vejo... Claro, ainda tenho restrição a funk. Mas o resto assim sinceramente se eu puder assistir eu vou e vejo. Várias vezes assim em final de semana, eu acho que eu mudei um monte daí: - Ah, vamos pra um baile? : - Não, acho que não vou não cara, hoje tem uma apresentação aí num teatro e eu vou ficar e depois vou jantar com uns amigos. Já fiz isso várias vezes.<sup>98</sup>

Assim, o estranhamento situado por Cristian como menos importante, visto que está em segundo lugar, teria sido superado. Dois modos de vida se chocam e estabelecem trocas. Já não é mais possível para Cristian ficar preso estritamente aos seus referenciais culturais do passado. É necessário o diálogo com “culturas cidadinas”. Importa notar quais são as novas práticas de Cristian: o *rock and roll*, o teatro e o restaurante são as práticas culturais que ele passa a vivenciar. Assim, a cidade é sentida como o lugar de novas experiências. Há uma ressignificação de suas práticas. Novos gostos se entrelaçam e negociam espaços em sua subjetividade. Novas identidades se constroem nessa interculturalidade. Entretanto, se o diálogo ocorre, ele não é uma via de mão única, onde o sujeito simplesmente recebe pacificamente aportes ao seu meio de vida. Cristian também marcou de maneira enfática sua posição social, ao fixar seu distanciamento com o funk. Deste modo, a interculturalidade é um diálogo, uma troca.

A partir da fala de Cristian adentramos num campo riquíssimo das trajetórias dos universitários analisadas. Apontou alguns estranhamentos enfrentados na mudança para Marechal Cândido Rondon. Tais estranhamentos são específicos, pois foram construídos a partir da historicidade de suas vivências no período anterior à universidade. Assim, marcou estranhamentos principalmente a partir da relação entre campo e cidade. Os demais universitários marcaram, cada um a partir de sua

---

<sup>98</sup> Idem.

subjetividade, estranhamentos outros, que não, necessariamente, esses apontados por ele.

Ao se mudar, Diego construiu expectativas a respeito da cidade que, segundo ele, foram atendidas:

Sobre a cidade, atendeu o que me falaram. Andei pesquisando sobre a cidade, como era aqui, a questão de índice de criminalidade, a questão de tranquilidade pra você morar e acabou sendo bem o que eu imaginei, o que me falaram. Uma cidade bem tranquila, tanto que logo que eu vim pra cá eu dormia de janela aberta, de porta aberta, bem, muito tranquila. Uma cultura bem diferente da minha, lá da minha cidade, como eu já falei. Lá é a maioria paulista e aqui é mais descendentes do Sul também, mais alemães também. Bem diferente, muita coisa diferente, desde a parte de organização da cidade em si, até a infraestrutura, o comércio é bem diferente da minha cidade, mas foi o que eu esperava também.<sup>99</sup>

Nesse sentido, a expectativa de uma cidade tranquila, sem criminalidade, teria sido atendida. Entretanto, foram essas mesmas expectativas que construíram o ponto de partida narrativo para algo presente nas falas de universitários, a diferença cultural sentida, vivenciada e narrada. Assim, quando está falando de suas expectativas imediatamente coloca-as em movimento evidenciando, uma característica da cidade: a ênfase de determinados setores sociais na formação da cidade por descendentes de germânicos. Este é um campo complexo e crítico da História das relações sociais na cidade. Este assunto já foi discutido com propriedade em diversos textos, inclusive apontados<sup>100</sup>. Ressalto que os universitários presentes em Marechal Cândido Rondon, em diferentes quantidades, pelo menos desde a fundação da antiga Facimar em 1980, geralmente estiveram fora da escrita da história pública sobre a formação da cidade. Tenho a clareza de que a cidade não é composta exclusivamente por descendentes de germânicos, mas sim, por migrantes de diferentes procedências do país. No entanto, em diversos casos, como no de Diego, e outros neste trabalho, a cidade é percebida como de “alemães”. Diego narrou essa questão da seguinte forma:

A principal diferença é que aqui em Rondon, o pessoal puxa muito pra colonização alemã. Até o pessoal de fora fala que Rondon é um pedacinho da Alemanha aqui no Brasil. Na minha cidade não tem muito, não puxa muito numa certa direção, vamos dizer, pra alemão,

---

<sup>99</sup> GAMARO, Diego Augusto Arollo. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, maio de 2009.

<sup>100</sup> LAVERDI, Robson. **Tempos Diversos, Vidas Entrelaçadas**: Trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo oeste do Paraná. Curitiba, Aos Quatro Ventos, 2005.

pra italiano, é mais um mistão, é mais um misto de várias nacionalidades que tão misturadas ali junto. Não tem igual aqui que é mais alemão que predomina, a principal diferença é essa. Aí você vê também as pessoas, aqui tem muito alemão, e alemão tem aquele jeitão dele, se é bom ou se é ruim não cabe a mim dizer, mas tem aquele jeitão dele. Já se você pegar uma colonização italiana uma coisa assim, o pessoal já é diferente, a maneira de pensar, a maneira de se tratar, você já começa a perceber algumas diferenças ali.<sup>101</sup>

Mesmo que se referindo à fala de outras pessoas – “até o pessoal de fora fala” – caracteriza Marechal Cândido Rondon como “um pedacinho da Alemanha aqui no Brasil”. Referir-se a essa questão através da fala de outras pessoas é uma tentativa de se eximir da responsabilidade da afirmação. Se a cidade não é composta apenas por descendentes de sulistas, ao referir-se a ela, Diego a narra desse modo. Aqui importa mais a forma como a cidade é vista, sentida, do que sua real composição étnico-social. Além de sua composição, a forma como tal paisagem social é sentida constrói significados nas memórias e narrativas do estudante.

Na mesma fala Diego se referiu ao “jeitão” do então representado como alemão. Não é, segundo suas palavras, sua intenção julgá-los, entretanto seu gestual, suas expressões, bem como a forma como tal expressão é proferida marca um distanciamento que caricaturiza esse grupo social com o qual Marechal Cândido Rondon é identificado. Diego, ao construir sua fala, marca um distanciamento com essa ascendência cultural. Afirma que em Terra Roxa conviveu com diferentes origens étnicas, diferentemente do quadro social encontrado na cidade.

Referir-se ao “jeitão” dos “alemães” é uma tentativa de marcar identitariamente seu lugar social, se distanciando daqueles que denomina como tais. A identidade é construída a partir da percepção e do reconhecimento do outro. Ao se distanciar desse grupo construiu firmemente uma aproximação com outro que, em sua fala faz oposição a eles, os universitários. Assim, marcar essa posição é, mais do que exprimir uma opinião, marcar seu posicionamento identitário e a forma como quer ser reconhecido.

O estranhamento com os “alemães” que formariam a cidade, em oposição aos universitários que sofreriam da parte deles uma série de preconceitos e pressões, aparece em outras narrativas. Há entre os entrevistados um conjunto de estranhamentos com a cidade em torno dessa questão. Na tentativa de expressá-los para si próprios constroem uma dicotomia entre o nós, os universitários, e o eles, os “alemães de

---

<sup>101</sup> GAMARO, Diego Augusto Arollo. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, maio de 2009.

Rondon”. Tal dicotomia foi compartilhada por diferentes estudantes, de diferentes cursos e segmentos sociais. Vejamos o caso de Wagner:

Ah, no começo é meio ruim por causa dos alemão (risos). Agora já morreu um monte dos velhos... No começo a cidade era um pouquinho... Quando eu cheguei aqui sete anos atrás, a cidade era mais fechada assim, estudante pros alemão era um negócio mais, assim era, um exemplo assim, um pessoal mais vadio que só queria saber de festa e coisa assim. Aí foi mudando, eu fui me adaptando bem, aí o círculo de amizade vai... A gente vai começando a criar um círculo de amizade, de pessoas da cidade, da faculdade e aí começou, por aí, mas no começo foi um pouquinho difícil pra se adaptar. Que nem, eu morava numa cidade onde os mercados ficavam abertos até nove horas todo dia, final de semana e feriado até as nove e aqui em Marechal não. Aqui em Marechal o comércio é seis horas tá fechado, no sábado quatro horas o mercado está fechado, então a gente tem de ir se adaptando a isso.<sup>102</sup>

As dificuldades enfrentadas foram divididas em dois campos: a dificuldade de ingressar na sociedade local, que era, segundo ele, “mais fechada”; e a dificuldade de se adaptar ao comércio local, a um novo modo de vida. Outros sujeitos seguiram na mesma linha. Vejamos o caso de Kleber,<sup>103</sup> professor de História que atua em colégios particulares da região:

Quando eu cheguei em Rondon, eu sofri preconceito como boa parte das pessoas que vem de fora. Porque Marechal Cândido Rondon tem uma sociedade um pouco fechada, eu não vou dizer preconceituosa, fechada. Porque assim, até os moradores, principalmente o pessoal de mais idade 50, 60 anos de idade que não te conhecem, não sabem quem você é, você chega de fora eles querem saber quem você é. Talvez por uma certa desconfiança, um receio, demora um pouco até você se habituar. Então é difícil até você arrumar emprego aqui. Por isso que você acaba fazendo um bico de garçom, você acaba fazendo digitação pra um colega que não tem tempo porque trabalha, então assim, é complicado.<sup>104</sup>

Kleber demarcou sua relação com os cidadãos, como uma relação marcada pelo preconceito sentido por ele de parte dos cidadãos. Sua fala é semelhante a de Wagner.

---

<sup>102</sup> SILVA, Wagner Tiago Mozart da. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

<sup>103</sup> Kleber Dreicy Melchior é natural da cidade de Cascavel. No momento da entrevista era formado em História pela Unioeste, ministrando aulas como professor de diferentes colégios na região. Após a faculdade continua a residir em Marechal Cândido Rondon, onde vive desde 2004. Kleber cursou História entre os anos de 2004 a 2007.

<sup>104</sup> MELCHIOR, Kleber Dreicy. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

Se define a sociedade local apenas como fechada, quando incitado a dar sua visão sobre essa situação passa a culpabilizar a ocupação da cidade por “alemães”:

É que boa parte da colonização aqui foi feita por pessoas de origem germânica ou de descendência germânica, por conta da própria colonizadora que na época dava preferência pro pessoal dessa origem, ou que fosse germânico. Isso fez com que a cultura germânica fosse muito forte, muito arraigada aqui em Rondon, como sempre foi e todo mundo que conhece o município sabe. Não é uma generalização, mas parte dessa sociedade ainda é muito germanizada, ainda prefere os germânicos. Quando vem alguém que não é dos germânicos, essa parcela da sociedade que ainda prefere os germânicos fica com o pé atrás. Não sei se dá pra chamar de preconceito, mas, a gente percebe que demora você conseguir se habituar ao ritmo deles, porque o ritmo deles é outro, porque o sistema deles é outro. Aqui na comunidade, apesar de ser uma cidade de mais de 40 mil habitantes, a gente vê pessoas que parecem conhecer todos da cidade, falam “conheço esse, conheço aquele”. As pessoas encontram você, as pessoas de mais idade, a primeira coisa que elas te perguntam é o teu sobrenome, pra saber se você é de origem alemã ou não, se você é de descendência germânica ou não, então, isso deixa no ar, parece que deixa no ar aquela impressão de que assim ó: se não for desse clube você não participa.<sup>105</sup>

Kleber se utilizou da posição de historiador para construir sua fala. Utiliza-se de referenciais da História para firmar sua opinião de que a culpa pela suposta divisão entre citadinos e universitários seria dos “alemães”, dos “germânicos” que teriam um modo de vida mais conservador. Ao fazê-lo retroalimenta o discurso oficial da “colonização germânica”, retroalimentando também a divisão que vem criticando.

Por último gostaria de destacar ainda o caso de Marina, que segue na mesma linha de pensamento destacada acima:

Rondon é meio contraditório, eu gosto e não gosto. (...) Tem suas partes boas. Porque é aquele negócio: você tem a tua liberdade, fora de casa e tudo mais, não que eu festei todo dia e não sei o que... Você tem o teu canto e tudo mais, e essa parte assim é gostosa. Agora, sei lá o preconceito assim dos rondonenses com os universitários não é legal.

Entrevistador: Como assim?

Eu não sei, parece que você vai nas lojas, no centro, em algum lugar assim, que eles vêem que você é de fora eles não te tratam igual eles te tratariam sendo daqui. Eu acho que desde o meu primeiro ano até hoje já diminuiu um pouco isso, mas você ainda vê um pouco, principalmente os mais velhos, os mais de idade, parece que eles tem meio que aversão com o crescimento da cidade. Não sei, eu acho que o universitário não é muito bem quisto. Na nossa região aqui, em volta

---

<sup>105</sup> Idem.

da universidade não é tanto assim, é mais tranquilo, na verdade eu acho que não tem quase esse... Mas mais assim lá pro centro, eu acho que é um pouquinho mais pesado.

Entrevistador: Você acha que isso é por causa de ser universitário, é por ser universitário?

Eu não sei se eles têm uma visão de que o universitário só quer farra, só quer festa e vieram pra nossa cidade à toa, ou... Não sei, mas eu sinto um pouco isso, esse preconceitozinho assim, em relação aos universitários.<sup>106</sup>

Marina narrou sentir um “preconceitozinho” com relação aos universitários. Entretanto, não estabeleceu uma conexão entre o preconceito e o discurso de germanidade de setores da sociedade. Em sua fala não tenta explicar o motivo de tal preconceito, apenas narra a sensação. O preconceito seria dos “rondonenses” e não dos “germânicos”, como no caso de Kleber, ou dos “alemães” no caso de Wagner e Diego.

Ao caracterizar os cidadãos como preconceituosos para com os universitários, os estudantes trazem à tona um problema que deve ser pensado. O fato de caracterizá-los todos no mesmo grupo silencia sociabilidades diferentes construídas na cidade. Apontam possíveis fissuras nas relações entre universitários e cidadãos, das quais se aproveitam para se inserir socialmente, mas as deixam de lado ao construir narrativamente um grupo social homogêneo que congregaria todos os cidadãos. Deve ser pensado também que ao caracterizar os demais habitantes como “alemães”, “velhos”, “germânicos”, os estudantes estão construindo um estereótipo para esse grupo social. Como exemplo, podemos apontar a referência de Diego ao “jeitão” dos “alemães”. Tal referência é carregada de sentidos pejorativos que constroem para esse grupo social uma imagem caricata. Denominar um grupo, ou uma pessoa como “alemão” pode ter tanto o sentido positivado apregoado pelo discurso oficial, de trabalhador, empreendedor, quanto o sentido pejorativo de “atrapalhado”, “teimoso”, “atrasado”. No caso dos universitários o sentido utilizado é pejorativo. Ao denominá-los dessa forma não se consegue a aproximação que seria a lógica implícita da reivindicação do fim de preconceitos. O que se consegue é alimentar novamente essas estruturas de sentido preconceituosas que partiam de ambos os lados.

Ao analisarmos as falas sobre tais sentimentos, vemos que sentem o alegado preconceito de formas distintas. Com exceção de Marina, os demais percebem que o preconceito diminuiu com o tempo. Com o aumento da familiaridade com a cidade, e

---

<sup>106</sup> ABRONDAVI, Marina. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

vice-versa, ocorre um rompimento gradual de tal barreira. Se a barreira não se desfaz, pois está marcada na memória, pelo menos a convivência se tornaria mais fácil.

Para pensarmos essa questão é importante lembrarmos o imbricamento entre eventos e significados. Portelli aponta que na história oral:

A primeira coisa que torna a História oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*. Isso não implica que a História Oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas.

O único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, suma secção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir. Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos.<sup>107</sup>

Através da história oral é possível perceber justamente os pontos de inflexão dessas duas instâncias da subjetividade. A narrativa dos universitários a respeito dos preconceitos sentidos da parte dos cidadãos transcende a condição de significação ou evento. Seria improdutivo aqui construir ou encontrar uma verdade a respeito dessa situação, se haveria ou não preconceitos. O que importa é que ao narrarem suas vivências na cidade, o fazem a partir da lógica de divisão e do preconceito. Dessa forma, a cidade vivida e a cidade significada, imaginada, se imbricam numa trama de sentidos impossível de ser compreendida isoladamente. Ao narrarem a cidade como um lugar dividido em partes, os universitários e os cidadãos, a universidade e o centro, constroem na narrativa e na sua própria subjetividade, a divisão. Há então, um constante esforço, consciente e/ou inconsciente, para marcar tal divisão, tal distanciamento.

O caso de Marina remete a uma outra perspectiva. “Na nossa região aqui, em volta da universidade não é tanto assim, é mais tranquilo, na verdade eu acho que não tem quase esse... Mas mais assim lá pro centro e tal, eu acho que é um pouquinho mais pesado”<sup>108</sup>. Marina divide a cidade em duas partes, “nossa região” - que compreende

---

<sup>107</sup> PORTELLI, Alessandro. Forma e Significado na História Oral. A Pesquisa como um Experimento em Igualdade. **PROJETO HISTÓRIA**. São Paulo, p. 7-39. Fevereiro, 2007.

<sup>108</sup> ABRONDAVI, Marina. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

uma espécie de círculo imaginário em torno do *campus* - e o “centro”, identificado como lugar dos cidadãos. Esta separação “nossa região” - “centro”, foi utilizada para demarcar os espaços de cada um desses grupos sociais. Para explicá-la é necessário discutir a sua disposição geográfica da cidade.

Marechal Cândido Rondon é formada por um quadrilátero central planejado, que compõe a região do centro, oficialmente falando, da cidade. Este quadrilátero central comporta tanto grande parte do comércio local, quanto uma significativa área residencial. No entorno da área central se localizam os bairros. O *campus* da Unioeste localiza-se numa das esquinas desse quadrilátero. Os universitários provenientes de outras cidades residem, em sua grande maioria, no entorno do *campus*. Este espaço é habitado tanto por universitários quanto por cidadãos – daí a afirmação de Marina de que os que vivem perto não nutrem preconceitos para com os universitários – constituindo um espaço de forte especulação imobiliária por meio da construção de casas e quitinetes para aluguel.

Interessante pensar que nessa área mais próxima do *campus* é que se concentram grande parte dos conflitos vivenciados. Esta região comporta um grande número de residências estudantis, as chamadas repúblicas. Em algumas dessas residências são comuns festas e confraternizações entre os estudantes. Quase tão comum quanto as confraternizações, são as reclamações que os cidadãos que residem na região fazem, tanto à polícia, quanto informalmente no dia-a-dia a seus vizinhos e conhecidos. Não são raras as vezes em que as festas são interrompidas e até encerradas pela polícia. Tal feito gera, comumente, revolta por parte dos participantes das festas, em sua maioria universitários. Nessa situação, há algumas problemáticas sensíveis que constantemente geram conflito. Por um lado os jovens desejam se entreter e se divertir. Numa cidade com opções de entretenimento consideradas como limitadas, sentem a necessidade de criar seus próprios lazeres. Dessa forma suas casas acabam se tornando palco de festas e confraternizações. As festas regadas muitas vezes com a combinação de som alto e bebidas alcoólicas, quando não com drogas e entorpecentes, geram em alguns casos distúrbios no local onde são realizadas. As conversas e a música alta acabam por interferir no descanso e no sono de seus vizinhos, muitos dos quais trabalham e não têm mais a disposição dos universitários de acordar tarde e manter uma rotina de trabalho de igual forma. A partir daí fazem denúncias gerando e alimentando as tensões nas relações.

Marina se utiliza desta disposição geográfica, centro/universidade, para demarcar áreas onde se sente mais à vontade, por não viver preconceitos. Tal forma de demarcar a cidade não está presente apenas na fala de Marina, mas também na de outros sujeitos. Um deles é Diego:

É como eu te falei: eu tenho menos amigos da cidade, mas também conheço bastante gente que mora aqui em Rondon, aí entra os meus amigos do tempo do cursinho, porque a maioria deles mora em Rondon. Então, esses amigos, essas amizades são preservadas. Ainda hoje, toda vez que eu vou no centro que eles tão numa festa lá, ou que eles tão aqui perto da faculdade nós nos encontramos, lembra um do outro, conversa e tal. Tem essa amizade, tem esse vínculo daquela época do terceirão ainda, mesmo não se vendo sempre, mesmo se vendo bem esporadicamente, você acaba ainda tendo esse vínculo, essas amizades. Agora, claro, eu tenho bem mais amizades na faculdade, porque eu tô sempre aqui, eu passo 24 horas por dia aqui, vou no centro esporadicamente só, então eu tenho bem mais amizades aqui do que lá no centro. Mas não deixo de ter amigos que moram lá no centro também, eu não tenho essa: - Esse é da faculdade, esse é do centro e se é do centro eu não vou falar com ele. Tanto que Rondon é uma cidade pequena, você não tem como querer, é tudo junto, misturado.<sup>109</sup>

Diego tem amigos nas duas “regiões” da cidade, “aqui”, próximo ao *campus*, e o “centro” imaginado, que é habitado por amigos da época do cursinho, os cidadãos. Demarca, portanto, uma separação. Afirma também que devido ao tamanho da cidade é impossível haver uma divisão entre os grupos sociais que a habitam. Entretanto, no momento em que afirma que é “tudo junto, misturado”, informa uma divisão, afinal se todos fossem iguais não necessitaria marcar a mistura que ocorre aqui.

Quando ressalto que os universitários demarcam uma divisão entre eles próprios e os cidadãos, sentido que alegam ter sido construído e alimentado pelos cidadãos, temos em vista que a cidade é um espaço diverso. O que se expressa é um tensionamento entre dois grupos imaginados e generalizados nas falas dos próprios universitários. São eles que dividem a cidade em grupos. Em suas falas aparecem o “nós”, se referindo aos universitários e o “eles”, remetendo aos cidadãos. Tal divisão binária esconde a multiplicidade de grupos sociais e suas intrincadas tramas de sociabilidades que compõem a cidade. Ao se referir ao “nós” os universitários tentam construir uma identidade que legitime suas posições. Além disso, reforçam a divisão

---

<sup>109</sup> GAMARO, Diego Augusto Arollo. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, maio de 2009.

sentida por eles. Dividir a cidade entre “nós” e “eles” reafirma as questões que problematizávamos ao trabalhar a questão dos sentidos de se referir aos cidadãos como “alemães”.

O caso de Tiago<sup>110</sup> é muito interessante nessa perspectiva, pois outras questões, além de sua condição de universitário, põem em movimento o preconceito vivido. Tiago assim se expressa:

No começo cara, no começo eu não percebi muito, porque eu, lá de onde eu venho, o povo tem um pouco disso, o povo é mais do interior assim. Pra mim não foi tão estranho, mas foi com o tratamento com os universitários mesmo, eu achei isso mais que desumano, porque, por o povo ser mais do interior, ser mais chucro, isso eu já sabia, isso eu já sabia, só que eles têm um preconceito muito grande de parte dos universitários. Eu vejo assim, não sei, eu tendo contato assim no dia-a-dia, trabalhando na Haus e no Giovialle, com o povo de Rondon.<sup>111</sup>

Tiago se utiliza de sua origem de classe social para justificar a ausência de percepção do preconceito que sentiu. Vindo do interior de Verê, no Sudoeste do Paraná, não encontra num primeiro momento, dificuldades para se adaptar a cidade. O sentimento de preconceito tem início com sua experiência laboral na cidade. É a partir das relações constituídas no trabalho que Tiago sente o preconceito de forma mais latente. Esse sentimento fez com que narrasse sua posição social de uma maneira interessante:

Eu vejo isso porque eles generalizam, eles falam: - Universitário só presta pra festar, pra incomodar a cidade... Nos colégios só dizem que os universitários só prestam pra incomodar e pra pedir estágio; os que alugam casas perto da faculdade falam que os universitários só estragam as casas; os que moram perto da faculdade falam que os universitários só festam. E é essa a imagem que o povo rondonense tem dos universitários: Que é aquela galera, o pessoal que não presta. E eles acabam generalizando, porque na verdade não é todo mundo que é assim. Tem, claro, lógico que tem o pessoal que vive festando de segunda a sexta, mas, a grande maioria não é assim. Você sabe, o pessoal vem aqui pra estudar mesmo. E eu vejo Marechal Cândido Rondon dividido em dois mundos, a gente vive num mundo aqui perto da Unioeste, aqui os universitários, lá o centro lá, o resto de Rondon é outro mundo, cara. E eu trabalho, parece uma viagem, mas eu trabalho no lugar aonde vem gente dos dois lugares. E ali eles tipo, eu tenho, eu acho que esse preconceito seria mais ou menos isso.<sup>112</sup>

---

<sup>110</sup> Tiago Orben, n.o momento da entrevista cursava o 3º ano de História na Unioeste. Estuda na Unioeste desde 2007 até os dias atuais.

<sup>111</sup> ORBEN, Tiago. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, julho de 2009.

<sup>112</sup> Idem.

A principal crítica de Tiago vai em direção ao fato de que os cidadãos generalizam os universitários, estereotipando-os como festeiros. Entretanto, o próprio Tiago faz o mesmo movimento, apenas em sentido inverso. Reivindica a diferença entre os próprios universitários – “E eles acabam generalizando, porque na verdade não é todo mundo que é assim”<sup>113</sup> – mas mantém generalizações ao fazer referência aos cidadãos, imputando-lhes o preconceito e a responsabilidade pelo seu surgimento, reforçando novamente a divisão. Interessante ainda na fala de Tiago é como se posicionou socialmente na cidade. Num primeiro momento, apesar de criticar as generalizações, afirma que a vê dividida em “dois mundos”, por um lado os universitários e por outro o “povo rondonense”. Tiago se coloca num lugar especial, pois afirma estar num ponto de conexão entre os dois mundos. É a partir desse lugar que legitimou sua leitura. Relacionando-se constantemente com os dois grupos, sente ter condição de realizar afirmações a respeito das relações entre eles. Tal posicionamento é reforçado ao falar de seu ambiente de trabalho e sua função de garçom:

E o serviço de garçom é um serviço ingrato cara. Você sabe, (risos) é um serviço, ainda mais em Rondon... Eu vejo ali pelo Giovialle, não é tanto, tanto, porque na Giovialle já vai mais um pessoal mais centrado, o pessoal da Unioeste, professores, acadêmicos, que não têm tanto preconceito com os universitários. Mas quando a gente bate de frente com a sociedade rondonense, com o povo de Rondon, a gente vê uma grande diferença, eu vejo pelo menos, o pessoal aqui tem muito preconceito com os universitários. E a grande maioria que vai na Giovialle do pessoal de Rondon, que sabe que a gente é universitário: - Ó vai lá meu escravo, traz uma Coca, traz alguma coisa assim. Eu não tenho a reclamar do pessoal da Unioeste, o pessoal aqui da Unioeste é a maioria universitário e professores, mas o pessoal de fora, de fora não, de Rondon que vai lá, que é de Rondon mesmo, eles são muito grosso com nós.<sup>114</sup>

Mais uma vez Tiago ratificou a divisão que ele e outros universitários construíram dialogicamente em suas narrativas. Por um lado, os cidadãos que lançariam olhares preconceituosos sobre os universitários. Por outro, os universitários seriam vítimas do preconceito. Tal leitura não pode ser lida de maneira simplista. Dentro desses grupos, diferentes sociabilidades e posicionamentos passam por constantes construções e ressignificações. No próprio exemplo de Tiago é possível visualizar que o preconceito não está localizado apenas na sua condição de universitário, mas também nas relações

---

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> Idem.

de classe implícitas que são identificadas em sua fala. Como funcionário de uma empresa de serviços, num setor informal precarizado, sofre com o desdém de clientes. Há aqui dois lugares sociais imbricados compondo a visão dele sobre a situação. Por um lado sente um preconceito contra os universitários; por outro lado, exerce uma função laboral desprestigiada socialmente. Para além da divisão de grupos sociais, se impõe uma relação de classes. Não é apenas o Tiago enquanto universitário que viveu tal situação, mas também o Tiago garçom.

Na fala, Tiago e outros estudantes exploram a noção de centro e periferia na cidade. Como pensar em centro e periferia fixos quando apenas com um rápido lançar de olhos vê-se uma singela, mas potente resignificação dessa noção? Ora, se observarmos apenas a superfície das narrativas veremos que logo de início se cria uma nova divisão, um novo centro: a universidade; e uma nova periferia: o centro da cidade. Essa reconstrução marca um espaço imaginado para um grupo também imaginado. Estabelece-se uma nova relação com a cidade legitimando e alimentando o discurso que marca uma relação de tensão entre os cidadãos e os estudantes.

Os sentidos construídos pelos entrevistados são complexos. Algumas vezes contraditórios e, certamente, múltiplos. As resignificações de suas visões a respeito da cidade são constantes. Em diferentes momentos, narram experiências traumáticas, ou experiências que julgam benéficas na sua relação com a cidade. Assim, já problematizei a forma como narraram a problemática das responsabilidades que viver fora da casa de seus pais trouxe para eles. Discuti também, a forma como se relacionam com o restante da população da cidade, relação essa carregada de sentidos negativos, marcados por preconceitos, estereótipos e generalizações sentidas e refutadas.

Na multiplicidade de olhares e narrativas da cidade aparecem não apenas estranhamentos marcando distanciamentos e disputas. Há momentos em que ocorrem conciliações entre sujeitos e o que os mesmos definem como características próprias da cidade. Em diferentes momentos que se sentiram vítimas de preconceito, construíram pontes de contato com diferentes grupos de cidadãos.

Nas narrativas é possível perceber um movimento de conciliação nas sociabilidades na cidade. Diversos sujeitos narram que com o passar do tempo houve uma aproximação com sujeitos da cidade por diferentes motivos e meios. Um desses é Kleber:

Não sei se dá pra chamar de preconceito, mas, a gente percebe que demora você conseguir se habituar ao ritmo deles, porque o ritmo deles é outro, porque o sistema deles é outro.<sup>115</sup>

Em sua fala, marcou a forma como enfrentou as dificuldades sentidas no trato com cidadãos. Kleber se inseriu na cidade pelas fissuras, pelas bordas. Como meio de sobrevivência corrigia e digitava trabalhos para colegas. Na busca por um emprego trabalhou de garçom em um ambiente, representativo do discurso germanizador dominante na cidade. Ao ser indagado sobre como havia enfrentado as dificuldades para se inserir, narrou:

Olha, eu lidei com tranquilidade. Porque eu pensei o seguinte: - Se não me quiserem para o clube, digamos assim, se não quiserem me contratar, eu vou ter que fazer de outra maneira. E eu felizmente consegui outra maneira, eu fui trabalhar de garçom em uma choperia aberta nos moldes da cultura germânica, mas que não era de propriedade de um germânico. Quem dirigia na época a choperia era um empresário que tinha vindo de Foz do Iguaçu, e era tão de fora quanto eu. Então nessa choperia acabei encontrando serviços nos fins de semana e à noite, pra poder trabalhar de garçom e sustentar o meu período de faculdade.<sup>116</sup>

Assim, o universitário conseguiu se inserir a partir de suas fissuras. Uma choperia “nos moldes da cultura germânica” de propriedade de alguém estranho a essa mesma cultura foi a porta de entrada no mercado de trabalho informal.

Kleber teria se inserido a partir das fissuras do mercado de trabalho de Marechal Cândido Rondon. Wagner, por sua vez, narrou esse processo de forma diferente. Sua fala foi construída a partir das possibilidades de lazer construídas que possibilitaram que se aproximasse de outros grupos que não de universitários:

No começo era uma coisa mais fechada, só entre a faculdade. Aí você começa a conhecer uma pessoa que estudava com você, que mora na cidade, vai jogar futebol, tem os amigos, aí você começa a ter uma interação um pouquinho maior com o pessoal da cidade. Mas primeiro era o círculo da faculdade, dentro da faculdade, com o pessoal da faculdade, pra depois começou a sair pra fora, mais com a cidade daí. Entrevistador: assim, essa integração com o pessoal da cidade você começou a construir onde? Como? Por que você falou que primeiro você tinha os amigos da faculdade, como você começou a construir essa integração com o pessoal da cidade?

---

<sup>115</sup> MELCHIOR, Kleber Dreicy. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

<sup>116</sup> Idem.

Com o pessoal que eu comecei, que estudava comigo e que era da cidade. Aí começaram a apresentar outras pessoas da cidade que eu fui conhecendo. Aí começou essa amizade, começou assim na maioria das vezes, ou jogando futebol, que eu gostava muito de jogar futebol. Aí comecei a jogar futebol, já fui jogar futebol na AABB, conheci bastante gente lá e aí começou a amizade da cidade.<sup>117</sup>

Na fala de Wagner dois processos devem ser sublinhados. Primeiro a aproximação com grupos da cidade a partir do lazer e depois, os sujeitos que o integram nessas estruturas de lazer. Se neste texto falo quase com exclusividade de universitários que vêm de outras localidades cursar o ensino superior, não é possível esquecer que a mesma é frequentada também por estudantes locais. Assim, contribuem para o processo de integração dos universitários com outros grupos sociais.

Não é intuito assumir as posições dos universitários como verdadeiras ou falsas. Nesse sentido, não tive o intuito de julgar se os universitários sofrem ou não preconceitos. O que ocorre é que é necessário destacar que, sendo alvo ou não, universitários narraram preconceitos sentidos por eles na relação com cidadãos.

Pensar a construção da subjetividade de universitários expressadas nas narrativas requer que pensemos nas diferentes formas de vivenciar a cidade. Cidade e universidade não se apresentam aos diversos estudantes da mesma forma. Cada sujeito percebe sua inserção nesses espaços de maneira específica, assim como lerá tais ambientes a partir das especificidades de sua subjetividade. Entendo que a cidade é vivida por cada estudante a partir de sentidos sociais e históricos particulares, ao mesmo tempo múltiplos, que passarão a compor a construção de suas identidades em relação a outros referenciais.

Pensar os viveres universitários em Marechal Cândido Rondon é lidar com uma infinidade de espacialidades constituídas e constituidoras de subjetividades. Impossível pensar a cidade vivenciada e praticada sem pensar nas conexões que estabelecem com espacialidades outras que não apenas as que estão presentes dentro dos estreitos limites geográficos desta cidade. Como pensar Marechal Cândido Rondon a partir dos universitários, sem pensar trajetórias constituídas em outras espacialidades? No momento de migração não passam apenas por rupturas, mas por continuidades. Tais continuidades e rupturas são ressignificadas pelas novidades que as especificidades de Marechal Cândido Rondon apresentam a esses sujeitos num processo intercultural.

---

<sup>117</sup>SILVA, Wagner Tiago Mozart da. Entrevista concedida à Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

Chegar à rodoviária de para na cidade residir não é apenas um momento de ruptura com a vida pregressa. É também um momento de ressignificação, de reconstrução. Não é apenas movimento de desterritorialização, mas de contínua e simultânea reterritorialização. Movimento esse que passa pelos processos de desconstrução de identidades. Para além da desconstrução dessas identidades está o movimento de ressignificação das mesmas a partir das possibilidades apresentadas pelas múltiplas subjetividades presentes na cidade. No próximo capítulo pretendo discutir como essas subjetividades são apropriadas por determinadas formas de vida urbana, que ressignificam os conflitos e abrigam outros interesses.

### Capítulo III

#### Experiências de Egresso

O objetivo deste capítulo é problematizar elaborações e ressignificações de anseios e expectativas de jovens universitários acerca do período de egresso da universidade. Buscarei discutir tensões vivenciadas durante o período de graduação, que compõem questões a serem enfrentadas no momento da conclusão do curso superior pelos estudantes investigados nesse trabalho. O momento entre a condição de estudante e a situação de ingresso noutra realidade, a de não-estudante, foi vivenciada de diferentes modos. É o desenrolar desse processo, num chão histórico específico, baseado numa intrincada relação universidade/cidade, situadas num tempo de tensões experimentadas, que será problematizado aqui.

Inicialmente, este capítulo havia sido pensado para problematizar os modos como os universitários e a própria universidade eram vistos pelos cidadãos. Nesse sentido, tinha por objetivo analisar discursos que partiam de diferentes grupos e que os tomavam como objetos. O ponto de partida seria os discursos elaborados por um periódico da cidade, o jornal *O Presente*, a respeito de uma tensão nessa relação, qual seja, o momento da greve dos servidores públicos das universidades estaduais do Paraná entre 2000 e 2001. Tal paralização durou mais de seis meses se constituindo como a maior greve das universidades públicas brasileiras da história. Entretanto, o processo de pesquisa e escrita acabou por me guiar para um caminho diferente.

Ao voltar o olhar para as fontes orais, percebi que esse momento não aparecia em suas falas, a não ser como referência vaga, geralmente devido ao atraso no calendário escolar. Um dos motivos de tal silêncio talvez venha do desconhecimento desse processo. A maioria dos entrevistados ingressou na universidade após a greve, sendo afetados de maneiras mais sutis do que os estudantes que a experimentaram no momento de construção.

Tendo em vista essas questões passei a perceber que outras problemáticas emergiam nas falas dos estudantes. Logo notei uma questão que não era apenas deles, mas que faz e fazia parte de minha própria trajetória. Tal problemática era a de que o momento em que se encerra o curso superior é um tempo carregado de angústias e preocupações que marcam fortemente as narrativas dos universitários. A transição de uma posição relativamente confortável, onde se é estudante, com vínculo institucional

para um momento onde se passa a ser um desempregado, construiu sentidos diversos em suas falas.

Certa vez, ao conversar com um universitário que estava em vias de se formar, este dizia que, ao ser indagado sobre o que fazia da vida, podia responder que era estudante, mas a partir do momento em que se formava passava a ser apenas mais um número nas estatísticas de desemprego. A força narrativa sobre essa transição entre a condição de estudante e a de saída deste universo, para ingressar numa dimensão desconhecida, me motivaram a uma alteração no percurso de pesquisa e à reformulação do texto.

Ao imaginar a inserção num curso universitário os jovens idealizam e constroem, paralelamente, expectativas acerca da vida posterior. Tal processo decorre do fato de a universidade não ser encarada *a priori* como um fim em si, mas como um meio. Os jovens em geral não a buscam por ela mesma, mas pelas possibilidades da estada e da posse de um diploma universitário. Esse fato não exclui a possibilidade de alguns jovens buscarem o curso superior por ele mesmo, buscando as vivências e os significados que a condição de universitário traz como festas, sociabilidades, contatos, entre outros. Entretanto, não quero dizer que a universidade é apenas uma passagem, um momento de preparação para o mercado de trabalho ou a chamada vida adulta. As experiências universitárias devem ser pensadas também, mas de modo algum apenas tão somente como um momento isolado. Precisam ser pensadas numa perspectiva histórica e relacional, dialogando com o momento anterior, no caso suas vivências juvenis e com o egresso da universidade, bem como os anseios para a conclusão do curso superior. Não se deve esquecer que a universidade também é um momento específico, no qual tais experiências e expectativas são ressignificadas a partir de práticas vivenciadas pelos estudantes na universidade e na vida social como um todo. Afinal, lidam com situações decorrentes da condição de estudante num determinado lugar e tempo.

Dentre os jovens entrevistados nenhum afirmou ter ingressado na universidade apenas por ingressar, apenas pelo prazer de ser universitário. Todos atribuem ao ingresso um sentido que transcende o momento universitário. Tais sentidos foram diversos, desde a busca por uma colocação privilegiada no mercado de trabalho, quanto o crescimento pessoal e intelectual.

Os objetivos idealizados pelos universitários antes ainda do ingresso no ensino superior, ou mesmo durante o curso, estão em consonância com a historicidade dos sentidos do momento em que são construídos. Assim, são ressignificados e reelaborados

constantemente numa dinâmica intercultural com a realidade, a qual se relaciona no decorrer dos anos. Durante a graduação, tomam contato com diferentes experiências, tais como: a necessidade de exercer algum tipo de atividade remunerada para se sustentarem ou terem uma renda complementar; o convívio com aqueles que já saíram da universidade, do mesmo curso ou não; tomam contato com a prática profissional, muitas vezes distinta da idealizada; veem-se como foco de pressões e expectativas tanto sociais como de seu círculo de relacionamentos. Assim, acabam por ressignificar expectativas e objetivos. Dentre os universitários ouvidos nenhum narrou ter concluído a universidade e iniciado sua vida posterior da forma como esperava antes do ingresso.

Diversas são as significações narradas pelos universitários ao pensarem no término do curso superior. Tais sentimentos variam, desde a ânsia por terminar o curso e poder exercer a profissão, seja visando uma melhoria nas condições financeiras, seja concretizando o sonho de exercer determinada atividade profissional, ou mesmo o medo de ingressar no mercado de trabalho. A ansiedade e o temor pelas incertezas que o fim do curso traz são apontados com diferentes matizes.

O caso de Nicheli é significativo a esse respeito. A estudante ingressou no curso de História a partir de uma escolha delimitada pelas possibilidades oferecidas pela Unioeste. Foi durante o curso que passou a gostar da atividade para a qual estava se graduando, qual seja, professora de História. Ela reconstruiu no decorrer da experiência universitária expectativas para o período posterior: “Mesmo a questão de educação que é nossa área de licenciatura. Eu sempre falava: - Eu nunca vou ser professora. Nossa! Pra que eu tô me formando, pra ser professora. É um contato magnífico eu diria”<sup>118</sup>. Num primeiro momento não desejava ser professora, depois passou a ter a profissão como meta. Nicheli, através do contato com a formação, bem como com o curso de História, se aproximou da possibilidade de se tornar professora. Entretanto, esse processo não foi fruto apenas de uma escolha pessoal. As possibilidades e impedimentos por ela vivenciados apareceram novamente narrados em sua fala:

Quando eu comecei a fazer, eu acho que eu vim meio perdida... Deixa eu te explicar. Eu vim meio perdida porque eu nunca tinha pensado em fazer História. Eu acho que não pensava muito o que ia dar no final. Eu sei que quando eu entrei, eu pensava assim: - Tá eu vou fazer, vou me formar e vou dar um jeito de ser professora de faculdade, não vou dar aula pra ensino médio e fundamental de jeito

---

<sup>118</sup> SANTOS, Nicheli Rodriguez. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, novembro de 2009.

nenhum. E aquela coisa, de ver muito o ensino superior como uma coisa que vai te possibilitar entrar no mercado de trabalho, você ter um salário melhor, uma condição de vida melhor. Depois que eu fiz estágio principalmente, eu vejo assim, que não é tão fácil de você sair da faculdade e ser um professor de faculdade, não é fácil mesmo quando você faz uma especialização e coisa e tal. Fazer uma especialização não é fácil também. Conseguir uma bolsa de especialização não é fácil. Fazer trabalhando não é fácil. Nada é fácil.<sup>119</sup>

A fala constrói todo um processo de desidealização das expectativas projetadas. Se entrou na faculdade visualizando a possibilidade de “mudar de vida”, conseguir um bom emprego e um salário, tais perspectivas foram perdendo força com o passar do tempo. O contato com vivências de professores e egressos a fizeram perceber que não há uma escalada social automática com o término do curso superior. O ingresso no mercado de trabalho a partir de uma porta “privilegiada”, que seria a docência no ensino superior, que antes imaginava aberta e de fácil alcance, encontra-se distante, principalmente ao tomar contato com as exigências à atuação profissional projetada para quem nela deseja ingressar. Interessante perceber que a fala de Nicheli não dialoga apenas com sentidos pessoais construídos numa total desconexão com a realidade. Há na sociedade, mesmo que não possa ser medido ou identificado claramente, um sentido de que a universidade é uma porta de entrada para uma vida de maior conforto e estabilidade. Ao ingressarem na universidade e tomarem contato com experiências do meio de atuação profissional e pessoal, muitos universitários acabam por se desiludir, ressignificando idealizações e expectativas que haviam construído para o período de saída do ensino superior.

As expectativas profissionais construídas pela estudante no momento da narrativa são claras: esperava, com o curso superior, “entrar no mercado de trabalho” e ter um salário melhor. Há uma quase contradição em sua fala, se deseja um salário melhor, é porque já possui um salário. Sendo assim, já está realizando alguma atividade remunerada. Deste modo, fica dúbia sua colocação sobre entrar no mercado de trabalho. Se tomasse essas colocações apenas na letra fria da fala, não levando em consideração que um dos elementos mais ricos da história oral é a subjetividade, poderia ver em sua fala apenas um erro ou mesmo uma contradição. Entretanto, ao se colocar dessa maneira, Nicheli aponta que significa a noção de mercado de trabalho, não com a abrangência comum, onde qualquer emprego, bom ou ruim, está inserido nessa lógica.

---

<sup>119</sup> Idem.

Ingressar no mercado de trabalho tem o sentido de adentrar numa específica relação de trabalho. Não é apenas o emprego que está presente nessa expressão, mas um conjunto de outras necessidades. Quais seriam não é possível abarcar. Mas sua fala aponta caminhos para que possam ser pensadas.

Nicheli vem de uma família que, segundo ela, é de “classe média”; seu pai é trabalhador rural assalariado e sua mãe dona de casa. O curso superior colocou-se a partir dessas condições, como uma forma de conquistar uma outra realidade econômica e social. Tanto é que, mesmo tendo de abrir mão dos cursos desejados, primeiro Artes Cênicas, depois Jornalismo, continuou seu intento de ingressar na universidade. Experimentando nos primeiros anos da graduação em História o drama de estudar e trabalhar simultaneamente e, ao mesmo tempo, vendo a dificuldade de conseguir bolsas de estudos, viu fechada a possibilidade de continuar trilhando o caminho inicial almejado. Dessa forma, se viu perante uma única possibilidade, o ingresso no então já conhecido mundo do “mercado de trabalho”. Entretanto, mesmo que o ingresso se colocasse como uma necessidade, não se subordinou totalmente à mesma. Apesar da necessidade real que a vincula ao “mercado de trabalho”, continuou nutrindo outras expectativas:

Mas, enfim... Eu sempre falo: - Lógico que não dá pra mudar o mundo sozinho, mas dá pra gente fazer a nossa parte onde a gente for trabalhar. Acho que é um pouco disso também. Quando a gente entra, a gente não... E eu que entrei nova na faculdade, logo depois que eu terminei o ensino médio, eu acho que você tem uma noção diferente, de que você vai conseguir entrar muito rápido, que você vai conseguir a sua profissão muito rápido. E a gente vê que não é assim, que não é fácil. Mesmo pra você conseguir continuar a especialização depois da faculdade é difícil.<sup>120</sup>

Apesar de ter desconstruído sua perspectiva de caminho fácil e tranquilo até um emprego de melhor qualidade dentro do “mercado de trabalho”, ela não se envolve totalmente numa perspectiva utilitarista. Mesmo vendo o trabalho como um meio de ganhar a vida, construiu uma perspectiva de atuação transformadora da sociedade, provavelmente engendrada pela formação na licenciatura.

Importa considerar que após o término da bolsa de estudos que tinha no momento da entrevista, no início do segundo semestre de 2010, Nicheli se viu pressionada a buscar alternativas para que pudesse continuar os estudos. Assim,

---

<sup>120</sup> Idem.

trabalhou numa pizzaria da cidade onde exercia a função de garçom nos finais de semana. Já em 2011, ingressou no Programa de Mestrado da Unioeste, onde conseguiu uma bolsa de estudos. Dessa forma, não houve a necessidade de conseguir um emprego após sua saída da graduação. Ao contrário de outros estudantes, Nicheli não programou o ingresso no curso de História, mas durante o curso acabou por se envolver com a possibilidade de ser professora. Sua perspectiva de que o ensino superior possibilitaria uma melhoria nas suas condições de vida foi ressignificada e outros caminhos foram buscados para alcançar o objetivo.

Na narrativa de Nicheli há um constructo chave que, segundo ela, a fez mudar os planos. O momento de realização do estágio supervisionado foi um momento de aproximação com a realidade vivenciada por egressos do curso de História. Foi a partir desse momento que se deu conta das dificuldades, tanto do ingresso no mercado de trabalho, quanto em outras esferas da universidade, como as pós-graduações. A partir da conclusão do curso acreditava não ter mais facilidade para conseguir bolsas de estudos, o que inviabilizaria sua permanência na universidade. Dessa forma o fator econômico esteve presente na reelaboração dos sentidos para a conclusão do curso. Ao invés da vida de egressa “idílica” como professora universitária, Nicheli se viu às voltas com uma realidade mais complexa. A entrevistada reforçou tal perspectiva:

Outras pessoas que se formaram e nem tão na área de História, que trabalham em serviços que nem exigem formação superior. E a gente vê o quanto é difícil, o quanto é difícil você sair e conseguir entrar nesse tal mercado de trabalho. Como é difícil, como a situação do professor é precária, como se ganha muito pouco, como se paga mal, como se tem falcatura. Como cada vez eles parecem buscar professores que estão sempre menos especializados do que os que estão, os critérios mais assim... Esses dias atrás a gente tava conversando, um dia que a gente tava sentado num barzinho, [risos] aí a gente tava falando: - Tem uma formação daquelas que é complicada, que é difícil, e o nosso curso foca bem isso de você ser historiador mesmo, que um bom historiador tem uma capacidade melhor de ser um bom professor, você faz estágio e parece que a escola está caindo na cabeça dos professores e alunos. E aí você percebe, poxa, parece que é surreal, que muitas coisas que a gente vê na faculdade é difícil de você colocar em prática, difícil de você acreditar que vai dar certo.<sup>121</sup>

Não apenas as dificuldades financeiras teriam desestimulado Nicheli a continuar estudando, mas também as próprias condições de trabalho dos professores vividas hoje

---

<sup>121</sup> Idem.

em dia. A baixa remuneração, a precariedade das condições e a dificuldade de ingresso no mercado de trabalho são desafios que teriam de ser enfrentados por ela no período de egresso. Assim, o momento de saída do ensino superior é também o momento em que se faz necessário participar de uma lógica pouco conhecida, a lógica “do tal mercado de trabalho”. Ao se referir ao mesmo dessa forma, Nicheli se coloca numa dimensão diferente, não compreendendo a universidade apenas como um momento preparatório para a profissão. Em sua narrativa, a universidade a teria preparado de forma mais ampla, a preparou para ser “historiador mesmo”. Difícil definir o que Nicheli caracteriza com estas palavras, mas fica clara a crítica ao modelo de ingresso no mercado de trabalho, que segundo ela seria permeado pela existência de “falcatruas”.

Sua preocupação com o momento de saída da universidade não esteve presente apenas dentro dos muros da Unioeste, nem mesmo foi uma preocupação pessoal, localizada. Em sua fala é possível visualizar como tais questões permeiam toda a sua vivência social. Ao lembrar o momento no “barzinho”, Nicheli sociabiliza sua preocupação, pois lembrara que outras pessoas também pensavam e discutiam as mesmas questões.

O caso de Marina é diferente do de Nicheli. Marina escolheu seu curso a partir de pressões vivenciadas nas relações familiares, principalmente de sua mãe. Durante o curso de Direito, a universitária construiu uma ressignificação de sua opinião sobre o mesmo. Apesar de ainda considerar o curso importante e interessante “porque a gente aprende nossos direitos e deveres como cidadão”<sup>122</sup>, Marina se desencantou com a possibilidade profissional mais direta, a de ser advogada:

Faço Direito, não gosto do meu curso [risos]. Nem um pouquinho. Tenho esperança que mude ainda, mesmo estando no final do 3º ano já... Assim como também não quero atuar na área, obviamente. Mas eu penso assim em fazer concurso, sei lá, pra polícia talvez, alguma coisa assim, mas atuar como advogada essas coisas assim, não. Não, muito obrigada!<sup>123</sup>

O fato de Marina não se identificar com a graduação já havia sido abordado anteriormente. Retorno à questão para discutir os motivos que a levaram a realizar essa ressignificação de expectativas, tanto com relação à universidade, quanto às possibilidades construídas a partir dela após a sua conclusão. Em sua fala deixou claro

---

<sup>122</sup> ABRONDAVI, Marina. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

<sup>123</sup> Idem.

que não apreciava o curso e o leque de opções profissionais que se abriu a partir dele. Passa a projetar o curso como uma espécie de ferramenta auxiliar para o ingresso em ramos profissionais nos quais o saber apreendido, bem como a posse de um diploma, possa ser útil na hora do ingresso. Essa reconstrução se torna ainda mais instigante se lembrarmos que o desejo de Marina pelo Direito viria, principalmente, de sua mãe, não necessariamente de um desejo seu. A partir da circunstância em que foi colocada numa posição onde deve, bem como, é possível tomar suas próprias decisões, ela leu as possibilidades profissionais disponíveis em seu contexto e atuou construindo uma trajetória específica.

A reconstrução da relação com o Direito passou também pelo contato mais estreito com a grade curricular do curso:

No 1º ano é aquele negócio: Filosofia, Português, Psicologia, Economia, Teoria Geral do Estado. De Direito mesmo a gente só tinha Constitucional e Introdução ao Estudo do Direito, que também não é muito Direito não, é mais assim teoria e História e tal, do que Direito. Mas tinha aquela esperençazinha assim: - Não, no 2º ano vai entrar assim aquelas matérias mais jurídicas mesmo aí eu vou me acostumar e começar a gostar. Só que aconteceu o contrário, cada ano que passa eu gosto menos do curso.<sup>124</sup>

O afastamento do curso passa pelo gosto das disciplinas ministradas na universidade. Ao não apreciar os conteúdos, Marina se afastou cada vez mais do exercício da profissão de advogada. Ela construiu uma identificação direta entre as disciplinas e uma futura projeção profissional. Ao não apreciar o conteúdo de matérias jurídicas pressupôs, automaticamente, que também não gostaria de exercer a profissão de advogada. Em relação a esse fato é importante atentar para o lugar e o tempo a partir dos quais ela está falando. Marina, no momento da entrevista estava no final do 3º ano. Assim, o contato com a profissão era quase exclusivamente imaginativo. Durante sua estada na Unioeste não havia ainda tido contato mais próximo com a profissão além daquele proporcionado pelos livros e exemplos de profissionais por ela conhecidos.

Tal momento é diferente do vivenciado por Nicheli ao narrar suas experiências. Nicheli já havia vivenciado através do estágio supervisionado o exercício, mesmo que breve, da profissão para a qual estava se graduando. Assim, ocorrem dois processos distintos a partir de lugares semelhantes. Enquanto Nicheli não desejava ingressar em

---

<sup>124</sup> Idem.

História e a partir do curso, bem como, a partir do estágio supervisionado, acabou por tornar o curso como a graduação ideal para si. Marina, que planejava ingressar em Direito e tinha boas expectativas a respeito, percorreu o caminho inverso e acabou por idealizar a saída da universidade quase como uma fuga.

Nos diferentes sujeitos o contato com a realidade acadêmica provoca diversos sentimentos. No caso de Marina a afastou tanto do curso como da profissão mais identificada, a advocacia. No seu caso, o momento da formatura é de incógnita. Ao ser questionada a respeito de como imaginava esse momento, teceu o comentário:

É bem isso, eu me formo e?! Assim, eu não sei. Eu vou tentar concurso, não vou tentar a OAB [Ordem dos Advogados do Brasil]. Não tenho vontade e eu acho que mesmo se eu tentar, pela forma como eu levo a faculdade eu não vou ter grandes chances de sucesso. Mas, assim, tem muita coisa pra fazer no Direito. Então, eu acho que dá pra tentar concurso, essas coisas assim. Ou aposentar o meu canudo e tentar fazer alguma coisa que eu queira realmente. Mas eu não sei, mesmo assim, não...<sup>125</sup>

Se, como já trabalhei anteriormente, socialmente, e isso aconteceu também com os universitários com cujas narrativas dialogo, imagina-se o curso superior como uma garantia de estabilidade e segurança, tal não é visto da mesma forma pelos universitários que foram entrevistados para esta pesquisa. O momento do final da graduação é significado a partir de tensões e expectativas a respeito do que vai acontecer. No caso de Marina, o fim do curso é visualizado a partir de um leque de dúvidas. A única certeza é a de não desejar advogar, pelo menos este é professado no momento da entrevista. Em meados de 2011, Marina, já no 4º ano, tinha conseguido um emprego de professora numa escola de idiomas em Marechal Cândido Rondon. Vemos em sua fala um elemento novo em sua justificativa: a possível dificuldade de passar no exame da OAB. Tal exame que assusta Marina tem um baixíssimo índice de aprovação no âmbito estadual e nacional. Em contraposição, os egressos de Direito da Unioeste, de Marechal Cândido Rondon, tem conseguido resultados substancialmente favoráveis quando comparados à média nacional. No último exame nacional, 88,2% dos candidatos foram reprovados<sup>126</sup>. Em comparação entre os egressos do curso de Direito da Unioeste, 15

---

<sup>125</sup> ABRONDAVI, Marina. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

<sup>126</sup> O GLOBO Online. De cada dez formandos em Direito, nove foram reprovados no último exame da OAB. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2011/07/04/de-cada-dez-formandos-em-direito-quase-nove-foram-reprovados-no-ultimo-exame-da-oab-924834394.asp> Acesso em: 23/07/2011.

dos 23 bacharéis inscritos foram aprovados, um total de 65,22% de aprovação<sup>127</sup>. Desta forma, a dificuldade sentida em ser aprovada no Exame da Ordem está mais na idealização negativa do problema do que talvez das condições reais nas quais está inserida. Assim, a projeção de um possível fracasso contribuiu de algum modo para o abandono de uma perspectiva profissional. Ao mesmo tempo, a estudante abriu inúmeras outras, como o ingresso em alguma carreira onde o curso de Direito facilite a aprovação em concurso. Há ainda, uma terceira opção, por um lado fatalista, e por outro carregado de esperanças. Se Marina não gosta do curso de Direito, aponta os cursos de História e Artes Cênicas como possibilidades profissionais. Ao mesmo tempo em que colocou os esforços de cinco anos para concluir o curso na frase “ou aposentar o meu canudo”<sup>128</sup>, imediatamente abriu a possibilidade de prosseguir numa carreira que a atraia: “tentar fazer alguma coisa que eu queira realmente”<sup>129</sup>. A própria negação do curso é seguida por uma ressignificação e releitura de possibilidades.

Algumas questões no caso de Marina são estritamente ligadas à sua trajetória, principalmente o pouco apreço pelo curso. Sua posição em relação a isso determinou uma significação específica, bem como expectativas com relação ao período de egresso. Outras questões foram compartilhadas por outros universitários. No caso dos estudantes de Direito, é notório o receio e a ansiedade causada pelo exame da OAB. Nos corredores da universidade é comum nos depararmos com comentários a respeito de tal exame. Sendo a aprovação condição para exercer a profissão de advogado é um determinante na formação desses estudantes, principalmente com relação aos significados que projetam a partir de sua superação.

O caso de Wagner lida com outras perspectivas para a questão que se vem discutindo. Tanto o estudante, através do curso de Zootecnia, quanto Nicheli, do curso de História, tem na Unioeste programas de pós-graduação em suas respectivas áreas. No caso de Nicheli, não há na narrativa a possibilidade de ingressar nessa pós-graduação, pois sua fala focou mais a possibilidade de poder ser professora o mais brevemente possível. Já Wagner, no momento da entrevista, estava concluindo o mestrado. Dessa forma construiu sentidos específicos para o momento de saída da universidade:

---

<sup>127</sup> Dados fornecidos pelo colegiado de Direito.

<sup>128</sup> ABRONDAVI, Marina. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

<sup>129</sup> Idem.

É, começa no último ano, começa a ter aquele medo: e daí o que, que eu vou fazer? O que eu vou fazer e tal. Mas aí já tinha o mestrado aqui, então já tava instalado o mestrado aqui, e como eu sempre trabalhei com a parte científica, já começou a ficar um pouquinho mais voltado pra parte de estudar, de fazer um mestrado e tal. Então assim, eu posso dizer pra você que no último ano eu já entrei meio que certo que eu ia ir pro mestrado, que eu ia procurar estudar mais. Assim, eu fiz a prova antes de me formar aqui, então quando chegou no final eu já tava meio que garantido que tava no mestrado. Então já não foi tanta mudança assim, e o que eu posso falar, não mudou muito o que era a graduação, só acrescentou mais estudo, mais serviço. Mas assim, continua na mesma linha, porque foi o mesmo orientador, então eu não saí, eu não fui pra um lugar novo e tal, aí não bateu tanto esse medo de ficar sem trabalhar, ou ficar sem estudar sabe. Já tava mais certa essa questão, quando eu terminei a faculdade e entrei no mestrado.<sup>130</sup>

A ansiedade pelo que viria depois da universidade não se manifestou nos últimos dias do curso, mas permeou suas vivências durante o último ano. Foi, para ele, assim como para outros estudantes, um problema. O período de finalização do curso é algo que não tem como ser quantificado, pois depende das condições específicas de cada pessoa. Assim, o momento pode se estender desde alguns dias, até vários meses ou mesmo alguns anos. É uma dimensão mais subjetiva do que temporalmente cronológica. Passa pela sensação de encerramento, mais do que pela objetividade do correr dos dias e meses. Ainda, conforme as condições financeiras ou mesmo a forma como se inseriram na vida acadêmica tal processo foi mais ou menos carregado de tensões. Como o período de graduação é relativamente curto, se estendendo, geralmente, de quatro a seis anos, claro que com exceções como o caso de Paraíba, que cursa Zootecnia há oito anos, desde o início há uma certeza de que esse período vai encerrar em algum momento, seja pelo fim do curso ou pela desistência do estudante. Assim, ingressar na universidade é também pensar, imaginar esse momento. O fato deste período ter um momento relativamente definido para acabar, marca a forma como os estudantes se inserem na academia e na cidade. No caso daqueles estudantes de cursos que realizam estágios em empresas, é comum a preocupação em cumprir a bom termo suas obrigações para que posteriormente possam ter boas referências para uma possível oportunidade de emprego. No caso dos entrevistados, foi possível perceber que, conforme as vivências na universidade se aproximavam de eventos dos últimos meses da graduação, as tensões referentes a esse processo se intensificavam

---

<sup>130</sup> SILVA, Wagner Tiago Mozart da. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

Diferentemente dos casos de Nicheli e Marina, Wagner narrou que o ingresso no mestrado era algo que havia planejado com tempo, sendo inclusive consequência da sua forma de inserção acadêmica. Como já havia trabalhado durante toda a graduação com pesquisa, pareceu natural que ingressasse no mestrado e assim continuasse nessa trajetória. Entretanto, Wagner falou de um lugar próprio, qual seja, o de mestrando. Ele conseguiu não apenas ingressar na pós-graduação, como estava em vias de concluí-la. Dessa forma, falou a partir desse espaço social. A naturalização da trajetória está marcada pelo lugar social ocupado. Mesmo tendo ingressado numa pós-graduação *stricto sensu*, narrou não sentir muitas diferenças em relação ao tempo de graduação. O fato de não ter mudado de cidade, continuar na mesma universidade, inclusive com o mesmo orientador, foi narrado a partir de um sentido de continuidade e como um fator apaziguador de tensões percebidas no momento da conclusão do curso. Assim, Wagner, construiu para si sentidos diferentes a respeito desse momento. Tal como Nicheli, a graduação que optara por cursar não fora o curso idealizado – Wagner desejava ingressar em Veterinária – mas na narrativa viu nessa escolha como a ideal, num processo de releitura de sua trajetória no presente.

Para Wagner, permanecer na universidade se colocou como uma opção viável para o momento posterior à formação, o mesmo não acontecendo com outros estudantes. Tiago e Diego narraram outros sentidos e expectativas para o momento. Tiago, quando deu a entrevista em 2009, estava no 3º ano da graduação, agora em 2011 ainda não estava formado, estando há cinco anos na universidade. Em sua narrativa colocou da seguinte forma as possibilidades após a universidade:

Sou novo e vai ser uma coisa pro meu futuro. Se eu acabar uma faculdade, daqui a cinco anos eu posso voltar pra cá, posso voltar pra casa. Se eu quiser ajudar meu pai, posso ficar em casa ajudando meu pai, se eu quiser fazer outra coisa, eu tenho um curso superior. Então vai ser uma vantagem pro meu futuro. Então eu vejo pelo lado bom né.<sup>131</sup>

A conclusão do curso superior aparece como um evento que abriria possibilidades. Tanto a hipótese de retorno para a casa dos pais, no intuito de os ajudar na lida do campo, quanto a possibilidade de inserção no mercado de trabalho a partir das possibilidades apresentadas pelo curso foram mediadas na narrativa. Para além da questão, Tiago apresentou o momento a partir de expectativas de quem está se

---

<sup>131</sup> ORBEN, Tiago. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, julho de 2009.

aproximando desse fim, tal como nos casos de Nicheli e Marina. Diferentemente de Wagner, que já vivenciou esta experiência e que no momento da entrevista a experimentava novamente com o fim do mestrado, Tiago apenas pode narrar expectativas. Assim, transparece a indefinição, a dúvida a respeito desse momento.

O caso de Diego traz especificidades para a discussão. Estando, no momento da entrevista, no 5º e último ano da graduação de Agronomia, prestes a sair para estágio em sua área de trabalho, ressignificou a universidade a partir das expectativas que possui daquele momento:

É a faculdade foi... Igual eu te falei antes, foi bem o que eu esperava. Até agora eu consegui atender as minhas expectativas. Eu não vou dizer como vai ser de agora pra frente, porque agora no meio do ano eu tô saindo pra estágio, volto em novembro, pra minha formatura. Então, o que eu posso dizer? Se tudo der certo, andar nos conformes, eu conseguir sair e já encaixar um emprego, uma coisa assim, eu diria que foi 100% a faculdade. Claro, você tem um desentendimentozinho ou outro, você tem aqueles dias que você tá de saco cheio, que você não tá afim de ir pra faculdade, que você tá afim de ficar em casa, que você tá afim de chutar o balde, pular da Toyota e abandonar tudo, mas isso tem em tudo quanto é lugar. Qualquer atividade que você vai fazer tem o dia que você não tá bem, sempre você precisa dar uma acalmada, mas tirando isso, eu diria que a faculdade foi muito boa.<sup>132</sup>

Apesar dos “desentendimentozinhos”, avalia que a universidade foi boa, avaliação subordinada ao fato de se iria ou não conseguir um emprego após o estágio e após a conclusão do curso. Num segundo momento, narrou os momentos de insatisfação que teria tido durante a universidade. Tais fatos se colocam como pouco importantes caso conseguisse se inserir com sucesso no mercado de trabalho. Importa destacar que logo após o término da graduação o estudante começou a trabalhar numa empresa da região. Isto dito, é preciso tomar o cuidado de não se deixar levar para uma avaliação simplista e reducionista de que estes estudantes narraram a universidade apenas a partir da perspectiva de que a veem como uma porta para o mercado de trabalho. Como já foi trabalhado em outros momentos, essa é uma das perspectivas que aparecem a respeito da universidade. No caso específico de Diego, tal perspectiva aparece reforçada narrativamente.

São diferentes os sentidos narrados para o momento de saída da universidade, também são os conhecimentos sentidos como necessários para vivenciá-lo. Interessante

---

<sup>132</sup> GAMARO, Diego Augusto Arollo. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, maio de 2009.

perceber a noção de que não apenas o conhecimento das disciplinas adquirido na universidade seriam suficientes para o ingresso no mercado de trabalho. Em diversos momentos os universitários apontam outros requisitos necessários. Ao ser questionado sobre suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho, Wagner construiu a seguinte narrativa:

Eu vejo assim: hoje em dia pra você conseguir se inserir, queira ou não, você tem de ter os contatos. Se você não tiver contatos eu acho que quase todas as profissões pra você chegar no mercado de trabalho, a não ser que você vá pra parte de concurso, essas partes, que aí você já não depende tanto dos outros, já depende mais de você, do teu conhecimento. Agora, se você for pra iniciativa privada, essa coisas, você vai ter de ter teus contatos, ou, que nem todo mundo fala, o teu QI, quem te indique, senão você não entra.<sup>133</sup>

A necessidade de “QI” para o ingresso no mercado de trabalho faz a universidade assumir uma outra função. Segundo a fala de Wagner, durante o ensino superior universitários deveriam construir contatos com o mercado de trabalho visando seu ingresso no mesmo, no período de egresso. Inexistindo esses contatos, suas possibilidades de emprego seriam mais restritas. Aqui é necessário uma pausa para a contextualização desta realidade.

Os universitários que se voltam para Marechal Cândido Rondon para se formarem, se deparam com uma realidade difícil. Ao virem para a cidade, um dos objetivos é a qualificação profissional através do ensino superior. A esse objetivo se somam outros, como já problematizado. Wagner demonstra medo e ansiedade perante a perspectiva do término do mestrado “Cara, às vezes bate um medo assim, será que eu vou arrumar um emprego? Será que eu vou partir pro doutorado?”<sup>134</sup>. O medo de não conseguir trabalho fez com que projetasse o ingresso no doutorado. Entretanto, este caminho estaria mais para uma fuga da possibilidade de não conseguir um trabalho, do que a busca por especialização. Pois, como é possível visualizar na sua fala, o desejo é o ingresso no mercado de trabalho:

Assim, eu vejo que agora no momento meu assim, eu penso assim, não dar uma parada, mas reduzir essa questão de estudar e tal. Eu já estou começando a pensar: - Ah, eu tenho que agora começar a fazer a minha vida, ir atrás, procurar um emprego. E eu vejo assim, tem

---

<sup>133</sup> SILVA, Wagner Tiago Mozart da. Entrevista concedida à Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

<sup>134</sup>Idem.

bastante oportunidade, pra gente trabalhar, aí estou na expectativa, esperando ainda algumas oportunidades. Mas como é que eu posso falar pra você? Em fase de terminar assim, ainda não bateu bem a ficha de que daqui uns dias terminei e o que eu vou fazer? Eu estou pensando em ir trabalhar mesmo, em ir procurar um emprego assim, começar a dar um negócio melhor pra vida. Que nem, eu fiquei muito tempo, são cinco anos dependendo de bolsas. É legal você ser um bolsista e tudo, é legal, mas você não vê muitas perspectivas de crescer: - Ah se eu batalhar, se eu fizer isso, isso e aquilo será que meu salário vai aumentar? Eu vou conseguir comprar uma casa, um carro? Então, já é uma coisa um pouco mais limitada do que você estar no mercado de trabalho você conseguir essa, a montar a vida assim, a estrutura da gente.<sup>135</sup>

Ao pensar a fala de Wagner, é necessário levar em conta uma especificidade de sua trajetória: ele tem dois filhos ainda crianças. Assim, ao projetar sua vida, tem de levar em conta tal fato que agregou responsabilidades e obrigações, tanto sociais como financeiras a sua vida. Assim, ele enaltece a possibilidade de se inserir no mercado de trabalho. É trabalhando que imagina conseguir uma melhoria nas condições de vida. Molda assim uma contradição entre a situação de bolsista, que já dura cinco anos, que lhe proporciona facilidades, mas causa estagnação financeira a partir da qual o ingresso no mercado de trabalho aparece como uma possibilidade de melhoria econômica. Receber uma bolsa de estudos não dá mais conta de suas expectativas e projetos de vida. Se, no caso de Nicheli, a universidade e as possibilidades profissionais construídas a partir daí apareceram como uma oportunidade de melhorar de vida, o mesmo ocorre para Wagner. Entretanto, no caso dele, o processo não se dá unicamente por uma necessidade pessoal, mas principalmente pelas condições sociais nas quais está inserido. Tendo dois filhos, faz-se necessário buscar uma maior estabilidade que não é necessariamente a mesma que a dos demais universitários.

Na fala de Wagner há ainda outra questão. No primeiro momento citou o medo que tem de ingressar no mercado de trabalho, depois afirmou que existiriam “bastante” oportunidades. A questão pode ser compreendida a partir do conhecimento de um fato ocorrido posteriormente à sua entrevista. Wagner, no momento da narrativa, estava no final de seu mestrado em Zootecnia. Assim, segundo ele, duas perspectivas se abriam à frente, o ingresso no doutorado ou no mercado de trabalho. Apesar de alegar que havia possibilidades de trabalho, Wagner passou vários meses após o mestrado desempregado, até conseguir emprego em sua área numa cidade vizinha. Dessa

---

<sup>135</sup> Idem.

informação não conclui que Wagner mentiu, mas sim é possível perceber a fluidez e a falta de segurança das possibilidades de trabalho existentes no término de um curso, seja de graduação ou mesmo de mestrado. Outro apontamento a ser feito é que a insegurança sentida pelo que não tem origem apenas nas dificuldades no primeiro emprego, mas também a de por em prática o saber adquirido na universidade:

Às vezes a gente sente medo. Principalmente assim, eu ainda nunca saí pro mercado de trabalho exercendo a minha profissão, é porque eu saí da graduação e já entrei no mestrado e agora eu terminei o mestrado [que seria concluído mais tarde]. Então, às vezes você se sente um pouco inseguro, mas aí quando você começa a praticar, que nem agora eu sou bolsista de extensão, eu começo a praticar um pouquinho mais. Aí você começa a ver que você sabe bastante, só que às vezes você tem medo de que não vá saber. Só que assim, eu estudei durante toda a minha graduação e o meu mestrado e assim, eu tenho um pouquinho de receio de sair e de não saber lidar com algumas situações, mas isso é coisa que vai acontecer na vida da gente.<sup>136</sup>

Vemos sendo relacionadas duas inseguranças básicas. Num primeiro momento o medo de não conseguir emprego, o que o fizera pensar em continuar estudando através do ingresso no doutorado. Num segundo, o medo de que, uma vez já empregado, não conseguir dar conta das exigências da profissão. O fato de nunca ter trabalhado no ofício o fizera se sentir inseguro. A soma dessas inseguranças faz com que a possibilidade de cursar o doutorado não seja vista como uma possibilidade de aprimoramento profissional, mas sim como um meio de escape.

Tal como Marina e Nicheli, Paraíba não havia concluído o curso superior no momento da entrevista. Assim, o período de egresso também é ainda um projeto, um vir a ser. Ao ser indagado a respeito dos planos para esse momento colocou:

Vou usar todo o tempo disponível para se cursar, não jubilando, assim espero, no fim. E depois só Deus sabe. Mas se fosse querer onde morar no final seria mais, ou a Bahia, mais precisamente em Luis Eduardo Magalhães, onde reside um tio meu, ou Mato Grosso, para trabalhar com gado de corte que é um grande sonho meu.<sup>137</sup>

Antes de projetar na narrativa seu momento de egresso, Paraíba põe em cena o desejo de concluir seu curso. O medo de “jubilar” decore do fato de que desde 2003,

---

<sup>136</sup> Idem.

<sup>137</sup> ALMEIDA, Fernando Olavo Martins. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, maio de 2010.

está cursando Zootecnia. Ou seja, há oito anos, atingindo o seu tempo limite. Enquanto outros universitários tomam como natural a possibilidade de terminar o curso, Paraíba marca uma preocupação ao falar sobre a necessidade de terminá-lo. Apenas ao projetar a conclusão com sucesso que passou a almejar outros objetivos, sendo o principal deles “trabalhar com gado de corte”. É importante lembrar que Paraíba teceu toda sua narrativa como uma tentativa de mostrar o desejo de cursar Zootecnia e trabalhar nessa especialidade. Assim, a carreira desejada após o momento de egresso continua a mesma daquela de quando ingressou. O deslocamento de sentidos no seu caso não se deu acerca da carreira, mas sim acerca das preocupações levantadas. Vale ressaltar que ainda em 2011 não havia concluído a graduação. Assim, o momento universitário se transforma. Ao ingressar não esperava levar tanto tempo para concluir os estudos, mas as circunstâncias vividas o levaram a demorar mais do que o projetado.

Mesmo com o receio de não conseguir concluir o curso Paraíba apresentou objetivos profissionais para o período. É interessante notar o sentido que construiu para o trabalho. Ao ser interrogado sobre essa possibilidade quando concluir o curso, afirmou:

Entrevistado: Eu acho a coisa mais fantástica do mundo.

Entrevistador: Se você puder falar sobre isso.

Entrevistado: Ah, sim. Eu saindo dessa faculdade, se Deus quiser, primeiro que eu vou correr atrás do meu sonho que é trabalhar com o que eu quero, que é gado de corte. Mas eu não enxergo como dificuldade. Não vou dizer que eu tenho facilidade mais que os outros para isso. Tenho, não posso esconder isso, tenho e se eu já tivesse me formado eu não estaria desempregado com certeza. Tenho com o meu tio, não é um trabalho grande, mas é um começo. Tenho outros conhecidos, no Mato Grosso, é pouca coisa, mas tem. Coisas que se eu já tivesse formado, eu já estaria trabalhando. Não é com o que eu quero trabalhar, mas não estaria procurando. Então, era o tempo que eu estaria ganhando e ao mesmo tempo abrindo portas para o meu sonho, que fica mais perto quando você tá trabalhando. Você vai juntando dinheiro, planejando, porque hoje é aquela coisa: - Ah, o meu sonho é trabalhar com gado de corte. Tá, hoje em dia você pode planejar, porque hoje em dia é mais fácil, sabe, em linha de... Você conseguir o seu emprego, o seu sonho. Você pode planejar, eu vou...

138

Como já dito, o primeiro objetivo seria concluir a graduação para logo após realizar o seu sonho: trabalhar com gado de corte. Ao narrar os planos para o momento, outros estudantes elencaram dificuldades de ingresso no mercado de trabalho. No caso

---

<sup>138</sup> Idem.

de Paraíba é diferente. Ele narra, em primeiro lugar, as facilidades que possui se concluir a graduação. Haveria dois conjuntos de facilidades diferentes: primeiro os contatos que possui, depois uma dada conjuntura econômica do país, entendida por ele como melhor. Wagner já havia narrado a questão da necessidade de contatos para o início de uma carreira de trabalho, perspectiva essa que Paraíba reforçou ao narrar os contatos que possuía, no caso um tio fazendeiro, além de outros relacionamentos no Mato Grosso. Tais contatos, tanto o familiar quanto os demais, possibilitariam seu ingresso na carreira. Se o ingresso não é o ideal, como enfatizou, é o que ele vê como possível para o momento. Assim, tal como na entrevista com Wagner, a universidade foi apresentada como um momento de estabelecimento de contatos que facilitariam, ou ao menos deveriam facilitar, a busca de emprego no momento da conclusão dos cursos. Há ainda a questão das facilidades na hora de planejar o futuro profissional possibilitadas pela conjuntura econômica de crescimento atravessada pelo país. Tal perspectiva vivenciada por Paraíba possibilitaria tal facilidade, que não é aprofundada, mas somente citada. Por situar-se desse modo fica difícil depreender os fatores que fazem com que o estudante leia sua realidade como um momento onde é fácil se planejar.

Paraíba narrou a necessidade de sair de Marechal Cândido Rondon para conseguir um emprego. Se seu sonho de trabalho seria ir para Luís Eduardo Magalhães, na Bahia, o mesmo passa também pela ida ao Mato Grosso, onde teria melhores possibilidades de conseguir o primeiro emprego na área. Se, para muitos, sair da cidade e do próprio Estado para conseguir um emprego poderia ser encarado como uma dificuldade, a vivência de Paraíba, constituída a partir de contínuas migrações, faz com que o mesmo encare com relativa tranquilidade o momento. Assim, ao encontrar maior facilidade para planejar o período de egresso, Paraíba visualiza seu campo de trabalho numa escala ampliada que compreende as regiões por ele já conhecidas, não apenas o local e/ou o Estado onde vive. Locais que, em momentos diferentes, construiu teias de sociabilidades que vê como facilitadoras para o ingresso no mercado de trabalho. Assim uma leitura da realidade feita pelo estudante leva em conta não apenas uma conjuntura macrossocial, mas a específica trajetória pessoal que construiu.

O estudante buscou realçar, ainda, a facilidade que possuiria para ingressar no mercado de trabalho. Entretanto, deixou claro que havia dificuldades em seu horizonte de perspectivas:

Você precisa estudar, estudar, você... São escolhas, escolhas e opções, você tem que desfazer da sua namorada você se desfaz, você precisa limitar sua família você limita, você faz tudo, mas você consegue hoje. É claro que certos detalhes como filho, essas coisas, você não escolhe, acontece, se acontecer, aí sim isso vai limitar teu sonho de emprego pra sempre. Porque você já não é mais pensando em você, você não precisa nem casar com a pessoa, mas você já tem que lembrar que já tem um filho. São exemplos assim. Mas pra mim, é fantástico saber que quando eu sair daqui eu vou procurar e lutar pelo meu sonho de trabalhar com gado de corte na área comercial. Esse é meu sonho, mas eu acho maravilhoso sair da faculdade e começar um emprego.<sup>139</sup>

Em sua fala, relações afetivas, como relacionamentos amorosos e filhos, bem como situações familiares como relacionamentos amorosos e filhos, foram colocadas como empecilhos a serem superados para que possa ter tranquilidade na hora de procurar emprego. Enquanto as relações familiares, afetivas e namoros, foram apresentadas como passíveis de subordinação às necessidades de ingresso no mercado de trabalho, a possibilidade de vir a ter um filho, algo que só aconteceria, segundo ele, por acidente, limitaria as opções. Aqui é importante lembrar que a problemática da paternidade para os estudantes não está presente apenas em sua fala, mas também em outros momentos. Já foi discutido anteriormente o caso de Wagner que, em grande parte, definiu sua vivência universitária a partir da paternidade. Tanto os mecanismos legais existentes na sociedade quanto as pressões sociais e morais o fizeram temer a possibilidade de ter um filho, apesar de já ter 28 anos.

Paraíba anseia pelo ingresso no mercado de trabalho carregando sua narrativa a respeito desse momento de sentidos positivos. Entretanto, sua fala não deixa de destacar dificuldades compartilhadas por diversos outros estudantes. O anseio pelo ingresso está presente em praticamente todas as falas, no entanto, com diferentes inseguranças que sobrepujam, narrativamente, tal anseio. É interessante estabelecer um diálogo entre as falas dos que ainda estão na graduação, com jovens que já concluíram sua formação superior, como é o caso de Kleber e Cristian.

A narrativa de Kleber já foi trabalhada anteriormente, mas merece uma atenção maior. Para abordá-la é necessário relembrar que ele é formado em História e, no momento da entrevista, já atuava como professor em cidades vizinhas a Marechal Candido Rondon, onde reside com sua esposa. A primeira coisa a ser ressaltada é que apesar de ter concluído a graduação e trabalhar em outras cidades, continua a residir na

---

<sup>139</sup> Idem.

cidade, onde também reside a família de sua esposa. Na época em que concedeu a entrevista, Kleber lecionava em dois colégios de ensino fundamental e médio, tendo, portanto, já ingressado em sua profissão. É interessante perceber o movimento de reorganização e ressignificação de suas metas a respeito dos estudos. Ao ingressar no ensino superior e mudar para a cidade, tinha como horizonte de expectativas:

A minha expectativa era fazer um curso superior, era botar o estudo em dia, o estudo em prática. Porque eu já tinha me convencido que sem o estudo não ia dar certo, não ia pra frente. (...) E na época eu sabia que só o ensino médio não ia resolver os meus problemas financeiros, não ia me dar uma estabilidade de emprego, que era o que eu achava super necessário pra ter uma vida tranquila, uma vida digna, uma vida normal. (...) Eu entrei com 24 anos e meio, pra fazer 25 anos, então eu já tava muito atrasado aos meus olhos, e eu precisava, aos meus olhos, terminar o quanto antes o ensino superior pra poder ter uma profissão regulamentada, conseguir empregos que dessem melhor remuneração e até um crescimento intelectual. Então a minha expectativa quando eu cheguei em Marechal Candido Rondon era: fazer o curso superior, me formar, entrar pro mercado de trabalho e viver a minha vida.<sup>140</sup>

Ao narrar suas expectativas a partir de sua experiência universitária Kleber o fez numa perspectiva objetivada. O curso de História assumiu então o papel de porta de entrada para o mercado de trabalho. Entretanto, o próprio mercado de trabalho foi visto de maneira pragmática, pois foi a forma de viver sua vida onde “você trabalha, recebe teus honorários no fim do mês, paga suas contas e vive em paz”<sup>141</sup>. Dessa forma, Kleber fez uma leitura das experiências subordinando suas vivências universitárias e expectativas a uma ideia de vida tranquila. Entretanto, narrou também como o ensino superior modificou suas metas e objetivos:

Depois que a gente entra no curso, que a gente começa a ter um contato com o curso superior, a gente começa a ter novas metas também, mas as metas iniciais minhas eram: primeiro concluir no menor prazo possível. Eu acabei concluindo em quatro anos o curso superior. Não que seja errado concluir o curso superior em cinco ou seis anos, mas eu consegui concluir no prazo considerado mínimo, que é de quatro anos e hoje eu tô dando aula, tô trabalhando como professor [o tom de voz exalta a condição de professor] de História, que é da área que eu me graduei, e correndo atrás de novas especializações e de novos estudos e tal. Mas, inicialmente a minha

---

<sup>140</sup> MELCHIOR, Kleber Dreicy. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

<sup>141</sup> Idem.

ideia era essa, me formar e entrar pro mercado de trabalho, que até certo ponto eu consegui, hoje eu posso dizer assim: - Olha, essa meta eu consegui bater.<sup>142</sup>

Assim como no caso dos viveres dos demais universitários já analisados, a vivência de Kleber enquanto tal o levava a reorganizar e ressignificar suas expectativas. No caso de Nicheli, o ponto de inflexão foi o estágio. Tal qual no caso de Marina, para Kleber o ponto de partida para a mudança foi o contato com o ensino superior. Entretanto, enquanto Marina se afastava das possibilidades mais diretas oferecidas pelo curso, as mudanças nas perspectivas de Kleber o levavam a se aproximar do magistério. Mais uma vez fica marcado o fato de que a vivência universitária, mesmo que tenha sido primeiramente projetada apenas como um estágio, um degrau anterior ao mercado de trabalho, colabora para ressignificar metas e expectativas, construindo novos sentidos para suas experiências.

Como apontado, Kleber já havia concluído o ensino superior. Assim, a rememoração das transformações em suas metas não estava apenas ligada às suas experiências como universitário, mas também às suas vivências egressas. Já ter concluído o ensino superior e ingressado com relativo sucesso no mercado de trabalho fizera com que o mesmo construísse outros olhares a respeito das expectativas que tinha quando ingressou na universidade. Tais expectativas foram narradas à luz de vivências posteriores, sendo, portanto, ressignificadas ao longo do processo que narrou. As vivências universitárias o fizeram mudar suas expectativas e objetivos:

Depois muda, depois você tem novas expectativas. Por exemplo, a gente entra na graduação achando que vai aprender apenas História no curso de História. A gente descobre que aprende também historiografia, os métodos de pesquisa, a gente tem mais contato com a tal da pesquisa, a gente multiplica infinitamente a nossa quantidade de leitura que a gente tinha no ensino médio. E a gente começa a ter contato com novas realidades, por exemplo, depois que eu entrei na faculdade uma das minhas metas, que surgiu dentro da faculdade, era de fazer um mestrado, de fazer um doutorado, que são metas que eu ainda tenho a cumprir, de fazer uma especialização. Hoje eu já fiz uma especialização, eu já sou especialista em uma área que é a área de Educação. Mas você começa a criar novas metas, a fazer pesquisa, escrever uma obra no sentido historiográfico, pesquisar assuntos que sejam de seu interesse, tentar... Você começa a estabelecer novas metas pra quando estava entrando na faculdade, que eu por exemplo, eu acabei atingindo aquela meta básica que era ter graduação e um lugar no mercado de trabalho, essa eu já atingi, agora as outras metas

---

<sup>142</sup> Idem.

que eu tracei na época, dentro da faculdade, como, por exemplo, cursar um estrado, um *stricto sensus*, ter o título de mestre, me envolver mais em pesquisa, são metas que eu tô correndo atrás pra cumprir, são metas que vão surgindo aso poucos, não é? Dentro do curso superior: conhecer determinado autor, fazer leituras e aprofundamentos de determinada obra, ou determinado assunto. Antes de entrar na faculdade você não tem essa visão, você só vai ter essa visão e esse contato quando você tá dentro do ensino superior, antes disso nunca.<sup>143</sup>

Na fala do entrevistado ficam explícitas transformações que seus objetivos sofreram a partir da graduação. Muitas das mudanças narradas vieram da falta de informações que os jovens possuem ao entrarem na universidade. Na fala de Kleber a desinformação a respeito do que, principalmente a respeito de conteúdos e conhecimentos trabalhados em sala de aula, o levou a construir novas metas e a reorganizar suas expectativas anteriores.

A ignorância quanto ao que encontrariam na universidade foi significativa também em outros casos. Nicheli afirmou que “caiu de paraquedas”<sup>144</sup> no curso de História, a partir do qual visava alcançar imediatamente como egressa a condição de professora universitária. A partir do contato com o curso e colegas egressos, bem como com a realidade do trabalho de professora, reconstruiu o desejo e transformou sua vontade anterior na de ser professora de ensino médio e fundamental. Wagner e Paraíba, que gostariam de cursar Veterinária, ingressaram no curso de Zootecnia e afirmaram que o que gostariam de fazer sempre fora Zootecnia, sendo que a opção pela Veterinária adviria do desconhecimento dos respectivos cursos. Já Marina descobriu, ou se convenceu, no contato com o curso de Direito, que não gostava dele e passou a projetar o desejo de cursar História e/ou Artes Cênicas. Assim, a ausência de informações sobre os cursos fizeram com que estes jovens ingressassem com expectativas por vezes narradas como equivocadas, causando frustrações quando hoje relidas, como para Marina. Ou mesmo se transformando, pelo menos narrativamente, numa feliz opção, como nos casos de Wagner e Paraíba.

As expectativas a respeito da universidade, bem como a respeito do período de egresso, são marcadas por experiências vivenciadas por jovens até o momento da realização da entrevista, sendo influenciadas inclusive pela trama de sentidos e relações

---

<sup>143</sup> Idem.

<sup>144</sup> SANTOS, Nicheli Rodriguez. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, novembro de 2009.

presentes nela. Torna-se interessante problematizar experiências daqueles que já concluíram o ensino superior. Vejamos o caso de Kleber:

Depois da faculdade eu comecei a dar aula. Então eu comecei a dar aula em colégios do sistema de ensino privado. Primeiro em Santa Terezinha de Itaipu, no Oeste do Paraná. Depois eu assumi algumas aulas em Foz do Iguaçu e permaneci nessas duas cidades trabalhando durante um ano. Assumi algumas aulas em Santa Helena em 2009 e nesse mesmo ano voltei a morar em Marechal Cândido Rondon, depois de um ano fora. Hoje eu dou aula em Santa Helena e em São Miguel do Iguaçu, no Oeste paranaense. Ambos os colégios do sistema privado de ensino. Eu depois que eu saí da faculdade eu fiz uma pós-graduação, uma especialização na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, na área de Educação e atuei profissionalmente como professor. Essa tem sido a minha vida, dar aula e estudar, eu estudei, terminei a pós-graduação e agora estou estudando pro mestrado. Então, basicamente eu não parei de estudar, mas eu agreguei a isso agora o trabalho, agora profissional, de carteira assinada, como professor de História, da disciplina de História, como alguém que tá agora difundindo o conhecimento que adquiriu dentro da universidade.<sup>145</sup>

A narrativa de Kleber sobre o egresso foi marcada pela forte e positivada ênfase na condição de professor. Há em sua fala a construção de um sentido positivado para o magistério. Ao ressaltar que era professor de História, “de carteira assinada”, estando na posição de difundir o conhecimento adquirido na universidade, Kleber marcou um lugar social de relativo “sucesso”. Marcar este espaço é também dialogar com a situação da entrevista, onde se deparou com o seu ex-colega de graduação que havia conseguido ingressar no mestrado e o entrevistara. Assim, sua ênfase na posição de professor de relativo sucesso foi também um diálogo com as relações constituídas no momento da entrevista. Articulado a esse elemento, também se coloca a conjuntura de conquistas obtidas por Kleber, que não necessariamente são a regra para quem sai da universidade. Como já trabalhado a partir de outras narrativas, os universitários anseiam e receiam o ingresso no mercado de trabalho, tanto pela dificuldade, quanto por inseguranças a respeito das cobranças que tal ingresso trariam. No caso de Kleber esse momento de insegurança não foi narrado, pois buscou marcar justamente a superação do momento, e a entrada na profissão. Tal feito foi transformado em motivo de orgulho, traduzindo-se na ênfase de sua atual situação profissional de empregado.

O sucesso obtido também ressignificou seus objetivos de egresso:

---

<sup>145</sup>MELCHIOR, Kleber Dreicy. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

Eu posso me considerar um cara de sorte, porque eu saí da faculdade em 2007 e em fevereiro de 2008 eu estava dando aula. Assim, foi rápido, hoje eu me sinto realizado na minha profissão, eu não me vejo fazendo outra coisa além de dar aula. É claro que eu tenho um interesse muito grande pela área de pesquisa, mas enquanto a área de pesquisa não aparece, eu não consigo me vincular a área de pesquisa, eu fico trabalhando, dando aula. E eu sou muito realizado, eu acho sensacional você poder passar informação para gente que tá à espera dessa informação, pra mim é uma realização. Eu particularmente me sinto muito satisfeito em ser professor.<sup>146</sup>

Se antes de ingressar no ensino superior o objetivo era que este proporcionasse a possibilidade de uma vida tranquila, Kleber resignificava as expectativas. A possibilidade de uma vida tranquila não estava estritamente ligada à profissão de historiador, mas também à remuneração em um emprego em que se exige ensino superior. Nesse ponto da entrevista, marcou a profissão de professor e/ou pesquisador como os objetivos e as expectativas construídas. Por já ter passado pelo momento de incertezas do final do curso, e obtido relativo sucesso no ingresso no mercado de trabalho, Kleber acabou por narrar tal momento justamente a partir de uma noção positivada. Em sua fala não aparecem os mesmos receios construídos pelas incertezas no ingresso no mercado de trabalho, como em entrevistas com outros universitários.

Outro estudante que já havia ingressado na ocupação profissional no momento da entrevista foi Cristian. Formado em Zootecnia, construiu sentidos diferentes dos demais, apesar de sua específica experiência de egresso:

Depois do 5º ano eu me formei, meus pais continuavam em São Roque. Eu logo que saí da faculdade consegui, passei no mestrado, no entanto o meu pai falou: - Se formou, agora chefinho tem de ganhar uns trocos, não adianta, eu não consigo mais bancar pra ti. E realmente estava uma situação um pouco mais complicada agora, comércio e coisa. Tem toda uma disputa onde que eu moro. No final de 2008 estavam numa vila de mil habitantes, de 800 a mil com cinco comércios na mesma linha que eu, tanto que três fecharam, só tem eu e mais um. Então, é muito, era muita concorrência e querendo ou não o meu movimento caiu um pouco também e aí lógico o lucro também baixou. Então, quando eu passei no mestrado ficou aquela situação. Aí logo eu fui chamado pra trabalhar na cooperativa como extencionista. Aí na situação que eu me encontrava eu não tinha outra opção. Não tinha certo uma bolsa, embora depois o pessoal tenha conseguido uma bolsa de estudos, poderia estar terminando o mestrado agora, mas foi uma situação que acabou. Eu tinha que resolver, tinha que fazer. Aí

---

<sup>146</sup> MELCHIOR, Kleber Dreicy. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

larguei o mestrado, não me arrependo, claro que não, mas gostaria de ter, quero ainda cursar, até esse ano o objetivo é tentar, fazer a prova de novo, se não der aí paciência, ai vou deixar uns anos, continuar estudando e trabalhando.<sup>147</sup>

A desistência da pós-graduação por Cristian ocorreu em um período conturbado, no qual rememorou ter sido afetado, juntamente com sua família, por uma crise financeira que dificultou a realização de seu desejo de continuar estudando. Ao contrário do que ocorreu com Kleber, Cristian não alcançou os objetivos ao concluir o curso superior. Entretanto, Cristian contava com outras oportunidades diferentes das de Kleber. São circunstâncias exteriores e fora de seu controle que fizeram Cristian desistir do mestrado.

A narrativa de Cristian enfatizou a tentativa de conciliar o trabalho, devido a sua fragilidade financeira, com a vontade de continuar estudando através do ingresso no mestrado. Enquanto Kleber narrou o ingresso no mercado de trabalho como algo dado, a partir do qual projetou sua vida, no caso de Cristian esse processo apareceu inconcluso. Apesar de ter conseguido emprego, foi demitido do mesmo após um ano de trabalho. Em 2011 estava trabalhando como zootecnista de uma empresa de insumos para animais. Já no momento da entrevista, em 2010, era bolsista em um projeto de extensão da universidade. Por narrar um processo ainda não concluído, afloraram dificuldades que visualizava. Assim, a dificuldade de lidar com seus colegas de profissão, muitos deles antigos colegas de graduação, foi um processo sintomático:

Daí tem outras questões assim que, competição, os caras: - Não, você é um profissional formado, você tá competindo comigo. Eu já acho que não é bem assim, você está formado, eu e você estamos formados então vamos formar uma parceria, vamos trabalhar junto. É o que as grandes empresas fazem hoje, porque nós não podemos fazer? Então, é uma situação assim que eu enfrento um pouco e que algumas pessoas não vão muito com a minha cara, também não são obrigadas a me aceitar. Mas, outras pessoas já vão, já consigo conversar.<sup>148</sup>

Cada universitário marcou o período de egresso a partir de questões diferentes. Cristian optou por narrá-lo a partir de dificuldades vivenciadas. Nessa perspectiva, ao lidar com ex-colegas de faculdade, agora “colegas” de profissão, narra com

---

<sup>147</sup>LÜDKE, Cristian Jonas. Entrevista concedida a Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, março de 2010.

<sup>148</sup> Idem.

ressentimentos. Assim, até aqui, questões envolvidas ao mercado de trabalho foram narrados por Cristian como dificuldades mais atuantes em sua vivência. Num primeiro momento foram as dificuldades financeiras enfrentadas pelos pais que o impossibilitaram de continuar se mantendo na pós-graduação. Após isso, a dificuldade de lidar com colegas de trabalho que estariam demasiadamente imbuídos de um espírito competitivo que o incomodava, pois dificultava seu próprio crescimento profissional. Enquanto outros jovens narraram dificuldades ligadas ao mercado de trabalho, Cristian teceu a específica teia narrativa, enfatizando outras instâncias da vida que influenciaram na forma como experimentou o período de egresso.

Entretanto, Cristian narrou o momento de saída a partir das dificuldades encontradas justamente no ingresso do mercado de trabalho:

Sair da universidade e ir direto trabalhar é algo assim, um pouquinho, como é que eu vou dizer, difícil na verdade, porque aqui você tem uma fórmula de visão. Porque você vai lá, você acha que você é o Batman, você acha que vai lá salvar e mudar o mundo, você acha que vai mudar o mundo em uma semana, mas não é bem assim. Não precisa mudar o mundo, só tem de manter ele do jeito que tá e tentar melhorar. Mas é, se eu fosse pra classificar, difícil. Mas, em pouco tempo você domina, se tiver um pouquinho de habilidade de persuasão e de identificar os teus leques de trabalho, qual o teu real objetivo ali, você consegue dominar isso aí.<sup>149</sup>

Cristian pautou o momento pela dificuldade que os conhecimentos adquiridos na universidade têm de serem postos em prática no dia-a-dia do trabalho. Sua crítica se volta contra uma suposta necessidade, apreendida na universidade, de tentar “mudar o mundo” ou mudar a realidade encontrada fora da universidade. Assim, alguns desses aspectos estariam deslocados da realidade social encontrada fora dela. Tal noção está presente em outras falas, como, por exemplo, quando Wagner sentiu medo de ingressar no mercado de trabalho, por não saber se os seus conhecimentos seriam suficientemente eficientes na hora de serem utilizados. Essa noção de distanciamento foi sentida e incorporada subjetivamente às expectativas desses jovens. Ao imaginarem o ingresso em outras esferas sociais fora da universidade o fazem partindo do pressuposto de que há um distanciamento entre o conhecimento adquirido e o necessário à vida fora dela. Entretanto, não apenas o conhecimento teórico em si, o conhecimento prático é sentido dessa forma, mas também a própria forma de encarar a ocupação profissional pelos

---

<sup>149</sup> Idem.

graduados. Cristian lembrou que não é necessário, nem se deve, imaginar tal qual um super-herói, encarando a sociedade fora da universidade como um espaço que deve ser transformado pelos egressos. É interessante observar a narrativa desse processo:

Olha, difícil. Porque meu último dia de universidade foi meu primeiro dia de serviço. No dia que eu terminei aqui eu comecei a trabalhar lá. Mas, é totalmente uma coisa diferente, totalmente outra coisa. É experiência, você quebrando a cabeça, você vendo que tudo que você aprendeu aqui você tem de por lá fora, e tem de por de uma forma correta. E na formula lá fora, no campo, você acaba não sendo só um acadêmico, você acaba sendo um... Você é médico, você é professor, você é psicólogo, você é tudo pra depois exercer a sua profissão da qual você realmente tá lá pra exercer. Você exerce todas as profissões do mundo pra depois você chegar naquilo que realmente tá lá pra ajudar a pessoa.<sup>150</sup>

A necessidade de serem múltiplos profissionais num só para que finalmente possam exercer a profissão para a qual se formaram, expressa o afastamento narrado entre a universidade e a realidade fora dela. Enquanto a universidade investiria na especialização, as pessoas que são atendidas por Cristian o veem como aquele que possui uma diversidade de conhecimentos. Projetam nele necessidades, não levando em consideração a especialização proporcionada pela graduação. Ao lidarem com o zootecnista o veem como detentor de saberes dos quais necessitam, não necessariamente os quais ele realmente dominaria. Lidar com essa demanda tensiona tanto a relação com seu trabalho, quanto sua relação com os conhecimentos apreendidos na universidade.

O momento de conclusão do curso superior foi narrado pelos universitários a partir de um conjunto de tensões. São inúmeras as preocupações que as mobilizam. A expectativa em sair e a partir daí não ter um rumo certo para suas vidas, tanto profissional quanto pessoal, foi o mote das narrativas a respeito desse período. Se, em outros momentos, como quando narram vivências na cidade, o sentido construído para a universidade extrapola a noção utilitarista e pragmática de que a universidade serve apenas para qualificar a mão de obra, quando narram o processo de saída, a perspectiva de ingresso no mercado de trabalho foi o que moveu suas narrativas. Tal fato não deve ser extrapolado para a compreensão do sentido da universidade como um todo.

Como apontado, o ensino superior não é apenas um momento de passagem, de preparação para a vida posterior, mas é também um momento em si, vivenciado a partir

---

<sup>150</sup> Idem.

de suas prerrogativas e especificidades. Entretanto, não deixa de ser, também, o momento da preparação e de qualificação profissional, pois os jovens, ao menos aqueles aqui pesquisados, ao nela ingressarem, por mais que tenham outras expectativas e objetivos, desejaram cursar algo que seja uma futura possibilidade profissional. Nesse caminho, a vivência de cada um desses jovens e suas subjetividades ressignificam e transformam os objetivos. São as especificidade desse momento, aliadas à multiplicidade de vivências, que as compõem e que é por ela composta, que fazem com que o momento expresse a riqueza que aqui tentei explorar. Nesse caso, não dá para desconsiderar o papel fundamental que a universidade tem em suas vidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procurei problematizar experiências de estudantes universitários provenientes de diferentes locais e que vivenciaram o momento universitário como moradores de Marechal Cândido Rondon. Busquei perceber como a vivência universitária construiu e ressignificou suas memórias a respeito do período anterior ao ingresso no ensino superior, bem como, a respeito dessa própria experiência. Enquanto construção metodológica, utilizei principalmente aportes teórico-metodológicos da história oral.

Na tentativa de compreender trajetórias e memórias de estudantes universitários, sempre tendo claro que não poderia, nem me colocava esse papel, trabalhá-las em sua totalidade, problematizei diversas questões. Busquei discutir desde influências em suas sociabilidades, relações familiares, de amizades, entre outras, até tensões sentidas por estes jovens no contato com a cidade e a universidade. A partir desse esforço, pude perceber que estas questões, mesmo tendo sido trabalhadas exaustivamente, ainda permanecem abertas ao debate. Tive, durante todo o processo de escrita, a clareza de que a riqueza de assuntos levantados pelas experiências com as quais tomava contato não poderiam ser trabalhadas em sua completude. Tal noção, se por um lado foi frustrante, pois sentia que não daria conta de trabalhar o que desejava, por outro lado foi combustível na busca de respostas e questões.

Num primeiro momento, busquei perceber diferentes caminhos percorridos pelos jovens entre aqueles que chegaram até a universidade. Nesse sentido, dialoguei com relações familiares, estudantis, sociabilidades, entre outras dimensões, buscando perceber como estes espaços sociais foram articulados em suas memórias. Da discussão emergiu a ideia de que o caminho à universidade não era único; cada estudante narrou este processo de diferentes maneiras. Assim, chegar à universidade para um estudante proveniente do campo, como Tiago, foi visto como um momento a partir do qual seria aberta uma gama de oportunidades em sua vida. Marina, todavia, foi fortemente influenciada pelos desejos dos pais, mais especificamente da mãe, que via o ingresso como um acontecimento “natural” em sua trajetória.

Se o ato de ingressar no ensino superior não foi problematizado pelos estudantes, tendo sido narrado como um evento naturalizado, a opção por qual curso fazer foi rememorada a partir de muitas tensões. O momento da escolha quase sempre marcado

por pressões dos pais, pelas possibilidades oferecidas regionalmente, por condições financeiras, por influência de amigos e de conhecidos, entre outros fatores.

Assim, no primeiro momento foi possível perceber que a chegada à universidade assumiu sentidos específicos para cada um dos jovens estudados. As trajetórias analisadas de forma alguma davam conta de trabalhar todo o amálgama de sentidos, mas apontaram para essa diversidade.

Em seguida, tentei problematizar vivências universitárias na cidade. Nas entrevistas, vieram à tona um conjunto de tensões marcadas pelos estudantes em Marechal Cândido Rondon. No intuito de problematizar a questão, enfatizei conflitos e disputas narradas, problematizando diálogos interculturais entre eles e os diferentes grupos citadinos que estabeleciam relações com os mesmos. Para além dessas relações, foi possível perceber que ao chegarem à cidade dialogaram com ideias pré-concebidas. Assim, emergiu uma série de tensões na relação entre eles e a ideia de germanidade construída pelo discurso oficial local.

Das relações entre citadinos e universitários emergiu a percepção de que o vínculo com a instituição não se limitava aos seus muros. Vivenciar o momento universitário na cidade trazia especificidades que constituíam experiências enquanto estudantes. Tanto a universidade quanto a cidade apareceram como lugares múltiplos, através de diálogos interculturais. Estes não foram percebidos apenas como uma disputa pela cidade ou por um espaço dentro dela, mas também como um processo de elaboração e afirmação de identidades no qual se construiu uma noção relacional do “nós” e “eles”. Assim, ao narrarem conflitos e distanciamentos, os universitários estavam também marcando uma construção identitária.

A respeito da relação universitários/citadinos gostaria de destacar uma questão que ficou para próximos trabalhos. A pesquisa sobre a relação entre universitários e citadinos foi elaborada, basicamente, a partir de narrativas desses estudantes. Acredito que a partir de narrativas de moradores que, direta ou indiretamente, foram articuladas pela presença dos universitários na cidade, poderia vislumbrar um leque de problemáticas ausentes nas narrativas dos estudantes. Creio que esta perspectiva poderia contribuir sobremaneira ao entendimento da presença dos estudantes universitários na cidade.

Por fim, busquei problematizar experiências de egresso dos estudantes entrevistados. Os universitários, tanto os que já haviam concluído o curso, quanto os que ainda estavam na graduação, buscaram marcar estes momentos, principalmente, a

partir das vivências de ingresso no mercado de trabalho. Assim, a preocupação em conquistar um bom emprego permeou suas narrativas. Para além dessa questão, narraram outros sentidos, percebendo-a também como lugar de sociabilidades, lazer, crescimentos pessoal, autoestima, entre outros. Assim, a universidade não foi tomada apenas como um espaço de formação profissional, mas como um espaço de múltiplos e cambiantes sentidos.

A realização de entrevistas orais foi a forma utilizada para perceber as questões propostas ao trabalho. Pesquisar utilizando-se desta metodologia foi um grande desafio e, ao mesmo tempo, uma grata surpresa. Assim, muitas questões ao serem pensadas apareceriam logo no início da pesquisa. A proximidade e identificação existente entre eu e meus entrevistados, enquanto participantes de um mesmo grupo social, foi o primeiro e o que mais marcou. Construir uma postura de afastamento, objetivando aprofundar análises de entrevistas não foi algo fácil. Entretanto, conforme avançava nas discussões e aprofundava os meandros da história oral, percebia que havia optado pelo caminho mais produtivo. A possibilidade de trabalhar historicamente com um objeto situado no tempo presente e que tinha grande proximidade com minha própria trajetória, além de desafiante, trouxe avanços para minha formação enquanto historiador. Construir uma relação de alteridade na pesquisa extrapola a dimensão do historiador, avançando largos passos na direção de outras instâncias de minha própria pessoa.

Tendo em vista as questões em aberto, ou que surgiram a partir da feitura desta pesquisa, creio que busquei aprofundar no campo historiográfico, mesmo que de maneira modesta, a discussão acerca da juventude na vida urbana. Principalmente por trazer para o debate entre meus pares a juventude na contemporaneidade, pensando-a enquanto um momento específico, não descolado das demais dimensões da vida dos sujeitos. Sendo assim, termino com a esperança de que este trabalho tenha trazido contribuições, não apenas para a historiografia, mas que a partir dele se possa pensar nos jovens universitários. Que sejam percebidos não apenas a partir de listas de chamadas ou de estatísticas de ingresso e egresso, mas como sujeitos históricos no amplo sentido deste conceito.

## BIBLIOGRAFIA

ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Tereza; FERREIRA JR., Edisio. **Jovens e Juventudes**. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2005.

ARANTES, Antônio Augusto. Desigualdade e diferença: cultura e cidadania em tempos de globalização. **Paisagens Paulistanas**. Campinas: Editora da Unicamp/Imprensa Oficial, 2000.

\_\_\_\_\_ Paisagem de história: a devoração dos 500 anos. **Projeto História**. São Paulo: PUC/SP, 2000.

ARFUCH, Leonor. (org) **Identidades, sujetos y subjetividades**. 2. Ed. Buenos Aires: PrometeoLibros, 2005.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARROS, Myrian Lins de. **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petropolis: Vozes, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidades: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_ **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_ **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOURDIEU, P. **O Campo científico**. ORTIZ, R. (org.). Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, p.122-155, 1983.

\_\_\_\_\_ “Espaço social e Espaço simbólico”. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_ **Homo Academicus**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

CHALLOUB, Sidney. **Cidade Febril**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

CARDOSO, Ciro. F. e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**. São Paulo: EDUC, 2001.

CUCHÊ, Dennys. **A noção de Cultura nas Ciências Sociais**. São Paulo: EDUSP, 1999.

DAYRELL, Juarez. O Jovem Como Sujeito Social. In: **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. P.156.

DESCHAMPS, Jean-Claude; MOLINER, Pascal. **A Identidade em Psicologia Social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

DUARTE, Geni Rosa (Org.); KRAMER, MériFrotscher (Org.), LAVERDI, Robson. (Org.). **História, Práticas Culturais e Identidades: abordagens teórico-metodológicas**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2009.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GINZBURG, Carlo. **O Fio e os Rastros – verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

HALL, Stuart. A questão multicultural. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG/UNESCO, 2003.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Trad. De Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

JELIN, Elizabeth. Cidadania e alteridade: o reconhecimento da pluralidade. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro: IPHAN, n° 24, 1996.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004.

KRAMER, MériFrotscher (Org.); DUARTE, Geni Rosa (Org.); LAVERDI, Robson. (Org.). **Práticas socioculturais como fazer histórico**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2009.

LAVERDI, Robson. Mercantilização da Cultura e Permeabilidade do Social. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon: Ano VII, N°. Especial. 28-29. 2º Semestre, 2006.

\_\_\_\_\_ **Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo-Oeste do Paraná**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ed. Ática, 1980.

\_\_\_\_\_ **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens: Da Antiguidade à Era Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEVI, Giovanni. SOBRE A MICRO-HISTÓRIA. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Ana Palmira B. S.; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. (orgs) **História, Cultura e Educação**. Campinas: Autores Associados, 2006.

LINK, Luciane. **UNIOESTE Como Vetor de Transformações Sócio-Espaciais: O Caso de Marechal Cândido Rondon-PR**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Marechal Cândido Rondon. 2008.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. **Cotidiano Escolar: emergência e invenção**. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo: IEB, n°. 34, 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC/SP, n.º. 10, 1993.

PAGLIARINI, Raphael. **Tensões e práticas sociais na constituição do Conjunto Habitacional São Lucas de Marechal Cândido Rondon – Paraná. (1995-2005)**. Marechal Cândido Rondon, 2006. Trabalho Acadêmico (TCC) – História – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, vol. 2, n.º. 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Ética e História Oral. PROJETO HISTÓRIA**. São Paulo: n.º15, 1997.

\_\_\_\_\_ Forma e Significado na História Oral. A Pesquisa como um Experimento em Igualdade. **PROJETO HISTÓRIA**. São Paulo: Fevereiro, 2007.

\_\_\_\_\_ A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, n.º2, 1996.

\_\_\_\_\_ Ensaio de História Oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

QUEIROS, I. L. V. B. G. **Oktoberfest/1997: Tradição Inventada para o lazer dos teuto-brasileiros**. In: Espaço Plural (UNIOESTE) v. VII. P.24-27, 2006.

QUEIROS, I. L. V. B. Ginzburg; ROSA, Maria Cristina; PIMENTEL, Giuliano Ginzburg de Assis. **Festa, Lazer e Cultura**. 1ª ed. São Paulo: Editora Papyrus, 2002.

RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: **Enciclopédia Einaudi**, vol. 8. Lisboa: Casa da Moeda, 1986. 396-487.

SAATKAMP, Venilda. **Desafios, lutas e conquistas: história de Marechal Cândido Rondon**. Cascavel: Assoeste, 1984.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SAINTOUT, Florencia. **Jovenes: El futuro llegohace rato**. Buenos Aires: PrometeoLibros, 2009.

SENETT, Richard. **Carne e Pedra – o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) **Identidades e Diferenças**. Petropolis: Vozes, 2009.

THOMPSON, Edward P. **A Formação da Classe Trabalhadora Inglesa**. A Árvore da Liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_ **A Peculiaridade dos ingleses e outros escritos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias**. Projeto História, São Paulo, n.15, abr. 1997.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina. (orgs) **Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade: na História e na Literatura**. São Paulo: Cia. das Letras. 1989.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

## FONTES

Entrevista de Marina Abrondavi, 20 anos, aluna do 3º ano do curso de Direito. Nascida e crescida na cidade de Cascavel - PR, mudou-se para Marechal Cândido Rondon em meados de 2008. Atualmente está no início do 5º ano do curso. Reside em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 26 de março de 2010.

Entrevista com Fernando Olavo Martins Almeida, vulgo Paraíba, 26 anos, aluno do 5º ano do curso de Zootecnia. Ingressou na universidade em 2003, quando se mudou, juntamente com sua irmã, da cidade de Salto do Lontra – PR, para Marechal Cândido Rondon. Paraíba ainda está cursando a universidade. Reside em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 30 de maio de 2010.

Entrevista com Diego Augusto ArolloGamaro, 22 anos, aluno do 5º ano de Agronomia. Ingressou na universidade em 2005, quando se deslocou do município de Terra Roxa – PR para Marechal Cândido Rondon. Atualmente trabalha numa empresa de assistência técnica para agricultores na região de Palotina. Reside em Palotina. Narrativa gravada em 12 de maio de 2009.

Entrevista com Cristian Jonas Lüdke, 25 anos, egresso do curso de Zootecnia. Ingressou na universidade em 2004, momento em que se mudou do distrito de São Roque, interior do município de Marechal Cândido Rondon, para sua sede. Atualmente trabalha numa empresa de assistência técnica na área de Zootecnia. Reside em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 18 de março de 2010.

Entrevista com Kleber Dreicy Melchior, 32 anos, egresso do curso de História. Ingressou na universidade em 2004 mudando-se da cidade de Cascavel para Marechal Cândido Rondon. Atualmente é professor de História na rede privada de ensino em São Miguel do Iguçu. É aluno do Programa de Pós Graduação em nível de Mestrado Interdisciplinar na Unioeste *campus* de Foz do Iguçu, encontra-se no 4º semestre. Reside em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 13 de março de 2010.

Entrevista com Tiago Orben, 20 anos, aluno do 3º ano do curso de História. Ingressou na universidade em 2007, quando se mudou de Verê - PR para Marechal Cândido

Rondon. Atualmente Tiago continua vinculado ao curso de História, prevendo formar-se ao fim deste ano letivo. Reside em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 16 de julho de 2009.

Entrevista com Nicheli Rodriguez Santos, 20 anos, aluna do 3º ano do curso de História. Nicheli ingressou na universidade em 2007, deslocando-se da cidade de Toledo - PR onde residia há um ano após ter migrado de Primavera do Leste – MT para esta cidade. Formou-se em 2010 e no ano seguinte ingressou, com bolsa, no Programa de Mestrado em História da Unioeste *campus* de Marechal Cândido Rondon. Reside em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 30 de novembro de 2009.

Entrevista com Wagner Tiago Mozart da Silva, 28 anos, egresso do curso de Zootecnia. Ingressou na universidade em 2003, quando se mudou de Xanxerê - SC para Marechal Cândido Rondon. Casado, dois filhos, concluiu seu curso de mestrado em Zootecnia no segundo semestre de 2010. Atualmente trabalha numa empresa de assistência técnica na área de Zootecnia na cidade de Cafelândia. Reside em Cafelândia, mas sua esposa e uma filha continuam em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 15 de março de 2010.